

**UNIVERSIDADE ESTADUAL DO PARANÁ
CAMPUS DE CAMPO MOURÃO
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS E DA EDUCAÇÃO**

**PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM HISTÓRIA PÚBLICA
NÍVEL DE MESTRADO**

VANESSA MAYUMI MATSUOKA

**DESDE O INÍCIO, AS MULHERES ERAM O SOL: REFLEXÃO SOBRE
A AUTOBIOGRAFIA DE RAICHÔ HIRATSUKA EM DIÁLOGO COM
A HISTÓRIA PÚBLICA E O FEMINISMO JAPONÊS**

**CAMPO MOURÃO – PR
2021**

VANESSA MAYUMI MATSUOKA

**DESDE O INÍCIO, AS MULHERES ERAM O SOL: REFLEXÃO SOBRE
A AUTOBIOGRAFIA DE RAICHÔ HIRATSUKA EM DIÁLOGO COM
A HISTÓRIA PÚBLICA E O FEMINISMO JAPONÊS**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em História Pública – PPGHP, nível Mestrado, da Universidade Estadual do Paraná (UNESPAR), como requisito parcial para obtenção do título de Mestre.

Linha de Pesquisa: Saberes e Linguagens

Orientadora: Prof^ª. Dr^ª. Cláudia Priori

**CAMPO MOURÃO – PR
2021**

Ficha de identificação da obra elaborada pela Biblioteca

UNESPAR/Campus de Campo Mourão

Bibliotecária Responsável: Liane Cordeiro da Silva CRB 1153/9

Matsuoka, Vanessa Mayumi

M434d Desde o início, as mulheres eram o sol: reflexão sobre a autobiografia de Raichō Hiratsuka em diálogo com a História Pública e o feminismo japonês. / Vanessa Mayumi Matsuoka. -- Campo Mourão, 2021.

105 f. : il.; Color.

Orientador: Dra. Claudia Priori.

Dissertação (Mestrado) – UNESPAR - Universidade Estadual do Paraná, Programa de Pós-Graduação em História Pública (PPGHP), 2021.

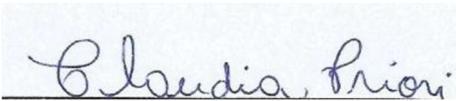
Linha de Pesquisa: Saberes e Linguagens.

1. Autobiografia. 2. Mulheres. 3. História Pública. 4. Movimento Feminista. I. Priori, Claudia (orient). II. Universidade Estadual do Paraná–Campus Campo Mourão, PR. III. UNESPAR. IV. Título.

VANESSA MAYUMI MATSUOKA

**DESDE O INÍCIO, AS MULHERES ERAM O SOL: REFLEXÃO SOBRE A
AUTOBIOGRAFIA DE RAICHÔ HIRATSUKA EM DIÁLOGO COM A HISTÓRIA
PÚBLICA E O FEMINISMO JAPONÊS**

BANCA EXAMINADORA



Dra. Claudia Piori (orientadora) – Programa de Pós-Graduação em História Pública – PPGHP/Universidade Estadual do Paraná – Unespar



Dra. Alba Krishna Topan Feldman – Programa de Pós-Graduação em Letras – PLE – Universidade Estadual de Maringá – UEM



Dra. Isabela Candeloro Campoi – Curso de História – Universidade Estadual do Paraná-
Campus de Paranavaí

Data de Aprovação

26/08/2021

Campo Mourão – PR

AGRADECIMENTOS

Pode soar estranho a quem for ler este início de agradecimentos, mas primeiramente sou extremamente grata por Raichô Hiratsuka, ela me ensinou um mar de coisas que eu nem imaginava que estavam aí. Suas palavras foram minhas companheiras nos dias e nas noites ao longo desses dois anos e meio. Escrever o capítulo dois foi mais doloroso do que muitos possam imaginar, sua juventude e sua tentativa de suicídio, mesmo sendo tão distante temporalmente, me fez viajar para dentro de sua inexistência social para a entender em sua mentalidade, que o único caminho visível para ela neste momento, fosse sua morte. Ao mesmo tempo me senti viva e forte ao escrever o terceiro, com seu encontro com os livros de Ellen Key, que a ajudaram a firmar sua identidade de feminista em comunhão com seu amor pela maternidade, que no momento era pouco compreendido por terem questões constitucionais mais emergências para os movimentos das mulheres do século XX. Então muito obrigada Raichô, minha companheira de chás!

Esse trabalho não teria sido possível, nos moldes que ele foi, sem o Programa de Pós Graduação em História Pública da Unespar de Campo Mourão. Posso dizer com orgulho que faço parte da primeira turma de mestrandos deste programa. Meus planos de fazer um mestrado, sempre me levavam para longe, eu teria que ficar longe de todos que me preenchem com amor desde os meus pais, namorado, amigos e até meus gatos. E meus felinos foram fundamentais para meu mínimo de sanidade mental nesses quase dois anos de Pandemia.

Serei eternamente grata pela paciência de minha orientadora Claudia Priori, não sei se outra orientadora teria tanta calma com os meus milhões de problemas que resolveram surgir na minha vida pessoal ao longo da escrita. Só quem passa por esse processo é capaz de acreditar que existem forças no Universo maiores que nós, capaz de colocar vários obstáculos unidos justamente no momento da escrita. Ao mesmo tempo, eficaz em colocar as pessoas certas ao nosso redor neste momento. Agradeço imensamente a banca formada na qualificação e na defesa, além dos convites terem sido feitos com muita admiração por suas trajetórias acadêmicas e carreiras, foram realizados com amor também.

José Victor de Lara, eu sou uma feminista apaixonada por este homem só ele foi e é capaz de derrubar toda a minha insegurança e ajudar a me sentir segura frente aos obstáculos da vida. Meu amor, muito obrigado por não me deixar desistir nem por um segundo desta dissertação, por acreditar em mim mais do que eu mesma acredito. Por ser essa força que todas as vezes, em meio a essa pandemia, que eu estive no chão e com medo de sequer olhar para o

mundo lá fora, não só me levantou, mas me carregou quando preciso. Muitas vezes me levantei sozinha e acreditei em mim por simplesmente ver ele tão seguro de suas escolhas acadêmicas, tão majestoso dando aula e tão empenhado e energético pesquisando as coisas para o seu doutorado. Obrigada por ser esse ser humano que eu tanto amo e admiro.

É claro que não poderiam faltar os agradecimentos aos meus pais Marli e Jorge obrigada por financiar todas as minhas idas e vindas de Campo Mourão, agradeço todos os dias por vocês existirem em minha vida. E a família do meu namorado aos tios e tias, avós e avô, aos primos que ganhei e a minha cunhada Caroline, mas em especial aos meus sogros Silvana e José Antônio por me acolherem em Campo Mourão sempre que foi necessário ao longo das matérias. Foi em 2019 que eu comecei a ver e sentir vocês, como meus pais de outra cidade. Agora eu tenho dois pais e duas mães em duas cidades diferentes. Foram extremamente fundamentais para que eu pudesse fazer as matérias. Rafaela, Marcela, Ana Laura e Cristiano obrigada por dividir o mesmo carro às 6:30h da manhã até Campo Mourão e as voltas no fim da tarde, carrego com amor as lembranças de nossas micro viagens.

Agradeço a todos os amigos e colegas que em todos os encontros permitiram que eu discursasse sobre meus avanços na pesquisa e refletíssemos juntos sobre intersecções e entrelaçamentos transacionais sobre a intelectualidade de Raichô, e sobre o papel da História Pública no Brasil. Em especial que eu realmente preciso deixar esse agradecimento aqui, por escrito Júlia, Paola e Bárbara, a amizade de vocês foi de grandiosíssima importância em saber que eu sempre podia contar com vocês nas horas de desespero, e a segurança de poder sumir e reaparecer no nosso grupo de conversa, ou me afundar no sofá em silêncio, foram mais valiosas do que vocês imaginam. Eu realmente acreditei que no final da pandemia e na defesa da dissertação eu não teria mais nenhuma amiga, mas tenho três firmes e fortes!

E por último um agradecimento que ultrapassa a fronteira desses dois anos de escrita, mas a pessoa que me ensinou a ser boa, me ensinou a dar amor e a receber minha avó Otacília Maria Gonçalves Woloscki. Se hoje eu tenho sensibilidade para a causa das mulheres, foi por causa dela. Eu não conseguiria ter forças para terminar este mestrado se ela não tivesse se despedido de mim. Ela tampouco sabia o que era um mestrado, mas na tarde de domingo anterior a sua partida, ela me disse que não precisaria me ver conquistando o título de mestre, mas se era o que eu amava fazer que eu não deveria parar, que eu deveria continuar nos meus estudos. Acredito que seja uma disputa boa entre o amor que eu sinto por ela e a saudade que ela deixou, para saber quem é maior. Em suma agradeço a todos que passaram por mim ao

longo deste mestrado, a gentileza deles me permitiram ter sanidade em meio a pandemia suficientes para desenvolver este trabalho.

FIGURAS

- Figura 1: Foto à esquerda de Raichô jovem e a direita dela já mais de idade, não sabemos ao certo a idade que ela tinha em cada foto. 11
- Figura 2: Mapa referente ao período do regime *Bakufu* (1603-1868) da qual a capital administrativa que sediava a família Tokugawa era *Edo* (atual Tóquio). 19
- Figura 3: Foto do grupo inicial da revista *Seitô*, Raichô é a primeira do lado direito. 34
- Figura 4: Monte Shiobara, localização do da região que Raichô e Morita foram ao tentar o duplo suicídio. 47
- Figura 5: Primeira capa da Revista *Seitô*, criada por Chieko Takamura. 52
- Figura 6: Capa da Revista *Seitô* criada por Otake Kokichi. 58
- Figura 7: Foto de Ellen Key retirada em 1885. 62
- Figura 8: Foto de Iô Nôe retirada entre 1910-1923. 77
- Figura 9 - Foto de uma das regiões atingidas pelo terremoto Kantô. 83

RESUMO

MATSUOKA, Vanessa M. **Desde o Início, As Mulheres Eram o Sol: reflexão sobre a autobiografia de Raichô Hiratsuka em diálogo com a História Pública e o feminismo japonês.** Dissertação. Programa de Pós-Graduação em História Pública - Mestrado. Universidade Estadual do Paraná, Campus de Campo Mourão. Campo Mourão, 2021.

Esta pesquisa tem como fonte primária a autobiografia da ativista política Raichô Hiratsuka, intitulada *In the Beginning Woman was the Sun: the autobiography of a japanese feminist (2006)* apresentou um relato sobre sua vida até 1917. No estudo, apresentamos o contexto japonês da segunda metade do século XIX e início do século XX, para situarmos o surgimento de um movimento feminista nascente em torno da Revista Seitô pela ótica de Raichô. Analisada também a partir da metodologia da História Pública, uma prática que não é novidade na historiografia, mas atualmente tem alcançado maior debate. Em suma, o principal objetivo é o público, e o movimento que o conhecimento histórico faz desde sua criação por esse público amplo, como por construção no formato da historiografia em conjunto e por último como disseminação desse material. O grupo formador da revista, sob liderança de nossa protagonista, possuía como ideal o conceito “de mulher para mulher” e praticava um contato direto com suas leitoras mediante cartas promovendo e disseminando a conscientização sobre o lugar social das mulheres na sociedade japonesa, se utilizando da prática de compartilhamento de autoridade, e disseminação de conhecimento histórico, ferramentas fundamentais para analisarmos pelo campo da História Pública. Observamos como Raichô Hiratsuka em contato com ideias ocidentais, principalmente advindas da escritora sueca Ellen Key (1849-1926), as reinterpreto ao pensar sobre as mulheres, incorporando elementos de sua própria cultura, atuou num contexto de consolidação de uma reforma conservadora no Japão, promovendo um espaço de diálogo e ruptura com o modelo tradicional de comportamento. E ao analisarmos sua autobiografia tivemos acesso a outros movimentos que formaram o pensamento da japonesa moderna no mercado de trabalho.

Palavras-chave: Autobiografia; Feminismo; História Pública; Japão; Mulheres.

ABSTRACT

This research has as its primary source the autobiography of political activist Raichô Hiratsuka, entitled *In the Beginning Woman was the Sun: the autobiography of a Japanese feminist* (2006) presented an account of his life until 1917. In the study, we present the Japanese context of the second half of the 19th century and the beginning of the 20th century, in order to situate the emergence of a nascent feminist movement around the *Revista Seitô* from the perspective of Raichô. Also analyzed from the methodology of Public History, a practice that is not new in historiography, but currently has reached greater debate. In short, the main objective is the public, and the movement that historical knowledge has made since its creation by this broad public, as by construction in the format of historiography as a whole and, finally, as the dissemination of this material. The group that formed the magazine, under the leadership of our protagonist, had as ideal the concept of "woman to woman" and practiced direct contact with its readers through letters promoting and spreading awareness about the social place of women in Japanese society, using from the practice of sharing authority, and disseminating historical knowledge, fundamental tools for us to analyze in the field of Public History. We observe how Raichô Hiratsuka in contact with Western ideas, mainly coming from the Swedish writer Ellen Key (1849-1926), reinterpreted them when thinking about women, incorporating elements of their own culture, acted in a context of consolidation of a conservative reform in Japan, promoting a space for dialogue and break with the traditional model of behavior. And when we analyzed her autobiography, we had access to other movements that shaped the thinking of the modern Japanese woman in the labor market.

Keywords: Autobiography; Feminism; Public History; Japan; Women.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	1
CAPÍTULO 1: DE TOKUGAWA ATÉ AS POLÍTICAS DE EDUCAÇÃO PÚBLICA.	10
1.1 Regime <i>Bakufu</i> e a volta dos imperadores governantes.	15
1.2 Educação para todos.	20
CAPÍTULO 2: RAICHÔ HIRATSUKA E A CRIAÇÃO DA REVISTA SEITÔ	34
2.1 O encontro com Raichô Hiratsuka	36
2.2 Deus e Moral	42
2.3 Incidente Shiobara	47
2.4 A Revista Seitô	52
CAPÍTULO 3: FEMINISMO LIBERAL: INFLUÊNCIAS NA VIDA DE RAICHÔ	59
3.1 Quem foi Ellen Key?	62
3.2 O século das crianças, Amor e Casamento, Movimento das Mulheres: influências em Raichô	66
3.3 Itô Nôe	76
CONSIDERAÇÕES FINAIS	86
REFERÊNCIAS	93

INTRODUÇÃO

No começo, a mulher era verdadeiramente o sol. Uma autêntica pessoa. Agora ela é a lua, uma lua pálida e doentia, dependente de outra, refletindo o brilho dos outros. Seitô anuncia seu nascimento. Criado pelos cérebros e mãos das mulheres japonesas de hoje, levanta em choro e grita como uma criança recém-nascida. Hoje, tudo o que uma mulher faz, convida à risada desdenhosa. Eu sei muito bem o que está por trás dessa risada desdenhosa. No entanto, não tenho medo de nada. Mas então, pergunto, o que devemos fazer a respeito das muitas mulheres que persistem em envergonhar-se e vergonha de si mesmas? A mulher é tão inútil que ela só traz náusea? Não! Uma pessoa autêntica não é assim (HIRATSUKA, 2006, p.229).¹

Em uma reflexão breve sobre a construção do sentimento de responsabilidade no âmbito privado embutido nas mulheres e relacionado ao papel de mãe, pensamos em três figuras clássicas: Pandora, Eva e Amaterasu. Na mitologia grega, Pandora era a primogênita de Zeus, a primeira mulher humana criada, e possuía como maldição o dever de proteger uma caixa que guardava todos os males humanos: a velhice, as doenças, a loucura e a paixão. Epimeteu, seu esposo, convenceu Pandora a abrir a caixa, o que permitiu que todos os males atingissem a humanidade, mas ela conseguiu proteger a esperança, o único bem de sua caixa permitindo com que a humanidade não temesse irracionalmente os males liberados, tornando a vida possível. De acordo com Dora e Erwin Panofsky (1953) a caixa significa o útero de Pandora, ao abri-la ao seu marido ela pode ter filhas, o mito considera todas as mulheres recipientes de todos os bens e males que ela carregou. O mito original descreve que a caixa possuía flores silvestres, prata e uma coroa de ouro feita por Zeus (PANOFSKY, 1953). Pandora se tornou assim a salvação por trazer ao mundo algo belo, o poder de procriar e dar vida, mas recebeu na mesma medida a responsabilidade com os cuidados mais minuciosos sobre a humanidade, além de ser uma figura vista como amaldiçoada.

Na Bíblia judaico-cristã, no capítulo Gênesis, Eva é também a primeira mulher criada por Deus, pelas costelas de Adão, e quem cometeu o primeiro pecado ao morder a maçã da árvore proibida por Deus. Sendo a única regra imposta às criaturas, Adão e Eva, ao infringirem a ordem acabaram sendo expulsos do paraíso e seus descendentes se tornaram pecadores pela

¹ In the beginning, woman was truly the sun. An authentic person. Now she is the moon, a wan and sickly moon, dependent on another, reflecting another's brilliance. Seitô herewith announces its birth. Created by the brains and hands of Japanese women today, it raises its cry like a newborn child. Today, whatever a woman does invites scornful laughter. I know full well what lurks behind this scornful laughter. Yet I do not fear in the least. But then, I ask, what are we to do about the pitiful lot of women who persist in heaping shame and disgrace on themselves? Is a woman so worthless that she brings on only nausea? No! An authentic person is not).>>Trecho retirado da revista Seitô de 1911 por Raichô Hiratsuka em sua autobiografia *In the Begining Woman was the Sun*, 2006.

falha de Eva, e impedidos de viver no paraíso. Eva foi a primeira a desobedecer e ao seduzir Adão para segui-la pelo mesmo caminho, ela foi considerada pela Igreja e por seus seguidores e seguidoras como aquela que causou o pecado original e seduziu o homem na ofensa a Deus. A explicação trazida pela Bíblia Sagrada sobre a criação humana que era “a imagem e semelhança de Deus” não viver no paraíso se deu por uma fraqueza da mulher que seduziu o homem para também cometer o pecado.

A terceira figura mencionada é a entidade ou deidade Amaterasu, presente na mitologia de criação do Japão, que deu origem à religião Xintoísta. Amaterasu era o sol que irradiava a morada dos deuses e afugentava os monstros. De acordo com o *Kojiki* – a fonte histórica escrita mais antiga que ensina como verdadeira o mito de criação do Japão -, acredita-se que no arquipélago japonês habitam mais de três mil deidades compostas pela natureza, as pedras, os rios, as árvores, elencando todos esses elementos como deuses. A mitologia narra um evento anterior à criação dos humanos da qual a Amaterasu zela o mundo com todo o seu amor. Até que seu irmão Susano, a deidade da tempestade, dos mares e da guerra chega em uma visita surpresa. Por descuido, o Susano acaba por destruir todas as belas coisas criadas e cultivadas por Amaterasu que, por sua vez, se esconde em uma caverna a fim de não enxergar a destruição.

Susano parte novamente para seu refúgio percebendo que havia entristecido sua irmã, porém, Amaterasu permaneceu na caverna a chorar. Os monstros e demônios começaram a sair de seus esconderijos e a atormentar os outros deuses. As outras deidades temendo a presença da escuridão, clamaram pela volta da luz de Amaterasu e tiveram a ideia de organizar um festival, no qual os choros foram trocados por música e risos, dizendo que a mais bela das deusas iria aparecer. Curiosa, Amaterasu saiu da caverna para ver quem era a mais bela que anunciavam os cânticos e viu sua imagem refletida em um espelho posto na saída da caverna. Radiante de alegria, ela voltou a reinar, afugentando os monstros e demônios para os seus esconderijos. Ela, não diferente de Pandora e Eva, também é conhecida como mãe dos humanos. Tal como os mitos de criação do Ocidente, tanto grego, como cristão, no Oriente também foi reservado à mulher o papel de responsável, de progenitora e em caso de ausência ou falha sua, seus filhos e dependentes sofreriam as consequências.

Observamos as mitologias de três protagonistas fortes que cometeram “pecados” ou se “ausentaram” de uma forma considerada inapropriada. Uma comeu um fruto proibido, outra engravidou e se abriu para o marido e a última quando se ausentou de seus cuidados com o seu lar, causou sérios danos. Os homens também fazem parte dessas histórias. O primeiro, da mesma forma que a mulher comeu algo proibido, o segundo era o marido que incentivou a abrir a caixa e o terceiro, o soldado bagunceiro que teve saudades da irmã. Mas, o foco sempre se

volta para a mulher que transgrediu, que seduziu, que questionou, que se fragilizou no seu papel como cuidadora. Isso nos fez refletir sobre mulheres de um contexto muito diferente do nosso: as japonesas, mas quando observamos a imposição de nossos papéis cobrados pela sociedade, vemos paridades. As cobranças são feitas por mães inteligentes, cuidadoras, esposas submissas, companheiras, e no geral, delicadas e meigas.

A escritora e feminista Raichô Hiratsuka (1886-1971) não esteve distante desse cenário. Imersa e sendo fruto da sociedade japonesa da Era Meiji, descreveu em sua autobiografia *In the Beginning Woman was the Sun* (2006), as memórias de sua infância, educação e vida adulta até o ano de 1917. Iniciou descrevendo o festival que celebrou a implementação da Constituição Meiji (1889). Esse episódio foi algo estratégico utilizado pela autora, que ao longo de sua obra se tornou objeto central na qual problematiza o papel relegado às mulheres contemporâneas e partidárias a ela na constituição do período. Para Raichô, as mulheres foram sendo deixadas em segunda instância em um momento de modernização da sociedade japonesa e do contexto de guerras em busca de expansão territorial, tendo seu poder político e educacional reduzidos, como se fossem pecadoras ou que possuíssem algum defeito diante dos homens.

Não à toa, Raichô abre seu manifesto de inauguração da Revista Seitô em 1911, evocando Amaterasu e sua força, que em outras eras legitimou o poder de Imperatrizes para governar o arquipélago. Nessa visão, as mulheres possuem uma linhagem imperial e “divina”. Isso demonstra claramente o posicionamento da revista, que veio a se tornar seu projeto mais bem sucedido, sendo considerado a porta oficial da abertura do feminismo no Japão.

Essa manifestação se encontra de forma descritiva em sua autobiografia, que passou por uma transição linguística. Da obra original escrita em japonês e lançada em duas partes em 1971 e 1972 para a tradução em inglês de Teruko Craig lançada em 2006, para então chegarmos às análises dessa pesquisa de escrita e interpretação para o português brasileiro. Por si só essa trajetória poderia produzir uma dissertação à parte, porém aqui nos submetemos a explicar sobre essa construção de forma sintética. Este contraste entre uma movimentação linguística, os anos de publicação em cada país (Japão e Estados Unidos da América) e o olhar analítico atual que damos a essa obra, demonstramos a importância de se arguir sobre figuras femininas e suas importâncias para o entendimento de um feminismo como um todo.

Para compreender melhor o contexto e os traços de mentalidade que compõem a vida de Raichô, buscamos na fonte escrita mais antiga do Japão o *Kojiki* ou *Records of Ancient Matters* que valida o poder da linhagem imperial até os dias de hoje. Isso é fundamental devido a importância do livro na sociedade japonesa do qual passou de narrativa de mito de criação na religião Xintoísta para quase ser confundido com a própria identidade japonesa, estando esses

mitos presentes no cotidiano das pessoas (HARDACRE, 2017). Em seu manifesto ela buscou trazer certos elementos da primeira onda feminista – que ocorreu no século XIX e início do século XX nos países europeus e Estados Unidos da América – de uma forma que fosse quase natural e acolhedora para as japonesas de seu mesmo período.

Para compreender a justificativa de Raichô em evocar o mito da Amateratsu, precisamos analisar o *Kojiki*. O livro em questão foi encomendado pelo imperador Jinmu, que segundo a linhagem, Amateratsu seria sua tataravó. A obra só foi finalizada em 712 d.C. no período regido pela Imperatriz governante Gemmei, neta de Jinmu. Ao refletir sobre o contexto em que a obra foi escrita, período conhecido como Yamato que vai da segunda metade do século III d.C. até o ano de 710. O Japão havia passado no século VI por uma unificação sob a liderança da família Yamato a qual possuíam como ideal o fortalecimento dos laços diplomáticos entre os países da Ásia Oriental (HUFFMAN, 2010).

Nesse período não havia apenas uma religião oficial, mas sim um emaranhado de cultos e ritos japoneses em diálogo principalmente com as religiosidades chinesas como o confucionismo, o budismo, os cultos de imortalidade de *yin* e *yang*², a astrologia chinesa, entre outros. Em meados do século VII um sistema foi implantado como forma de centralizar o estilo de ritos e cultos chineses no Japão, chamado *Ritsuryô*. Todavia, houve resistência dos adeptos do sistema *Jingiryô* (lei dos *Kami*), que era constituído de um calendário de rituais, responsável por manter vivo o sistema nativo e unir o reino terrestre ao *Kami*³. Dessa forma, a solução encontrada pela monarquia japonesa foi unir os dois sistemas, formando o Xintoísmo e é dentro desses parâmetros que o *Kojiki* acabou por se tornar a principal obra da religião Xintô, por relatar histórias creditadas como verdadeiras dos mais de três mil deuses e deusas, incluindo Amaterasu e Susanoo (HARDACRE, 2017).

Ao longo dos séculos, o *Kojiki* foi esquecido, suas histórias continuam vivas nas crenças populares, mas o compilado em si foi mantido nas sombras pelos imperadores. Somente no século X é que houve um movimento, novamente encabeçado por um imperador, em revalidar o poder de Amaterasu para reforçar sua linhagem divina perante os súditos. Sendo o *Jingiryô* o sistema político-religioso tradicional do berço japonês, era através desse mesmo sistema que os imperadores se apoiavam para legitimar seu poder. A grande influência da China no Japão se estendeu por muitos séculos, ameaçando o poder imperial e as tradições japonesas. Em 938 d.C. o espelho sagrado de Amaterasu, que é chamado em japonês de *Ishikoridome*, é encontrado por senhoras da corte em um baú armazenado no palácio imperial. A notícia traz novamente a luz

² *Yin* e *Yang*: É um símbolo binário de tudo que existe no universo e que deve estar um em equilíbrio ao outro.

³ Tradução livre: Deus

de Amaterasu reafirmando o poder do imperador. (BREEN, TEEUWEN, 2010). Ao utilizar a deidade como forma de reafirmar o poder imperial por uma linhagem hereditária, deu-se abertura para que as mulheres pudessem assumir o trono como governantes do Japão. Apenas na Constituição de 1889 esse direito é revogado, impossibilitando as mulheres de assumir o trono imperial. Foi decretado que o poder de soberania estava reservado apenas para herdeiros homens.

Em pleno contexto de uma consolidação conservadora política e social, de retirada das mulheres do cenário de cidadãs japonesas pela Constituição de 1889, emergiu Raichô Hiratsuka. Nossa pretensão é compreender como essa mulher foi forjada e que tipos de saberes e experiências teriam possibilitado o desenvolvimento de suas críticas e questionamentos sociais. Objetivamos compreender sua atuação no projeto da Revista Seitô, como meio de abertura de posicionamento do público, as nipônicas, e conscientização de seus lugares como mulheres. Buscamos contextualizar a emergência do feminismo japonês, a autenticidade de suas ideias, assim como perceber as influências geradas pelo feminismo ocidental em ascensão que adentrava o país. Ainda nesse sentido, pretendemos abordar quais teriam sido as tramas de relações e leituras utilizadas por essa protagonista para abrir possibilidades de ruptura de uma mentalidade tradicional ao ponto de ela conseguir dar apoio às suas leitoras.

Por intermédio da História Pública olhamos para a autobiografia de Raichô Hiratsuka como fonte principal na elaboração desta pesquisa. Essa área de análise da Historiografia, nos permite olhar principalmente os públicos, as audiências e o movimento de autoridade histórica compartilhada. Não se trata de algo novo, se trata de algo que ganhou espaço devido a uma demanda social, no que se refere a inserção da História nas tecnologias e redes sociais (MALERBA, 2018). A internet, em uma visão geral, já se tornou essencial na vida de muitas pessoas, algo que ganhou ainda mais importância em 2020 e 2021 pela pandemia instaurada da Covid-19. Logo, há um atraso, ao refletirmos sobre todos os impactos dessa criação e em sua popularização, ainda que exista uma parcela da população brasileira que não possui acesso a ela. Dentro de toda essa dinâmica houve impacto em outras partes vitais na sociedade atual, como a disseminação e o acesso a informações, a velocidade que vemos os eventos históricos acontecendo pela facilidade neste acesso, como por exemplo o crescimento exorbitante de um movimento político, o bolsonarismo, que em menos de um mandato já se pode notar um certo declínio. Na mesma moeda temos as *fake News*, uma das responsáveis por tornar um candidato a presidente, tal como distribuir notícias falsas que vão contra as pesquisas científicas. Pensando nas “amplas audiências” pudemos observar novas formas de disseminar o conhecimento histórico, tirando a pesquisadora e o pesquisador dos meios tradicionais – como revistas

científicas, palestras acadêmicas, anais de eventos – e os colocando em um mundo vasto de divulgação (VÁZQUEZ, 2021). Essa popularização do saber histórico, na História pública, acaba se entrelaçando com outros conhecimentos, sendo rico quando trabalhado de forma interdisciplinar, possibilitando a utilização de uma gama de técnicas e metodologias diversas (ROVAI, 2011).

A História Pública é um campo científico que faz com que uma parcela de historiadoras e historiadores observem a necessidade social de abrir as portas das universidades deixando tanto o público entrar, como os intelectuais saírem de seus gabinetes para lugares não acadêmicos. Em prática não é novidade, mas de tempos em tempos é repensada e adequada às necessidades de seu tempo atual, não havendo muito mistério é o trabalho de tornar a história pública e no momento os historiadores e as historiadoras brasileiras passam por essa adequação às ânsias sociais. No nosso caso escrevemos para leitores interessados em feminismo, história das mulheres, história do Japão. Essa demanda social parte de uma busca por pesquisarmos com/para e sobre o público, uma maneira retomada por intelectuais na busca de aproximar a academia de quem consome e gera informações históricas (RABELLO, 2017). De acordo com Sidnei Chalhoub e Paulo Fontes, a História Pública no Brasil retomou sua relevância em um contexto similar ao inglês, com o aumento de estudos na área da História Social do Trabalho, juntamente com a dinâmica de elevar o número de fontes e arquivos a fim de estabelecer políticas públicas sobre a disseminação de conhecimento (CHALHOUB, FONTES, 2009). Neste sentido, duas práticas das Histórias Públicas se apresentam em nossa pesquisa: a primeira, construída pelo público tanto da autobiografia como por vestígios de diálogos com a revista *Seitô*, de uma *autoridade compartilhada* que é uma das ferramentas fundamentais na construção deste campo. De acordo, com Michael Frisch nós autores-historiadores não somos as únicas autoridades em processos históricos, ou únicos com capacidade de interpretação, neste sentido ao compartilharmos a autoridade podemos ter acesso a uma maior gama de dados e visões sobre um mesmo assunto (FRISCH, 2016).

Ainda como uma segunda prática, buscamos na importância de disseminação como parte deste construto, não apenas a propagação do conhecimento, mas a circulação de conhecimento histórico, que Roger Chartier (1990) já evocou esse conceito para mostrar a complexidade dele. Não se trata apenas de ter conteúdo circulante, mas levar algo para ser reinterpretado por uma camada ampla de leitoras e leitores, no sentido da História Pública, não apenas para a interpretação acadêmica. Analisamos também as dimensões produzidas por Raichô e Ellen Key em um movimento de circulação de conhecimento histórico, que ressignificou denominações, como as Novas Mulheres, termo criado pelo norueguês Ibsen,

assim como críticas políticas e sociais do contexto sueco, para o japonês. Assim, ao tornar a revista aberta para diálogo com as leitoras e leitores e escrever sobre esse movimento em formato autobiográfico, toda essa ação se torna constructo de uma História Pública, que busca primordialmente por um local verdadeiramente público e inclusivo de produtos da historiografia.

E o outro movimento que demos a esta pesquisa é de uma História Pública para o público, propiciando à leitora e ao leitor mais uma opção para refletir sobre a importância de se discutir sobre os feminismos, de um Movimento encabeçado por mulheres anterior aos feminismos atuais, a ser lembrados e compreendidos. Uma forma de integrar o público que recebe esta leitura, a uma obra em que possa ter acesso a uma outra realidade, de um país distante, sobre feminismos.

Em mesmo sentido se faz importante invocar o nome de Joan Scott que tornou viável esta análise, ao introduzir nas Ciências Humanas a possibilidade de pesquisar sobre gênero como uma categoria analítica. Explicou que existe duas categorias de análise histórica mais utilizadas:

As abordagens utilizadas pelas maiorias dos(das) historiadores(as) se dividem em duas categorias distintas. A primeira é essencialmente descritiva, isto é, ela se refere à existência de fenômenos ou realidades sem interpretar, explicar ou lhes atribuir uma causalidade. O segundo uso é de ordem causal, ele elabora teorias sobre a natureza dos fenômenos e das realidades, buscando entender como e por que tomam a forma que ele tem (SCOTT, 2019, p. 53).

Nessa perspectiva, Scott organizou em categorias os dois formatos de “gênero” que mais eram trabalhados. Um em que a pesquisadora e o pesquisador descrevem sobre questões mais profundas da palavra já existentes, por exemplo, quando se pode trocar “mulher” por “gênero” e sua explicação para tal ato. O outro já busca uma causa, por exemplo, quando aplicamos a palavra com “desigualdade de gênero”. Em maior constatação ao se estudar gênero não necessariamente se analisa apenas as mulheres, na terminologia já está implícito o aprofundamento do estudo mútuo do homem e da mulher (SCOTT, 2019). Sendo assim, compreendemos a instabilidade das categorias analíticas e que se refere à teoria feminista que mais se utiliza das categorias de “gênero”, e portanto, dialogamos também com outras teorias trabalhadas na historiografia, como: marxismo, a teoria crítica, o liberalismo, o estruturalismo, entre outros, para reinterpretá-las a fim de tornar clara a vidas das mulheres e as relações de gênero dinâmicas existentes na História (HARDING, 2019).

No primeiro capítulo fizemos uma ambientação da crise do Regime Bakufu que acabou por se tornar a identidade da vitoriosa Era Meiji (1867-1912), findada com a morte do

Imperador Meiji. Período esse de grande relevância para compreendermos a formação de identidade nacional no Japão e a resistência que Raichô promoveu contra a Constituição de 1889, com a abertura da Revista Seitô em setembro de 1911. Os enfoques do periódico foram na expansão da educação pública para ambos os gêneros e em produções editoriais que enfatizavam o dilema que foi a Constituição Meiji para as mulheres.

No segundo capítulo buscamos analisar a autobiografia de Raichô, em específico nos *campos de possibilidades*⁴ de sua formação intelectual mista entre Japão e intelectuais europeus com preferências pelos germânicos, como por exemplo, Friedrich Nietzsche, Mestre Eckhard e outros. A protagonista não nasceu feminista, militante política ou crítica literária. Através de sua grande curiosidade científica ela primeiro buscou por uma formação completa, ao nível que era possível às mulheres de seu tempo. O segundo momento de impacto em sua consciência foi pelo Incidente Shiobara. Raichô e o professor Morita tiveram um romance com altas doses de fanatismo literário, por duas obras: Crime e Castigo (1865) escrito por Fiodor Dostoiévsk e o livro O triunfo da morte (1894) do autor Gabriele D'Annunzio, o que os levou ao monte Shiobara na tentativa de um duplo suicídio. O episódio se tornou público pelo jornal Asahi e houve uma reação negativa do público leitor. Passado algum tempo, nossa protagonista teve uma transformação profunda que ocasionou até mesmo em sua troca de nome de Haru para Raichô. Foi quando Ikura Chokô, um intelectual, ex-professor e amigo que ofereceu a ideia de um projeto a ser regido por ela, uma revista com uma função de abertura à escrita das nipônicas. Desse modo, analisamos o papel desempenhado por ela como editora chefe, o de suas colaboradoras, as respostas do público conservador e das mulheres em relação às temáticas da revista, bem como o papel da influência feminista do ocidente no Japão.

No terceiro e último capítulo, a análise engloba a segunda parte da autobiografia, em que ela relata com mais ênfase sobre questões pertinente a revista Seitô e certos desdobramentos até 1917, abordando diálogos trocados com as leitoras da revista, como forma de construção de uma História Pública. Olhamos também para outros movimentos feministas que Raichô participou, tais como as influências recebidas de Ellen Key, uma intelectual sueca, pedagoga e feminista, bem como sua relação com Itô Noe, uma feminista de cunho anarquista, que se trata de uma protagonista de grande relevância para o desenvolvimento do feminismo no Japão.

⁴ Conceito advindo de Gilberto Velho explica que cada “campo”: família, trabalho, lazer, opções políticas, gênero e idade entrando em contato com outro “campo” de análise cria movimentos que fazem com que indivíduos sejam pressionados ou impelidos a mover para determinados grupos de escolhas e formem específicos “campos de possibilidades” e determinadas formações mentais de cada pessoa (VELHO, 2003).

CAPÍTULO 1

DE TOKUGAWA ATÉ AS POLÍTICAS DE EDUCAÇÃO PÚBLICA.

Antes de mais nada, quem é essa mulher e por que ela escreveu? O nome escolhido por seus pais em seu nascimento não foi Raichô e sim Haru. Precisamos entender que existiu uma Haru Hiratsuka, jovem com sede de conhecimento e reconhecimento, mesmo que muito tímida, buscou por meios possíveis encontrar brechas para aflorar a força para defender seus ideais. E houve a Raichô Hiratsuka, uma mulher que saboreou o gosto amargo de ser mulher adulta no Japão do início do século XX, e que elevou sua voz pela escrita, lutou e foi pioneira pela luta a favor dos direitos das japonesas. Essa pesquisa envolveu essas duas fases de uma mesma pessoa em uma única fonte, que foi sua autobiografia escrita em 1970, quase um ano antes de seu falecimento em maio de 1971.

Com 82 anos, nossa protagonista iniciou o tratamento contra o câncer. Em anos finais da década de 1960 e início da década de 1970, Raichô vivia em um país derrotado pela Segunda Guerra Mundial, mas em pleno vapor para alcançar seu antigo inimigo, os Estados Unidos. Em meio a uma guerra econômica, aquele momento foi marcado como o início da “década de ouro”, como é comumente conhecida. Com o plano de duplicação de renda, o governo abaixou os impostos a fim de incentivar investidores e assim construiu estradas, ferrovias modernas e aeroportos. O modelo protecionista japonês teve como objetivo favorecer produtos e empresas japonesas. As mulheres que antes lutavam por oportunidade de trabalho, passavam a ser convocadas pelo imperador a entrarem nas fábricas, em uma força tarefa para levantar a potência japonesa novamente (HANE, 1996). O cenário mundial foi marcado por um aumento nos movimentos feministas, marcando o período dos anos 1960-1980 como as décadas da segunda onda feminista. Não distante, Raichô pode presenciar tal fervor, mesmo idosa e debilitada pela doença, decidiu marcar presença ao escrever sua autobiografia. Ela afirmou ter escrito para a geração de sua filha e próximas gerações para não deixar se perder a importância da luta e das conquistas que hoje vivemos graças a essas mulheres que viveram o berço do feminismo (HIRATSUKA,2006).

Figura 1- Foto à esquerda de Raichô jovem e à direita dela já mais de idade, não sabemos sua idade exata em cada foto.



平塚らいてう(1886-1971)

Fonte: <https://alchetron.com/Raicho-Hiratsuka>, fotos de domínio público desde 1899 acessado dia 10/10/2021

Do final para o começo, Raichô faleceu em 24 de maio de 1971, a primeira parte da autobiografia foi publicada no mesmo ano. Para entendermos nossa protagonista em seus anos de juventude do início do século XX precisamos remontar a “Grande” Era Meiji (1867-1912). Trata-se do maior movimento conservador na História do Japão, período em que se constrói a identidade nacional japonesa. Para conhecermos um pouco do contexto social em que Raichô Hiratsuka esteve inserida faz-se necessário uma síntese de quase dois séculos de Japão, mesmo que com leves pinceladas. Devido a magnitude do recorte temporal buscamos investigar elementos que foram refletidos diretamente na fonte principal dessa pesquisa, a autobiografia de Raichô, frisando assuntos como nacionalidade, educação e política.

Levantamos outro diálogo de importância nesta pesquisa, o silenciamento das mulheres pela historiografia. Michelle Perrot chama a atenção para o silêncio das fontes, pontuando que as mulheres são ensinadas a serem invisíveis e silenciadas, com poucos vestígios sobre suas ações no meio social, caracterizando uma desvalorização por si mesmas. O resultado é uma certa lacuna nos estudos de gênero, que possuem como objetivo contemplar as mulheres e outras minorias, entendendo-as como partícipes da História e dos variados campos das Ciências Sociais (PERROT, 2007). A História das Mulheres constituiu um campo da historiografia que possibilitou enxergá-las como sujeitas ativas de sua própria História. No entanto, nos primórdios da constituição deste campo de estudo como científico, pouco foi considerado sobre a interseccionalidade entre as diversas opressões, como a relação entre gênero, raça e classe social. No final dos anos de 1980, os estudos de gênero passaram a ser considerados uma

categoria de análise, através dos estudos de Joan Scott, se tornando outro elemento para os estudos sobre as relações de poder e de hierarquização por meio das disparidades corpóreas. De acordo com Scott, as várias tentativas de teorizar o gênero, desde a gramática a aplicações sociais, não atingiram a complexidade da palavra por conter “generalizações redutoras”, devido a essa questão trabalhar com “gênero” é melhor empregado se utilizado como categoria analítica.

Ellen Rooney associa a teoria literária feminista diretamente com a política, alegando que a mulher não é permitida nascer e se naturalizar como tal, mas que ela é construída através de teorias e práticas que estão fortemente ligadas à política em si. Nesse sentido, a teoria feminista busca uma retórica por meio da política para ser ouvida. Porém, Rooney nos alerta que embora falamos de política, as obras literárias não são literalmente políticas, mas devemos analisá-las como parte de um discurso político marginalizado que possui poder dentro das academias. Rooney cita Diana Fuss sobre o “essencialismo” no discurso da crítica feminista e a “classe” e conclui que o discurso feminista é essencialmente político, mesmo que haja uma resistência a essa alegação (ROONEY, 2006).

Para adentrarmos no tema em questão, assumimos um olhar da História Pública – um campo de estudo que se encontra trazido à luz novamente dentro das Ciências Humanas, como já afirmou Malerba (2018) “não se trata de algo novo”, e sim uma renovação na forma de construir uma narrativa histórica compartilhando esse processo com um público amplo. Assim, essas análises mais disseminadas por leitores/as de diversas áreas do conhecimento ou mesmo pessoas comuns, neste caso sobre a História do Japão e de figuras públicas japonesas, que são as integrantes do projeto Seitô. Neste ângulo sustentamos visões particulares e muitas vezes repletas de imprecisões sobre o Japão e sua sociedade, por se tratar de um país o qual cultural e estruturalmente se encontra distante de nós. O que facilmente faz os/as brasileiros/as caírem em sentidos comuns de olhar para o outro através de sua própria realidade. Logo para situarmos nossa leitora e nosso leitor, em objetivo de ter um maior contato com uma historiografia nipônica, a fim de disseminação, buscamos ferramentas conceituais para se obter essa sensibilidade. Neste sentido, observamos com alteridade essa outra cultura. Tal conceito foi proposto por Homi B. que abraça o eu e o outro, o diferente, pela dialógica a partir da qual pensamos fronteiras e aceitamos os valores dos outros, do que é diverso ao nosso, ao eu. (BHABHA, 2003).

Essas visões foram consideradas e desatamos essa trama de distorções entre o “eu” e o “outro”, que cabe a nós do ocidente integrarmos a essa visão de acordo com Bhabha, que afirma

que a cultura ocidental ao subjugar as outras culturas como inferiores, remetem a uma prática da autoridade discriminatória, sendo racista, sexista como periférica ou metropolitana. Esse formato ambivalente de estratégia em reforçar o ocidente como o modelo do “certo”, tem como objetivo reforçar o individualismo em detrimento do marginalizado, formando estereótipos ambivalentes em demonstração de poder sobre o outro que é considerado diferente, logo considerado errado, inferior, atrasado (BHABHA, 2003). Então quando um lado se considera superior e defende como certo a sua maneira de pensar e agir acaba por oprimir o outro, e isso gera um conflito considerando o distante ou diferente sem sabedoria, sem tecnologias, sem desenvolvimento a ser trocado. Em consequência isso rompe um ciclo de troca e disseminação de conhecimento, com isso muito conhecimento humano acaba se perdendo. E também compreendemos que o povo japonês possui a falta dessa sensibilidade do “eu” como nação unificada e de linhagem divina, para com o “outro” que seriam os estrangeiros. Neste sentido o Japão ficou em uma linha tênue de análise pós colonial, por se tratar de um país de identidade colonizadora até o fim da Segunda Guerra Mundial, mas com a derrota permaneceu como um país do Extremo Oriente, sem qualquer valorização ocidental, aos olhos julgadores de muitos ocidentais, sendo estereotipado como um país “exótico”. Com base na teoria do antropólogo Eiichiro Ishida (1903-1968), o sociólogo Renato Ortiz (2000) escreveu sobre a experiência única de se trabalhar com o povo japonês. De acordo com a teoria de Ishida os japoneses construíram uma “raça” única, cujo caráter seria inteiramente distinto de outros povos, inclusive seus vizinhos (ORTIZ, 2000). Apresentamos esses aspectos ao longo de toda a dissertação.

Kosaku Iyushino (1953) vai um pouco além, desenvolveu um estudo sobre os *nihonjiron* (intelectuais japoneses que escrevem sobre a identidade nacional e cultura japonesa) ou *nihonbunkahon* (estudiosos sobre a cultura japonesa) que tem como base os estudos interculturais sobre o Japão. Ele associou a dificuldade da compreensão dos ocidentais para com os japoneses na identidade escrita, do ideograma e da língua falada japonesa, o que resulta na ausência de intercomunicação (KOSAKU, 1992), o que veio a ser uma das dificuldades dessa pesquisa. A ordem escrita e lida é considerada para nós “de trás para frente” além de outras noções específicas da escrita das quais não possuímos similaridades e isso resulta diretamente na singular identidade nipônica, na forma de comunicação e de transferência cultural japonesa. Portanto, recorreremos a traduções para os idiomas que possuímos domínio e selecionamos tradutores/as que possuem autoridade na língua e na cultura, sabendo transmitir o conhecimento de forma mais precisa possível.

O modo linguístico e comunicativo dos japoneses é caracterizado no *nihonjiron* pela taciturnidade, ambivalência, não-lógica, ética institucional e

emocionalidade. O modo ocidental, ao contrário, é caracterizado pela eloquência, dicotomia, lógica, princípio rígido e racionalidade (KOSAKU, 1992, p.10).⁵

O impasse parte da profunda singularidade da cultura japonesa. O diferencial dessa cultura e sua dificuldade se deu pelo nível de adversidade nos estudos de intercomunicação – a comunicação no sentido mais completo que abrange desde a linguagem escrita até os significados de gestos de um para o outro – o que resulta na problemática direta dos estudos interculturais. O que nos leva novamente à abordagem da História Pública que busca em sua síntese sanar essas dificuldades de disseminação dos saberes e diferentes linguagens entre os acadêmicos e público amplo.

Como seria possível uma pesquisadora brasileira estudar o Japão? A resposta é dada por Ortiz: pela “japonologia”, num estudo que parte da forma de pensar dos próprios japoneses. Não nos esqueçamos das várias críticas existentes: por se tratar de um manifesto de interesse em uma região específica do globo, por não termos crescido no país a ser estudado e nos faltar a intuição e sensibilidade providas naturalmente de um nativo (ORTIZ, 2000).

Podemos citar o problema com que se deparou Edward Said em *O Orientalismo*: o “discurso de poder” como forma de justificar atos daquela região sem possuir o senso de pôr em questão seus próprios fundamentos (SAID, 2009, p.167). Ressaltamos a importância de estudos como de Ruth Benedict (1887-1948) sendo reconhecida até na atualidade como uma pesquisadora estrangeira do trabalho *O Crisântemo e a Espada* (1946) sobre os japoneses e bem aceito pelos próprios estudiosos japoneses, dentro da perspectiva da antropologia cultural. Buscamos com maior enfoque um diálogo transnacional sobre o feminismo, utilizando dos estudos de japonologia, que se trata de pesquisas sobre japoneses ou sobre o Japão, como base nesse processo para compreendermos a que se deu a resistência das mulheres no Japão.

Com base em Alistair D. Swale refletimos sobre alguns conceitos centrais na Restauração Meiji, que marcou nossa leitura sobre Raichô e o movimento das mulheres no Japão. O termo correto seria mesmo “Restauração”? Ou deveríamos vê-lo como uma Revolução Meiji ou, ainda mais estratégico, a Transformação Meiji? No título de seu livro de 2009, o autor utiliza “restauração” e “revolução”: *The Meiji Restoration, Monarchism, Mass Communication and Conservative Revolution*. Em reflexão ao que foi esse período utilizamos a mesma linha de observação do período Meiji como Restauração Monárquica, porém, que possui um teor

⁵ The linguistic and communicative mode of the Japanese is characterised in the nihonjiron by taciturnity, ambivalence, non-logic, situational ethics and emotionality. The Western mode, by contrast, is characterised by eloquence, dichotomous, logic, rigid principle and rationality (KOSAKU, 1992, p.10).

revolucionário em relação à implementação política dentro do viés conservador. Anteriormente, o conservadorismo visava uma rotina da população diretamente ligada à terra e não promoveu profundas mudanças e nem mesmo diálogos estruturados com os estrangeiros, como se se fechassem em uma bolha japonesa, por isso é considerado revolucionário.

Antes da Era Meiji, ocorreu a crise interna do regime *Bakufu*, popularmente conhecido como Shogunato (1603-1868) liderado por um Shogun que era um líder militar da família Tokugawa. Em escala regional, o poder era exercido pelos *Daimyos*, que eram as grandes famílias tradicionais com vasta influência militar - esse regime consistia em administrar o país para o Imperador, sem retirar a legitimidade da família imperial. O Regime *Bakufu* passou por um colapso econômico em nível nacional o que as levaram a apoiar a reunificação política e econômica através do Imperador (SWALE, 2009).

Célia Sakurai, em seu livro *Os Japoneses* (2007) fez um trabalho de historiadora pública com essa obra ao levar as suas leitoras e leitores brasileiros, a História do Japão e segue outro consenso. Para ela, a Era Meiji se tratou de um período de adaptações ao mundo, mais do que uma revolução de fato: “Pode-se dizer que a Restauração Meiji foi mais uma adaptação que uma revolução, mas foi bastante radical em sua exigência por mudanças. Num tempo relativamente curto, o Japão Meiji desenvolveu um Estado e uma nação de aceções modernas” (SAKURAI, 2007, p. 139). Em meio a essas concepções sobre a fase a ser analisada seguiremos com as duas análises, compreendendo que em um âmbito global, o Japão buscou se adaptar aos desenvolvimentos científicos em constante progresso e, em âmbito nacional, em relação à política e ao social houve a implantação de algo completamente novo na vida das cidadãs e cidadãos, o que gerou uma revolução nos costumes sob a ideologia conservadora e nacionalista.

1.1 Regime *Bakufu* e a volta dos imperadores governantes

O primeiro capítulo desta dissertação possui como primeiro ato da pesquisa a década de 1860 e a derrocada do regime governamental que estava em vigência naquele momento. Conhecido como período Edo (1603-1868), no qual a capital administrativa japonesa ficava na antiga cidade Edo – atual Tóquio – enquanto a família imperial e a aristocracia fixaram residência em Kyoto, antiga capital do Japão. Iniciamos nossa análise pelo sistema político *Bakufu* ou *Shogunato* de Tokugawa (1603 a 1868), o período considerado de maior paz, após a unificação do Japão. Pensando no binarismo proposto por Said, podemos dizer que, visto pelo ocidentalismo - como uma forma de sintetizar questões mais complexas orientais, para os ocidentais - uma espécie de feudalismo tardio.

Movimento liderado pelo general militar Tokugawa Ieyasu⁶ que permaneceu com poderes maiores que o próprio imperador. Considerado o maior estrategista japonês que utilizou articulações políticas para manter o poder através da utilização cultural chinesa e aproximação com a China e outros países da Ásia Oriental articulando o Budismo como religião oficial e resistindo ao Cristianismo (BREEN, TEEUWEN, 2010).

Sendo predecessor da Era Meiji, ao cair em crise na década de 1860, *Shogunato* também conhecido como *Bakufu* e como líder nacional o *Shogun* – um líder militar – foi esse sistema quem ditou a importância e a estrutura de seu sucesso com a volta do Imperador no sistema administrativo. A crise ocorreu em consequência da chegada do Comodoro Matthew Galbaith Perry (1794-1858)⁷, militar estadunidense, que em 1854 foi responsável por desencadear a crise interna com a abertura forçada por portos japoneses Shimoda e Hakodate. Esse ato reforçou o sentimento “anti-estrangeirismo” e o culto às tradições e às pessoas idosas já predominantes. Cultos esses originários da religião Xintô que possui a crença de que o arquipélago japonês é a morada das divindades e os imperadores advinham diretamente da divindade Amaterasu, sendo assim, apenas a “raça” japonesa era digna, pois possuía as divindades a seu favor, ao contrário dos outros países que não possuíam os deuses morando ao seu lado, já o culto aos antigos se dá em favor da identidade hierárquica promovida pelo confucionismo, em sempre valorizar seu superior, sendo esses os anciãos, considerados os mais sábios e mais valorosos nessa escada hierárquica (SAKURAI, 2007).

O regime *Bakufu* foi extremamente voltado ao desenvolvimento interno do país, focado na produtividade das terras e feudos. Durante o governo do *Shoogun* Iemitsu (1604-1651) ocorreu a formação de uma identidade nacional japonesa, elevando o grau de xenofobia e de isolamento. A única exceção foi uma relação estreita com os Países Baixos.

A abertura aos Países Baixos, como uma janela, com vistas ao Ocidente manteve o comércio e o contato com o conhecimento científico em plenos vapores na Europa. Ao que indica que homens abastados ou comerciantes de alto padrão interessados em conhecer o ocidente possuíam essa porta de acesso às grandes novidades e análises científicas da Europa e principalmente dos povos germânicos. Apenas no oitavo *Shogun* Yoshimune (1684-1751) foi permitida a importação de livros europeus, desde que não tivessem relação com o cristianismo.

⁶ A ordem dos nomes em japonês é diferente da nossa. A formalidade japonesa pede primeiro o nome da família e depois o nome próprio do indivíduo. Procuramos manter essa ordem quando nos referimos a indivíduos japoneses.

⁷ Foi um militar estadunidense que entrou na marinha em 1809 até a sua morte em 1858, além dos grandes conflitos históricos em que participou, guerra de 1812, guerra mexicano-americana e abertura dos portos japoneses, ele também ajudou a desenvolver o sistema de estudos da Academia Naval dos Estados Unidos e foi conhecido como o “pai da marinha a vapor, por defender o desenvolvimento dos motores a vapor.

Seu interesse sobre o ocidente era elevado em relação à astronomia e a língua holandesa, chegando a ordenar um estudo detalhado sobre a língua com o objetivo de introdução aos estudos europeus (YAMASHIRO, 1978).

O próprio *shogun* Yoshimune possuía grande interesse pelos estudos que foram desenvolvidos na Europa, compartilhados pela classe dominante. E aqui podemos observar melhor essa ambiguidade de predileções o que tendeu a crescer ao longo da formação identitária nacional. Por si só, o Japão já possuía uma característica de favorecimento aos estudos religiosos e ao conhecimento, embora nesse período não tivesse uma organização educacional pública que abrangesse toda a população com o objetivo de alfabetização, os centros religiosos possuíam tal preocupação. O que tornou essa ambivalência natural aos nipônicos com relação ao estrangeiro, em possuírem sede pelo conhecimento desenvolvido na europa, ao mesmo tempo em que a religião Xintoísta afirmava a soberania japonesa com a linhagem “divina” imperial e por ser a morada dos deuses.

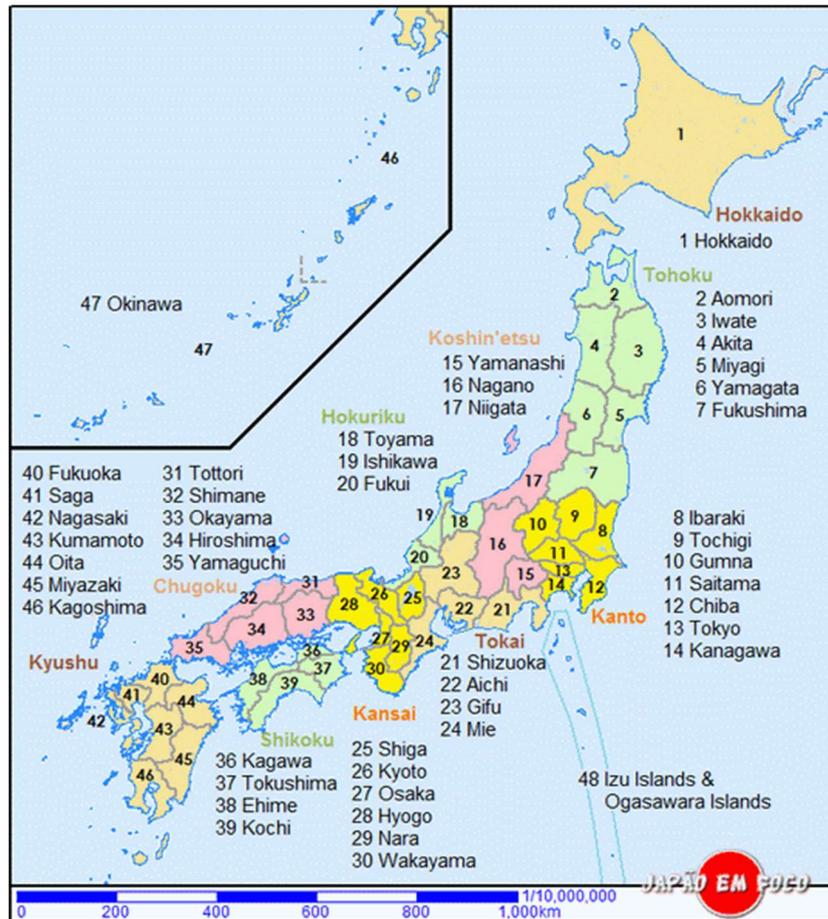
Os portugueses no período das grandes expansões marítimas do século XVI já haviam encontrado no Japão oportunidades de compra de armas, comercializando salitre e materiais base para a produção de seda. Os japoneses por sua vez adquiriram armas ocidentais e as reproduziram de maneira muito eficiente. Porém, o Japão aceitava produtos ocidentais como aspectos de modelos a serem reproduzidos em seu país, de maneira que o comércio exterior aconteceu em apenas uma via beneficente se apropriando da tecnologia ocidental (SAKURAI, 2007). Dessa configuração, o sistema *Bakufu* teve como principal objetivo o desenvolvimento interno japonês e o enaltecimento da terra acima da urbanização, desde o destaque aos samurais e de seu código de honra aos generais em um sistema comercial protecionista. Com a ampliação do contato dos comerciantes com o ocidente através de uma insistência armada de Comodoro Perry (1794-1858), militar estadunidense, o objetivo central do sistema vigente começou por entrar em contradição com a onda modernizadora Ocidental até culminar na efetiva crise da década de 1860, além dos períodos de grandes secas e fome (SWALE, 2009). O período *Bakufu* foi um isolamento com brechas e com uma elite comercial com interesses no exterior, não conseguindo conter a onda ocidentalizante na própria sociedade, entrando em colapso com uma crise econômica, política e social.

Desse modo, o expansionismo comercial europeu fez com que os comerciantes japoneses clamassem por uma mudança política efetiva, a opção foi pela restauração do poder imperial que apoiava a abertura comercial do Japão (JANSEN, 2008). Com a Restauração Meiji em andamento, a nova fase da relação entre Japão e China – que inicialmente o governo japonês propôs uma aproximação – culminou em uma divisão interna de interesses, houve resistência

em relação à volta do modelo político monárquico, que teve como duração de 1868 até a Constituição de 1889, sem muito êxito. Decretado o Xintoísmo como doutrina oficial, deixando a filosofia confuciana e a religião budista às sombras pelo seu protagonismo no período anterior, sucedeu o naturalismo filosofia provinda da então religião Xintô em conjunto com o Estado o que fortaleceu a identidade nipônica, com a crença de que os nipônicos são como “raça” superiores e próximos aos deuses. À medida que o Xintô consolidou a revolução, foi tomada no terceiro mês de governo do imperador Meiji Mutsuhito (1852-1912) que recebeu o título com 16 anos e em 1869 se tornou o primeiro de sua linhagem divina a adorar um santuário Xintoísta Ise. E em âmbito exterior adotou como postura uma política mais conservadora, embora tenha aberto dois portos para o comércio ocidental e desenvolvido a indústria até então considerada atrasada em relação ao ocidente (BREEN, TEEUWEN, 2010).

Outro fator culminante na formação nacionalista foi a mudança da capital e do nome das principais cidades japonesas na Revolução Meiji. Isso nos remete a uma transformação profunda que busca em cada detalhe firmar a identidade nacional. A capital antiga do Japão que sediou a morada de várias gerações de imperadores foi Heian-Kyo - atual Kyoto - mesmo com a queda do *Shogunato* de Tokugawa o imperador viu a importância de mover a corte de Heian-Kyo para a cidade de Edo, alterando assim a capital do país. A escolha por Edo foi estratégica, a cidade sediou durante todo o regime *Bakufu* a família e a administração do país pelo *Shogun*. Além de mudar a capital do país houve também a substituição dos nomes em prol a afirmar a soberania completa do imperador sob o arquipélago japonês e em transformar o Japão em uma nação moderna e progressista (YAMASHIRO, 1978). A figura 2 nos mostra o mapa do Japão após a ascensão do Imperador Meiji até o período atual:

Figura 2- Mapa referente ao período do regime *Bakufu* (1603-1868) durante o qual a capital administrativa que sediava a família Tokugawa era *Edo* (atual Tóquio)



Fonte: Commons Wikimedia. Disponível em <https://www.japaoemfoco.com/regioes-provincias-e-capitais-japonesas/>. Acessado 31 de março de 2020.

A derrocada da família Tokugawa não se deu apenas pela chegada do Comodoro Perry, mas por uma união de interesses de várias camadas da sociedade japonesa em relação ao velho sistema que insistia em se manter de forma linear. Além do atraso industrial, do comércio enfraquecido, e da fome também houve vários desastres naturais na segunda metade do século XIX. Com o avanço comercial e com armas mais modernas, os líderes de países ocidentais mostraram que o “arquipélago morada dos deuses” estava atrasado política e militarmente. O temor que outras realezas estrangeiras se interessassem por tomar o império fez com que o processo de mudança de poder acelerasse “Era preciso continuar segurando as rédeas da nação.” (SAKURAI, 2007, p.131).

O apelo era por mudanças, a meta era desenvolver uma nova realidade econômica e colocar o Japão dentro das grandes disputas comerciais internacionalmente em menor tempo possível. Para isso, a primeira meta do Imperador era unificar toda a população para trabalhar em prol da modernização do país, porém, em meio a transição ainda existiam apoiadores dos Tokugawa. A classe militar fiel ao Shogunato eram os samurais e isso rendeu dois anos de

revoltas contra o retorno do imperador de 1867 a 1869, mesmo após o *Shogun* ter passado oficialmente o poder ao imperador Meiji (SAKURAI, 2007).

De acordo com Harumi Befu (1930), a modernização Ocidental se deu por um *continuum* histórico, muito diferente do desenvolvimento moderno que ocorreu no Japão da Era Meiji, que teve como pivô central um governo que encorajou a indústria e o desenvolvimento sócio-político por meio de reformas de cunho nacionalista e da disseminação de benefícios sociais, limitando de forma singela os privilégios da elite dominante (BEFU, 1971). Nesse sentido, a Era Meiji foi um momento de garantir a identidade única japonesa, dentro das grandes mudanças que ocorriam nas relações internacionais, e em unir toda a nação em busca de mostrar sua capacidade. Em meio a esse processo, um aspecto nos ajudou a compreender o contexto em que Raichô viveu: como ocorreu o desenvolvimento da educação pública para mulheres?

1.2 Educação para todos

Com o objetivo de unificação em prol do desenvolvimento e de alcançar os ocidentais na corrida de desenvolvimento internacional, o governo criou em 1871 o Ministério da Instrução a partir do qual estabelece um sistema educacional que teve como base o método francês de escolas primárias, secundárias e superiores. No ano seguinte é decretada a educação compulsória, estendida a todos independente de nível social ou sexo, instituindo a educação básica obrigatória. Entretanto, José Yamashiro ressalta sobre a situação da mulher: “esta, porém, continua a ocupar situação social inferior em relação ao homem” (YAMASHIRO, 1978, p. 198).

Além da estratégia imperial em desenvolver a educação a fim de integrar a economia global, existiu outro agente facilitador na disseminação das escolas e aceitação da alfabetização do *nihongo*⁸ esse agente é a própria tradição. Já existia um sistema de ensino, desde os primórdios feudais conhecido como *terakoya*. Esse sistema de ensinamento ocorria dentro de templos budistas, sendo uma instituição privada que mesclava ensinamentos religiosos com a alfabetização. O alto nível de investimento na educação da Era Meiji gerou um salto exponencial de pesquisas originais, não mais dependentes do conhecimento ocidental. O Japão passou a produzir cientistas de renome mundial, como por exemplo: na medicina com Fusakichi Ohmori nos estudos sobre tuberculose, Shibasaburo Kitazato sobre a peste, além de outras áreas como astronomia, física, geografia, entre outras. No quesito nacional houve também sucesso nas pesquisas em História do Japão e em Literatura Nacional (YAMASHIRO, 1978).

⁸ Palavra japonesa para designar o estudo da língua japonesa.

Em 1872, no Projeto de Educação, já se destacava a preferência por estudantes do sexo masculino nas matérias de ciências e línguas estrangeiras modernas, especialmente o inglês (SAKURAI, 2007). Apesar de alfabetizada, socialmente a mulher continuava nas sombras dos homens, além do ensino ser dividido em feminino e masculino. Nesse mesmo ano é inaugurado o primeiro Colégio Feminino de Tóquio e, logo em seguida, a Escola Normal Feminina. Porém, o conservadorismo social e a tradição reinante dos velhos costumes mostram em números a desigualdade educacional entre os gêneros, comparando com outros países em desenvolvimento no mesmo período e em breve observação ao crescimento da década de 1990 (YAMASHIRO, 1978).

Em 1872, a escolaridade superior ou avançada era apenas para homens, já em 1907 o ensino básico passou de quatro anos para seis anos para todos, incluindo as mulheres, e passou a ser oferecido de forma pública através do Estado para todos os cidadãos e cidadãs do império japonês. Na década de 1870 houve 39,9% de homens alfabetizados enquanto 15,2% eram de mulheres. Em contraste a esse cenário, como resultado desse projeto de educação, na década de 1940 podemos notar que houve um total de 99% da população japonesa alfabetizada. “Mesmo com o preconceito contra as mulheres e as regras sociais que determinavam a primazia masculina, o interesse em modernizar[...] o país falou mais alto e as mulheres foram consideradas necessárias[...]” (SAKURAI, 2007, p.141).

Seguindo essa linha de evolução educacional buscamos alguns dados do início do século XXI para fazer um breve comparativo em relação a este projeto visando a educação superior como resultado deste planejamento. Em levantamento sobre mulheres universitárias encontramos as pesquisadoras Linda Edwards e Margaret Pasquale de 2002.

Em 1980, as mulheres representavam 22,4 % das matrículas em universidades de duração de quatro anos, em comparação com 50% no Canadá e nos Estados Unidos, 47% na Finlândia, 37% na Suécia, 48% na França e 42% na Itália (Nakata e Mosk (1987)). Nos últimos anos, no entanto, essa proporção tem crescido, para 27,9% em 1990 e 35,6% em 1998 (EDWARDS, Linda e PASQUALE, Margaret. 2002).⁹

O ensino feminino da Era Meiji possuiu como precursoras Miwada Masako (1843-1927), Tanahashi Ayako (1839-1939) e Yamawaki Fusako (1867-1935) que inauguraram as escolas privadas para mulheres com ensinamentos confucionistas no final da década de 1870 e prelúdios da década de 1880. As educadoras em nada se associavam aos movimentos feministas

⁹ In 1980, women accounted for 22.4 percent of those enrolled in four year universities, as compared to 50 % in Canada and the United States, 47% in Finland, 37% Sweden, 48% in France, and 42% in Italy (Nakata and Mosk (1987)). In recent years, however, this proportion has been growing, to 27,9% em 1990 and 35,6% in 1998 (EDWARDS; PASQUALE, 2002, p.03)

ou movimento das mulheres em resistência às privações do governo. Foram educadas nos anos finais do regime *Bakufu*, pelo sistema educacional dos clássicos chineses que possuíam como filosofia o Confucionismo. Tal como pede a filosofia, os ensinamentos possuíam caráter de respeito a seu país, a hierarquia e os ensinamentos para as moças se tornarem “boas esposas e sábias mães”¹⁰. Miwada acreditava que o homem e a mulher foram criados com o mesmo valor, porém, com responsabilidades diferentes, sendo a mulher o pilar fundamental da família. Como a nação japonesa ampliava a noção de família seguindo a ideia de hierarquia, a mulher passava a ter importância familiar, não apenas na vida privada, mas também na construção nacional. Comparando o papel da mulher no Japão com o de mulheres em vários outros países de mesmo período, como os EUA, países da Europa e mesmo com o Brasil é possível ver similaridades com o grau de responsabilidade com o cuidado da família e não com ela mesma. Miwada também foi autora de vários livros na área da educação, sendo uma mulher pioneira do campo. Sua metodologia de ensino misturava clássicos chineses e japoneses e sua explanação se confundia com uma autobiografia com enfoque dela como mulher, mãe, esposa e professora de meninos e meninas (MEHL, 2001).

Ressaltamos que a escrita japonesa possui como base a escrita chinesa. Ao longo do período Yamato (250 d.C. 710 d.C.) houve a unificação tribal e o início da organização do Estado. Havia muitos chineses e coreanos viajantes que passavam pelo Japão e que deixaram certos traços culturais e ajudaram a promover a unificação. O Japão como um país muito jovem não possuía um sistema de escrita, enquanto os chineses já dominavam as técnicas do mandarim e escreveram vários relatos sobre o arquipélago, Huffman afirma apenas terem encontrado fontes históricas sobre esse período na escrita chinesa. O sistema de escrita que deu origem aos primeiros passos de sua própria escrita foi baseado nos ideogramas chineses. Ao longo da história do Japão, os japoneses desenvolveram mais duas categorias de escrita que exigiam menos traços, como uma forma de simplificar a escrita, até mesmo para se adaptar a língua falada e à algumas traduções da escrita de palavras estrangeiras (HUFFMAN, 2010). As categorias atuais do *nihongo*¹¹ são o *kanji* que possui origem chinesa e assim sendo muito mais traços para compor uma palavra em um ideograma, o *katakana* e o *hiragana*. Esses dois últimos formam o sistema silabário *kana* podendo usar tanto o *katakana* ou *hiragana* na escrita de uma palavra japonesa ou de uma palavra estrangeira na língua nipônica, pois suas unidades possuem

¹⁰ Em japonês: Ryosai kenbo, essa frase foi cunhada pelo intelectual Nakamura Masanao em 1875, porém a filosofia de uma boa esposa e uma sábia mãe foi predominante no leste asiático desde o século XIX até final do século XX.

¹¹ Tradução livre: língua japonesa.

os mesmos sons, mas de escrita diferente. É mais comum a utilização do *katakana* utilizada formalmente.

No início do século XX, o Japão ainda era um país pobre e não possuía escolas suficientes, entretanto, a alfabetização ocorreu mesmo sem a estrutura necessária, em formato massivo de crianças que foram retiradas do trabalho no campo. Apenas em 1889 com a formulação da Constituição Meiji, que o Editó da Educação é reformulado e passa a ser lido todos os dias nas escolas. Possui como premissa a formação militar dos jovens japoneses de forma obrigatória, e também no escrito havia a determinação de que o Imperador era responsável direto pelo exército, sendo motivacional para esses rapazes que se viam servidores duplamente, como cidadãos e como soldados, de uma figura de extrema importância como o imperador (YAMASHIRO,1978). Porém, em relação às mulheres nada é alterado, se mantém a obrigatoriedade mínima de educação.

Além da retomada do Xitoísmo, houve o fortalecimento da filosofia confucionista presente na Constituição. A afirmação dos ancestrais terem criado o Japão como menciona o livro *Kojiki* há também a consolidação da hierarquia familiar de cunho patriarcal através do Confucionismo, que compreendia o homem mais antigo da casa como o topo desse quadro hierárquico. A constituição ao elevar a figura do imperador da mesma constituição que o regime familiar, mas com um cargo nacional passou a receber a mesma valorização do pai da nação de forma intencional aplicou de ensinamentos confucianos. De acordo com esse preceitos cada pessoa dentro da família possui um papel próprio e diferente, com evidente recorte de gênero, além de graus diversos de hierarquia, foi feito um decreto que proibia mulheres de ascender ao trono como imperatrizes. Além de promover que os/as cidadãos/ãs deveriam zelar pelo país e a sempre buscar por reproduzir seus ensinamentos (SAKURAI, 2007).

Ruth Benedict (1887-1948) aponta que a hierarquia estava tão marcada na alma nacional japonesa que, após o fim da Segunda Guerra Mundial – período que houve maior dificuldade na compreensão dos nipônicos -, os ideais de democracia e direito à igualdade, estabelecidos como fundamentais da Constituição Estadunidense, principal referência da Constituição japonesa de 1945, causou confusão para os nipônicos. A visão japonesa era de um poder na vertical desde a instituição familiar até o Estado. A hierarquia era advinda do Confucionismo, e com a nova constituição de 1945 houve a necessidade de adequar a uma visão de poder horizontal ao ritmo cotidiano (BENEDICT, 2006).

Quem tenta conhecer os japoneses precisa começar a entender o que para eles significa "cada um ocupando seu próprio lugar". Sua confiança em ordem e na hierarquia e nossa fé na liberdade e na igualdade são dois polos opostos, e

é difícil para nós dar à hierarquia seu valor justo como um possível mecanismo social. A confiança do Japão na hierarquia é um sentimento básico em seu conceito de relacionamento do homem com seus semelhantes, bem como na do homem com o Estado, e apenas descrevendo algumas de suas instituições nacionais como a família, o Estado, a vida religiosa e econômica, será possível entendermos o ponto de vista dele sobre a vida (BENEDICT, 2006, p. 38)¹².

Imersa nessa sociedade se encontra nossa protagonista. Raichô Hiratsuka relatou em sua autobiografia breves memórias sobre sua formação, demonstrando grande importância para ela o acesso à educação. Raichô iniciou o jardim de infância com cinco anos de idade no ano de 1890, na Escola Elementar Fujimi que era uma instituição pública. Passados dois anos, começou seus quatro anos de estudos obrigatórios pelo decreto do Imperador, na mesma escola. Em 1894, seu pai decidiu mudar de cidade, visto que eles moravam em um bairro de gueixas, e com o tempo, ele passou a considerar um local inadequado para ela e sua irmã que haviam tido contato com cigarros e imagens inadequadas para a idade delas. Passaram a morar em *Hodgd Komagome*, próximo de Tóquio, onde frequentou a também pública, Escola Elementar Seishi relatando que o auditório e quadra eram muito pequenos para acomodar todos os alunos e alunas, então ouviam o Decreto Imperial da Educação e outros momentos de discurso de festividade na área aberta da escola, mesmo em períodos de neve eram obrigados/as a permanecerem na área aberta até o fim da leitura (HIRATSUKA, 1992).

Por desejo do pai, Raichô prestou o exame para a escola *Ochamomizu* que ficava no distrito de Tóquio, para cursar o ensino médio com a duração de quatro anos, considerada uma das escolas públicas para garotas de maior prestígio. Foi aprovada em primeiro lugar, não sendo mais o ensino exigido pelo governo, que tinha por objetivo a alfabetização de seus cidadãos e cidadãs. Hiratsuka passou a ter aula de música e canto, economia doméstica, bordado e etiqueta, sendo opcionais as matérias de inglês e costura, por desejo de seus pais, optou por costura, frisou o lema da escola que tinha por base o sistema Confuciano “Boa esposa, e sábia mãe” (HIRATSUKA, 1992).

Anos depois seu interesse por literatura e pela língua inglesa cresceu e se tornou uma decisão independente retomar seus estudos e aperfeiçoar seu inglês. Foi quando entrou na escola

¹² El que intente conocer a los japoneses tiene que empezar por comprender lo que para ellos significa <<ocupar cada uno el lugar que le corresponde>>. Su confianza en el orden y en la jerarquía y nuestra fe en la libertad y en la igualdad son dos polos opuestos, y a nosotros nos resulta difícil dar a lo jerarquía su justo valor como posible mecanismo social. La confianza del Japón en la jerarquía es un sentimiento básico en su concepto de la relación del hombre con sus semejantes, así como en la del hombre, como la familia, el Estado, la vida religiosa y económica, nos será posible entender su punto de vista sobre la vida (BENEDICT, 2006, p. 38).

Eigakojuku. Após anos a cargo do Estado e passada a guerra Chino-Japonesa¹³, Raichô relata que seu pai estava cada vez mais se tornando um conservador “típico” e agente do Estado, e o que dez anos antes ele havia incentivado sua esposa/mãe de Raichô e suas irmãs a fazerem aulas de inglês, agora ele era contra. No início da Era Meiji havia por todo o Japão o sentimento de abertura e aceitação de ensinamentos ocidentais de forma amigável, após a guerra Chino-japonesa isso mudou o cenário e houve uma volta aos cuidados e ao conservadorismo da tradição japonesa, Sadajiro, não foi diferente passou pelos mesmos estágios que seus governantes e boa parte da população. Ela acabou fazendo as aulas escondida e pagando com a mesada que recebia da mãe (HIRATSUKA,1992). Em seu relato pessoal, ela traz algumas outras informações de como essas escolas referentes ao ensino médio para garotas funcionavam, a partir de escolhas de algumas antigas colegas de classe.

O sistema de ensino fundamental da época consistia em um curso de quatro anos de nível inferior e um curso de quatro anos de nível superior. As meninas geralmente ingressam no ensino médio depois de completar dois anos no curso secundário, um passo que foi dado com passos largos, sem o estresse observado entre os alunos hoje. Na minha turma, apenas três meninas estudaram no ensino médio. Eu fui a única a ir para Ochanomizu. As outras duas, com quem eu competi pelo primeiro lugar, foram para a escola secundária das meninas da prefeitura em Koishikawa Takebaya-cho. Várias meninas foram para uma escola em Hongo Yushima, que ensinava costura ao estilo japonês e qualificava alunas para ensinar a matéria no ensino fundamental. [...] As únicas escolas para meninas além do ensino médio eram as Escolas de Nível Superior de Tóquio (que treinava professores do ensino médio) e a Academia de Música Coeducativa de Ueno. Faculdades de três anos para mulheres como a Japan Women’s College, Joshi (mais tarde Tsuda) Eigakujuku, Joshi Isen (uma faculdade de medicina) e Joshi Bijutsu (belas artes) foram estabelecidas nos primeiros anos (HIRATSUKA, 1992, p. 73)¹⁴.

¹³ Conhecida como a primeira guerra entre o Japão e a China modernos aconteceu em primeiro de agosto de 1894 e durou até 17 de abril de 1895. O Japão saiu vitorioso com o total de trinta e cinco mil soldados chineses mortos ou feridos e dezessete mil soldados japoneses mortos ou feridos, contando com o início de fortes influências no território da Coreia. A situação entre os dois países continuou a não ser amigável até resultar na Segunda Guerra Chino-Japonesa que ocorreu concomitante a Segunda Guerra Mundial.

¹⁴ The elementary school system at the time consisted of a four-year lower level course and a four-year higher-level course. Girls generally entered high school after completing two years of the secondary course, a step that was taken in stride, with none of the stress seen among students today. In my class, only three girls went on to high school. I was the only one to go to Ochanomizu. The other two, with whom I competed for first place, went to the Prefectural Girls’ High School in Koishikawa Takebaya-cho. Several girls went to a school in Hongo Yushima, which taught Japanese-style sewing and qualified students to teach the subject in elementary school. [...] The only school for girls beyond high school were the Tokyo Higher Normal School (which trained high school teachers) and the coeducational Music Academy in Ueno. Three-year colleges for women like Japan Women’s College, Joshi (later Tsuda) Eigakujuku, Joshi Isen (a medical college), and Joshi Bijutsu (fine arts) were established in the early years (HIRATSUKA, 1992, p. 73).

Com o sistema educacional difundido pelo país, os jornais e revistas de grandes centros passaram a ter maior adesão pelos japoneses se tornando a janela com vistas para o ocidente dos *nihonjins*¹⁵. Dessa forma, a sede por acelerar o desenvolvimento e alcançar a corrida internacional por conhecimento científico e técnico e em oposição às duras críticas internacionais sobre o Japão antiquado e ultrapassado, fortaleceu a adesão do governo em ideologias liberais, utilitárias e modernas. Não obstante, as revistas e os jornais locais também fizeram sucesso com a publicação de folhetins de novelas e temas de cultura, principalmente a literatura. Yamashiro cita dois jornais que iniciam seus trabalhos na Era Meiji: *Taiyo* (O Sol) do qual o pesquisador não cita ano de abertura e de fechamento e a revista *Chuo-Koron* (Revista Central) aberta em primeiro de janeiro de 1887 e permanece em atividade ainda nos dias atuais (YAMASHIRO, 1978).

Além desses dois jornais de maior reconhecimento citado pelo sociólogo, houve outros grandes jornais que iniciaram suas entregas diárias com o decreto educacional de 1871. O primeiro que possui registro é o jornal *Yokohama Mainichi Shimbun* 1871. Existem ainda três jornais publicados diariamente em inglês *The Japan Times*, *The Daily Yomiuri* e o *Internacional Herald Tribune/ The Asahi Shimbun*. Apesar das revistas serem popularmente assimiladas diretamente ao estilo *mangá* (histórias ficcionais), existem outros estilos sendo principalmente produzidos por grandes editoras de jornais e livros e por editoras independentes. Outros dois temas que eram muito populares, revistas que acompanhavam a vida de famosos e notícias sobre crimes, visando reafirmar a liberdade de imprensa através de conteúdos considerados banais¹⁶. Raichô nasceu imersa nessa popularização de jornais e revistas, concebendo a *Seitô* em formato de revista com foco em literatura para as mulheres. Em 1912, com o projeto e o grupo de mulheres formado, ela recebe financiamento inicial de sua mãe para dar início aos trabalhos de publicação, encontrando nessa área editorial uma forma mais popular de dialogar diretamente com seu público alvo, por meio da revista mensal e das respostas e pedidos de publicações por correio.

A admiração pelos intelectuais germânicos e sua influência obtiveram sucesso no Japão pouco depois da Reforma Meiji e agiu inclusive na formação dos militares. Após a guerra russo-japonesa houve uma febre pela literatura russa de acordo com Ingram Bryan e os japoneses e japonesas sentiram maior proximidade com a literatura fatalista e pessimista dos russos do que com a literatura de qualquer outro país. No entanto, essa febre foi perdendo força retornando o

¹⁵ Palavra japonesa para designar pessoas nascidas no Japão de primeira geração.

¹⁶ The Japan Times, The Daily Yomiuri e o Internacional Herald Tribune/The Asahi Shimbun acessado: 08 de março de 2020.

interesse japonês para a literatura de língua inglesa (britânica e estadunidense) (YAMASHIRO, 1978).

A influência germânica não se deu apenas no campo da literatura, mas também na Constituição Meiji de 1889. Foi de longa data a aliança japonesa com o povo germânico, construída por similaridades e admiração. Com o imperador Meiji já estabelecido no poder e em pleno processo de unificar a nação em prol do desenvolvimento do país, iniciou o pedido, pela parte esclarecida da opinião pública, por arquitetar uma constituição.

O governo havia enviado o embaixador Iwakura Tomomi (1825-1883), do setor de Yokohama, para traduzir e compreender diferentes formas de Constituições ocidentais, processo esse que caminhou em lentos passos. As compreensões díspares do que era uma Constituição se alteravam em determinadas estruturas sociais. O impasse era como instaurar no Japão um sistema político moderno, mas que coubesse aos interesses e à cultura japonesa. Iwakura retornou com sua pesquisa no exterior em 1873 com traduções e breves análises. No mesmo ano houve a Assembleia Iwakura para a apresentação dos dados colhidos, em função de criar uma Constituição japonesa, mas o clima político não era nada favorável, e outro dilema se levantou, o de expansão sobre países vizinhos, que ao findar mal conheciam a nação japonesa, como por exemplo o território da Coreia (KAZUHIRO, 2007).

Devido a esses impasses, vários líderes da oposição se uniram para organizar um movimento popular intitulado Pró-Direitos e Liberdade do Povo, em interesse por estabelecer a democracia e um parlamento representativo. Em busca do que era de direito do povo e com duras críticas ao governo autoritário, esses líderes dos quais boa parte haviam acabado de regressar do exterior, acabaram por alcançar várias cidades em seu movimento popular. O resultado foi que o governo em 1874 prometeu uma lenta formulação da constituição, instaurando o Conselho dos Estadistas Veteranos, o Supremo Tribunal e Assembleias Provinciais orquestrando a Conferência de Governadores de Províncias. Mesmo assim, a pressão dos líderes da oposição continuou e o governo como forma de reafirmar seu poder, passou a controlar a imprensa a fim de diminuir o poder da opinião pública. Em 1881 prorrogou a Magna Carta, em decorrência desse ato houve a criação de dois partidos: o Partido Liberal, liderado por Taisuke Itagaki (1837-1919) e o Partido Constitucional Progressista liderado por Shigenobu Okuma (1838-1922) que defendia o modelo parlamentar inglês. Houve repressão violenta do Estado para com esses partidos e grupos de apoiadores, diminuindo a força do movimento popular (YAMASHIRO, 1978).

Em meio a essa agitada movimentação no cenário político, Raichô relatou que seu pai Hiratsuka Sadajiro, de professor de alemão passa a Conselheiro Fiscal de Assuntos

Internacionais em 1886, no qual atuou por 40 anos, sendo um cargo não muito importante, mas também não de menor valor. 1886 é também o ano de nascimento de nossa protagonista. Nesse mesmo ano ele passa a fazer viagens internacionais e trabalhos relacionados às leis Prussianas, financiados por um gabinete secreto recém fundado pelo Primeiro Ministro Hirobumi Ito. Em uma dessas viagens acabou por conhecer Bismark, algo que de acordo com Raichô ele sempre se orgulhou muito. Considerando a vida educacional a princípio ordinário e de filho de samurai que levou, seu interesse pela língua germânica acabou por gerar vários benefícios em sua vida (HIRATSUKA, 1992).

Raichô ainda ressaltou vários elementos que nos levaram a entender Sadajiro mais como um intelectual do que estadista, até mesmo explicando a personalidade do pai como “típico” de um agente do Estado. A criação do pai dela, teve influência profunda advinda dos estudos sobre a Prússia e a língua germânica que resultou em seu cargo político. A carreira de Sadajiro iniciou como funcionário do Estado antes de 1886. Da Câmara dos Vereadores foi transferido para o Ministério da Agricultura e Comércio, e depois para o Ministério das Relações Internacionais. O que nos levou a entender que foram poucos os anos que ele passou em cada setor, para ele sua carreira como professor foi significativa o que acabou por influenciar Raichô, que o admirava nesse sentido. Abaixo um trecho sobre a formação intelectual de seu pai:

Como eles eram da mesma região, ele pediu a Matsumi que lhe ensinasse o idioma. Como meu pai logo descobriu, o homem sabia ler, mas não falava alemão. De algum jeito meu pai se matriculou em uma escola particular em Surugadai, onde o idioma era ensinado de maneira mais sistemática. Para ganhar dinheiro e pagar as mensalidades, ele vendia feijões salgados torrados em casa enquanto estudava seu livro de gramática. Determinado a dominar o alemão, ele persuadiu seu pai a lhe dar de cerca de 200 ienes que havia escondido e, em seguida, fez o exame de admissão para a recém-criada Escola de Línguas Estrangeiras. Isso foi em 1875; a decisão determinou o curso de sua vida (HIRATSUKA, 2006 p. 37)¹⁷.

Mas foi como auditor fiscal, cargo em que Sadajiro ficou por 40 anos, que ele se sentiu realizado, pois permitiu que ele pudesse viver o sonho de viajar para fora do país. “Ele foi enviado para Taiwan, Coréia, Manchúria e Sibéria para auditar as finanças coloniais e militares. No início da Primeira Guerra Mundial, ele foi enviado para as ilhas do Pacífico Sul que estavam

¹⁷ Original: Since They were from the same domain, he asked Matsumi to teach him the language. As my father soon discovered, the man could read but could not speak German. Som y father enrolled at a private school in Surugadai, Where the language was taught in a more systematic manner. To earn Money for tuition, he went around selling the salted beans he had roasted at home while studying his grammar book. Determined to master German, he persuaded his father to part with some 200 yen he had stashed Away and then took the entrance examination for the newly established Foreign Language School. This was in 1875; the decision determined the course of his life

sob domínio japonês.” (HIRATSUKA, 1992 p.38)¹⁸. Em vários trechos Raichô nos mostrou que o maior orgulho do pai era sua habilidade com a língua germânica, sendo um profundo estudioso sobre a economia prussiana, cultura e língua. Escreveu em *nihongo Introdução para o Germânico, Cartilha da Gramática Germânica e Palestras em Auditoria*, além de traduzir vários livros para o japonês (HIRATSUKA,1992). Toda essa construção do pai de Raichô e suas influências acabaram por se tornar outro ponto importante para compreendermos o interesse político de nossa protagonista. O resultado foi que mesmo ele não ocupando um cargo de alto escalão, acabou por colocar sua família em uma posição privilegiada em relação às outras famílias. Em consequência, Raichô teve mais ferramentas para questionar e lutar por seu lugar social do que a maior parte das mulheres de seu tempo.

Embora alemão tenha sido a única disciplina que ele estudou formalmente, meu pai era versado em direito e economia. Além de suas funções oficiais, ele ensinou alemão na Primeira Escola Superior, deu o primeiro curso de contabilidade na Escola de Tesouraria do Exército e ajudou a fundar a Escola da Associação Alemã. No final da carreira, foi o segundo em comando do Conselho Fiscal, uma prova de suas habilidades. Na verdade, por não ter as credenciais acadêmicas adequadas, uma portaria especial foi emitida para permitir que ocupasse o cargo. Quando o cargo mais alto se tornou vago, esperava-se que meu pai o ocupasse, mas sua falta de credenciais tornou-se novamente um problema e, nesse ponto, ele renunciou ao cargo (HIRATSUKA, 2006, p.39)¹⁹.

A Crise Constitucional é parte desse contexto em que a autora nasceu. O imperador ordenou que Hirobumi Ito – posteriormente se tornou o primeiro-ministro -, que fosse aos países europeus para analisar suas diversas constituições, ao decorrer de suas ponderações acabou por se aproximar muito mais das pesquisas sobre a Constituição Prussiana. Em 1886, Ito reuniu estadistas para a formulação da constituição, tais como Kowashi Inoue (1844-1895), Miyoji Ito (1857-1934) e Kentaro Kaneko (1853-1942), sob a orientação de K. F. Hermann Roessler (1831-1895) da Prússia, para a elaboração da Carta Magna. Então, no dia 11 de fevereiro de 1889, o Imperador em uma sessão solene se reuniu com membros do governo, diplomatas estrangeiros para a *Dai Nipon Teitoku Kempô* (Constituição do Grande Império do Japão).

¹⁸ He was sent to Taiwan, Korea, Manchúria, and Siberia to audit colonial and military finances. At the outbreak of World War I, he was sent to the islands in the South pacific that had come under Japanese rule.

¹⁹ Original: Although German was the only subject he studied formally, my father was widely read in law and economics. Besides his official duties, he taught German at the First Higher School, gave the first course in accounting at the Army Paymaster School, and helped found the German Association School. At the end of his career he was second in command at the Audit Board, testament to his abilities. In fact, because he lacked the proper academic credentials, a special ordinance had been issued to allow him to fill the position. When the top post eventually became vacant, my father was expected to fill it, but his lack of credentials again became a problem, and at that point he resigned

A Constituição Meiji foi construída sem a participação de representantes do povo, trata-se de uma carta política baseada em uma constituição monárquica autoritária da Prússia. O povo japonês passou a adquirir direitos, sob limitadas condições, podendo participar do governo pela Câmara dos Pares ou pela Câmara dos Representantes e o Imperador continuava com o poder sobre os militares e em caso de necessidade poderia recorrer a reescritos imperiais, sem consultar o legislativo. E o direito ao voto foi limitado a homens acima de 25 anos e que pagaram impostos anuais ao Estado o valor equivalente ou superior a 15 yens (YAMASHIRO, 1978).

Sakurai (2007) também ressalta que com o projeto de unir a população japonesa em conveniência ao desenvolvimento, com o forte espírito confuciano na educação e a identidade hierárquica, a população passa a identificar essa união em nome da glória do país com um esforço coletivo para a glória do Imperador. Tornando a imagem do Imperador como sendo o próprio Deus vivo (SAKURAI, 2007).

Yamashiro apresentou dois decretos sobre a imposição arquitetada na Constituição Meiji, o que nos deu aparato para observar a população geral com relação à figura do imperador: “1º que o “Grande Império do Japão será governado pelo *tenno*²⁰ de linhagem ininterrupta” e no 3º decreta: “O *tenno* é sagrado e inviolável”. (YAMASHIRO, 1978, p.184). O pesquisador também ressaltou que a Constituição Meiji foi a perfeita junção entre o interesse modernizador em relação ao ocidente e a cópia de segunda mão da Constituição autoritária Prussiana (YAMASHIRO, 1978).

Mesmo não sendo ao gosto de todos, a Constituição foi instaurada em 1889. Em julho desse mesmo ano Kaneko Kentarô (1853-1942) que trabalhou como assistente de Hirobumi Itô na composição da Constituição Meiji, saiu em uma nova jornada, em sua mala ele carregou a tradução para o inglês da Constituição e um outro texto de comentários e explicações escrito pelo próprio Itô. Sua missão era mostrar o Japão “civilizado” aos olhos ocidentais, buscando aceitação no cenário internacional, passando a imagem de um Japão como um país desenvolvido. Entre os nomes de políticos e estudiosos, além de germânicos se encontravam o especialista em constitucionalidades Albert Venn Dicey (1835-1922) e o eticista Henry Sidgwick (1838-1900), e nos Estados Unidos se encontrou com Oliver Wendell Holmes (1841-1935), com o então chefe da Suprema Corte e outros. O julgamento dos especialistas e políticos ocidentais envolvidos foi bastante louvável, levando em conta apenas algumas críticas ao que se refere aos decretos baseados no Parlamentarismo Britânico, por ser julgado um modelo muito

²⁰ O chefe da família imperial.

peculiar da Grã-Bretanha e na utilização de clássicos japoneses na obrigatoriedade educacional, como por exemplo o livro *Kojiki* já mencionado aqui (KAZUHIRO, 2007). Dicey chegou a defender o modelo japonês com bases fortemente visíveis com a Prússia:

A Alemanha é um país cujas fortunas estão em ascensão e no qual podem ser depositadas as maiores esperanças para o futuro. Além disso, no mundo de hoje existem poucos monarcas que possuem autoridade tão grande quanto a do Kaiser alemão. Pode ser que, se você deseja manter a forma monárquica de governo perpetuamente, não possa deixar de dar ao imperador vastos poderes de soberania. A monarquia britânica é peculiar à Grã-Bretanha, e não algo facilmente emulado em outras terras (KAZUHIRO, 2007, apud DICEY, p. 138)²¹

Raichô definitivamente não admirava os legisladores que construíram a Constituição Meiji. Criada em uma família patriarcal aos moldes japoneses, tinha grande consideração pelo pai e aceitava suas ordens. Ela menciona que seu pai era autoritário de uma forma peculiarmente patriarcal, mas nada muito diferente de outros homens. Uma das passagens que em análise demonstra em que momento se iniciou a resistência ao governo, é o seu ingresso na Universidade Japonesa para Mulheres, instituição privada inaugurada em 1901. A universidade foi fundada por Naruse Jinzo (1858-1919), que em 1896 escreveu um livro-manifesto em defesa da criação de Universidades para as Mulheres, todavia, muitos alegaram que era muito cedo para o feito. A admiração por Naruse é quem levou Raichô às portas da Universidade particular, no entanto, seu descontentamento iniciou com os professores da escola que ao receber alguns dos benfeitores pediam que as alunas cozinhasse para eles e a que melhor mostrasse empenho na cozinha recebia o consolo no formato de elogios, o que consideravam ser algo maior interesse das alunas. Porém, Raichô considerava desagradável os enormes elogios e agradecimentos aos benfeitores advindo dos administradores e professores da Universidade, compreendia a situação e a importância de um benfeitor, mas sabia a importância da Universidade e acreditava que o sucesso estaria em valorizar as alunas e a instituição e não em valorizar os patrocinadores (HIRATSUKA, 1992). Em relação aos contribuintes eram normalmente pessoas da elite industrial ou algum agente político como descreve Raichô:

Os principais benfeitores eram líderes no mundo dos negócios como Iwasaki, Mitsui, Sumitomo, Shibusawa, Morimura, Hirooka e Dokura, e figuras políticas como Itô, Okuma, Konoe e Saionji. Esses Benfeitores ocasionalmente vinham dar palestras, mas o que eles diziam era geralmente

²¹ Germany is a country whose fortunes are presently on the rise, and upon whom the greatest hopes may be placed for the future. Moreover, in today's world there are few monarchs who possess authority as great as that of the German kaiser. It may be that if you desire to maintain the monarchic form of government in perpetuity, you cannot but give the emperor vast sovereign powers. The British monarchy is peculiar to Britain, and not something easily emulated in other lands (KAZUHIRO, 2007, apud DICEY, p. 138).

superficial e cheio de chavões; nenhum mereceu meu respeito ou admiração (HIRATSUKA, 2006, p.123)²².

Raichô nasceu em uma sociedade que estava em grande corrida internacional para se modernizar. O Japão havia aprendido que seu fechamento para o mundo poderia ser muito perigoso para o futuro do país. Nessa “grande modernização”, as mulheres foram colocadas em um lugar subalternizado, em um patamar secundário mostrando que a modernização deveria vir pelos homens e para os homens. A própria Constituição evoca isso ao permitir homens acima de 25 anos com poder de voto, excluindo a mulher da vida política. Raichô foi aluna em um período em que a obrigatoriedade da mulher era saber ler, costurar e administrar a casa, mas ela assim como outras que ingressaram na Universidade para Mulheres, demonstraram que desejavam outros lugares naquela sociedade. Raichô nos apresentou os primeiros passos dessas mulheres sendo deixados para trás, quando o governo e a sociedade inteira se mobilizaram para a evolução e a modernização do país, o papel da mulher também deveria ser repensado.

Ela também viveu em um período de formação nacionalista, uma identidade com a qual Raichô não compactuava. Primeiro, por sua resistência ao governo regente e a Constituição de 1889; segundo, pelo forte sentimento do Estado em manter tradições culturais e educacionais que demandam privações das mulheres em se sentirem livres de ter que atuar em um papel específico. Em algumas passagens ela demonstrou que na infância e na adolescência não tinha planos em casar e ter filhos, mas detinha grandes sonhos em estudar e promover alguma ação de grande impacto social no país. No ensino médio chegou a planejar escalar o monte Fuji para se tornar a primeira mulher a chegar ao topo sozinha.

Nunca esquecerei sua conclusão: "O dever de um pai para com uma filha termina com o ensino médio." Minha irmã, que havia terminado a escola no ano anterior, contentava-se em se ocupar com aulas de koto, violino e alemão; composição de poesia, e O conto de Genji. Meu pai não via razão para eu não fazer o mesmo; as mulheres deveriam fazer o que sempre fizeram - ficar em casa e cuidar da casa. Dada sua recusa categórica, não havia algo que eu poderia dizer. Sinceramente, não tinha intenção de obedecer a meu pai. Quaisquer que fossem as consequências, decidi seguir em frente e me inscrever. Ao contrário da vez em que fui proibida de escalar o Monte Fuji, desta vez fui inflexível quanto à minha decisão. Eu estava preparada para desafiar meu pai, a personificação da autoridade patriarcal, e não há dúvida de que minha determinação implacável de levar a cabo meu plano era uma crítica implícita a ele. (HIRATSUKA, 2006, p. 111).²³

²² The main benefactors were leaders in the business world like Iwasaki, Mitsui, Sumitomo, Shibusawa, Morimura, Hirooka, and Dokura, and political figures like Itô, Okuma, Konoe, and Saionji. Benefactors occasionally came to give talks, but what they said was usually superficial and full of platitudes; not a single one earned my respect or admiration (HIRATSUKA, 2006, p.123).

²³ Original: I shall never forget his conclusion: “ A parent’s duty to a daughter ends with high school.” My sister, who had finished school the previous year, was content to busy herself with lessons in the koto, violin, and German; poetry composition. And studying The Tale of Genji. My father saw no reason I should not do the same; women were supposed to do what They had Always done – Stay at home and manage the household. Given his categorical

Ela viveu dentro de um sistema hierárquico enraizado até no imaginário dos japoneses, e se sentindo incomodada com esse sistema, redirecionou seu desejo por subir o monte Fuji para escalar o sistema governamental, e mesmo que não conseguisse levar suas partidárias junto a ela, desejou mostrar ao Japão a presença de mulheres fortes e importantes, trazendo essa modernização europeia para a mente das mulheres.

Nos próximos capítulos buscamos compreender e analisar como foi escrita a autobiografia de Raichô e como foi feita sua tradução para o inglês. Também nos atentamos mais para a construção identitária e intelectual de Raichô, e sua relação com as integrantes da revista Seitô em receptividade de seu público alvo. Analisando como se deu a entrada dos ideais do Movimento das Mulheres até o feminismo e os diálogos que houve por meio da literatura com feministas ocidentais durante o período em que Raichô foi editora chefe da revista.

refusal, there was a little i could say. Secretly, I had no intention of obeying my father. Whatever the consequences, I decided to just go ahead and apply. Unlike the time I was forbidden to climb Mount Fuji, I was adamant about my decision. I was prepared to defy my father, the embodiment of patriarchal authority, and there is no question that my grim determination to carry out my plan was an implicit criticism of him.

CAPÍTULO 2

RAICHÔ HIRATSUKA E A CRIAÇÃO DA REVISTA SEITÔ

Aprofundando a inserção de ideias e de formação do feminismo com bases ocidentais liberais no início do século XX no Japão, buscamos compreender a formação e a trajetória intelectual de Raichô Hiratsuka (1886-1971) e em que campos de possibilidades ela esteve inserida. Nos detemos na análise da criação e editoração da revista *Seitô* (1911-1916), assim como em seu impacto na sociedade japonesa durante a transição da “gloriosa” Era Meiji (1868-1912) para a Era Taishô (1912-1926). A escolha pela autobiografia *In the beginning woman was the sun* (1992) se deu pelo cruzamento de dois caminhos: o primeiro por se tratar de uma biografia de propósito feminista no Japão, escrita ainda no início do século XX; e o outro caminho que vem da direção do público alvo feminino da revista *Seitô*, sua recepção e diálogos com as leitoras e opositores. Abaixo as integrantes que inauguraram a revista.

Figura 3- Foto do grupo inicial da revista *Seitô*, Raichô é a primeira do lado direito.



Fonte: <http://elrincondeesleirle.blogspot.com/2018/04/seito-las-medias-azules-de-las.html> domínio público acessado dia 10/10/2021.

A Revista Seitô iniciou com diálogos com o movimento das mulheres emergido no ocidente, por isso tratamos a revista como vestígio dos primórdios de um feminismo japonês muito específico e articulado ao processo de modernização aos moldes ocidentais, e seus entrelaçamentos com o nacionalismo japonês. Em síntese, esse movimento fomentado pelas japonesas da Seitô e outros pequenos grupos que se reuniram em virtude de uma insatisfação social e política estava muito mais ligado ao sentimento de exclusão de uma corrida desenvolvimentista sexista (MACKIE, 2003). Inclusive, a inauguração da revista é relacionada diretamente ao movimento *shin'onna* ou “novas mulheres” preconizando o discurso filosófico ao político e a compreensão do papel da mulher como um indivíduo ativo na sociedade japonesa (ISOTANI, 2016). Todo esse trajeto nos mostrou que houve, por meio de uma autoridade compartilhada, a construção de um ângulo da nossa pesquisa que é a História Pública.

O conceito de uma autoridade compartilhada foi introduzido por Michael Frisch em 2012 na historiografia e passou a ser um elemento fundamental quando se discute uma temática que é trabalhada pelo ângulo da História Pública. Esse termo diz respeito a uma construção do conteúdo historiográfico feito por historiadores/ras em conjunto com profissionais de outras áreas, grupos sociais e/ou pessoas comuns. O material produzido não necessariamente perpassa por uma escolha individual do/a pesquisador/a e sim por elementos já partilhados entre esses grupos (FRISCH, 1990). Sendo assim, nosso trabalho não partiu apenas de um interesse acadêmico, e sim de um interesse social em disseminar o conhecimento histórico sobre o feminismo no Japão e sua importância. A autobiografia de Raichô tem como foco o trabalho das integrantes da Seitô, do qual construíram uma temática histórica partilhando a autoridade e reinterpretando as reflexões sobre a posição da mulher pela escrita e leitura, com um grupo de leitoras e escritoras japonesas privadas de questionar, opinar e formar críticas em espaços públicos e políticos até o ano de 1917.

Tal como analisamos o contexto da Era Meiji (1864-1912) e primórdios da Era Taishô (1912-1926) afirmamos que o sentimento japonês em relação ao “mundo” ocidental era de atraso, ideia imposta pelo próprio ocidente que estava em plena extensão territorial e em desenvolvimento de um conjunto de características que definiam o que era “civilizado” no momento em questão, excluindo os frutos desenvolvidos pelo oriente ou países considerados subdesenvolvidos. O orientalismo, campo de estudos sobre o Oriente Médio e Extremo Oriente em desenvolvimento científico europeu, fez longas críticas a essa imposição de visão do Ocidente ser civilizado enquanto o Oriente era atrasado. Não nos esquecemos do binarismo de Said em relação à supervalorização do Ocidente em detrimento do Oriente - binarismo esse que fortifica a diferenciação de gênero entre homens e mulheres. Essa crítica ao binarismo de

Edward Said ao que nos referimos se trata das teorias eurocentristas e periféricas. O intelectual palestino defende que com o movimento causado pelo imperialismo tanto no que gere a economia, quanto o social não pode mais ser pensado como sociedades independentes. Said propõe um “modelo de partilha” no caso devemos universalizar os conflitos, crises e o deslocamento de informação a fim de ter uma análise mais completa (SAID,2003).

Neste sentido nós voltamos para a construção de Raichô como uma crise que aconteceu paralelamente a outros desenvolvimentos, como por exemplo as críticas ao lugar da mulher na política e na sociedade, em clamor à inclusão da mulher na constituição. Essa não foi uma luta travada apenas no Japão do início do século XX. Popularmente nas séries e filmes sabemos que houve movimentos sufragistas em países na Europa e nos Estados Unidos, e aqui se revela novamente a importância desta temática, pois provavelmente muitos que leem esta pesquisa sequer imaginavam que também existiu movimento similar no Japão.

2.1 O encontro com Raichô Hiratsuka

Realizando pesquisa em blogs e sites que possuem conteúdo de História, com interesse de um amplo público leitor e maiores facilidades de acesso, encontramos o nome de Raichô Hiratsuka que se destacou com a abertura da revista *Seitô* produzida com o slogan “de mulher para mulher” – inclusive essa mesma frase é utilizada pelas lojas de departamento Marisa, acreditamos que não haja conexão –, por se tratar de um período altamente conservador e ultranacionalista, em que as ferramentas de formação militar e patriarcal se faziam vitoriosos sob todos os aspectos. Uma protagonista histórica que esteve imersa em um *campo de possibilidades* muito específico e com contradições. Utilizamos esse conceito de Gilberto Velho que explica melhor como a construção de família, trabalho, lazer, opções políticas, gênero e idade faz com que os indivíduos sejam pressionados ou impelidos a se moverem para determinados grupos de escolhas. Isso nos possibilita compreender nossa protagonista com uma identidade multifacetada dentro de uma diversidade de papéis e domínios que resultam em uma identidade relativamente estável de acordo com seu meio social (VELHO, 2003).

No período em que Raichô esteve cursando o ensino básico obrigatório para as mulheres, o Japão passou pela guerra Chino-japonesa(1894-1895), e durante o curso de Ensino Superior, o Japão saiu vitorioso das guerras Russo-Japonesa (1904-1905) e contra a Coreia (1910) passando a anexar o território coreano ao seu próprio território político até 1945, quando o Japão foi derrotado na Segunda Guerra Mundial. Compreendemos esse período para o país

como o desabrochar de um feminismo mesmo em “invernos²⁴” políticos e sociais em que ao mesmo tempo aconteceu a primavera feminista japonesa do início do século XX.

A própria história do direito das mulheres no Japão se confunde com a autobiografia de Raichô. Sobre a fonte em questão, seu título original em *hinonji*²⁵ é *Genshi, Josei wa Taiyô de Atta*, que equivale à obra traduzida para o inglês, lançada originalmente em duas partes em 1971 ano de morte da autora e 1972. A obra é uma narração genuinamente feita por via oral por Raichô infância, adolescência e vida adulta até 1917 um ano após o encerramento da revista. Foi traduzida para o inglês pela 4ª edição da obra no Japão, por Teruko Craig em 2006, além de conter uma introdução da tradutora assim como importantes notas para compreensão da obra. Além da interferência normativa na tradução, a intérprete/autora afirma interferência objetiva na obra em omissão de detalhes considerados por ela irrelevantes, repetitivos e evasivos. Segundo a tradutora, o livro foi organizado de forma cronológica e a narrativa considerada por ela inconsistente (CRAIG, 2006). Nesse processo, compreendemos a perda de parte da subjetividade de Raichô e a seleção de elementos ocidentais para maior compreensão do público. Mesmo com pequenas modificações no processo de tradução e edição da obra, encontramos elementos delicados para nossa análise que remetem à essência de nossa protagonista, para compreendermos sua vida e seus trabalhos.

Ao analisarmos a autobiografia percebemos o papel de autora e produtora de uma concepção progressista sobre a sociedade, que buscou na literatura e em pensadores/as ocidentais, certas reflexões que a retiraram do comodismo e dos conflitos de sua própria vida e a fizeram assumir um posicionamento em favor das mulheres no sentido de libertação. Raichô se tornou uma mulher cujas publicações e demais projetos em que atuou, foram conduzidos de forma crítica e acabou enfrentando a mídia tradicional estabelecida no Japão, em específico na região da capital do país, nos distritos de Tokyo.

Por esse posicionamento da autora, a reconhecemos como uma “autora produtora”, um conceito de Walter Benjamin (1985) pensando em seu contexto e em seu recorte pelo público alvo escolhido. O intelectual explica esse conceito como sendo um “autor progressista” que difere dos demais autores, como alguém que se coloca em uma posição mais direta, de crítica à política e a sociedade. Utilizando como exemplo um socialista que incentiva o proletariado a tomar consciência de seu lugar, de seu poder de atuação e de fazer seu público alvo tornar audível os questionamentos sobre a sociedade em que esses sujeitos estão inseridos. Raichô se

²⁴ Utilizei a palavra inverno como forma de lembrar as “Primaveras Arabes” tão noticiada em todos os jornais como o “desabrochar” dos países árabes movimentos em pedido da Democracia, em 2010.

²⁵ Tradução livre: Japonês.

encontra nesse mesmo aspecto, como uma “autora progressista” ou “autora produtora” quando faz esse recorte de público para as mulheres, com o intuito de ser, independentemente de sua classe social em que estão inseridas, assim como quando defende a educação pública de melhor qualidade para todas. Além de gerenciar uma revista a qual o objetivo principal era de “mulher para mulher” também buscou trazer consciência feminista por meio de sua autobiografia, exemplificando seu caminho percorrido para o feminismo e com o objetivo político e social de conscientizar as mulheres das novas gerações das lutas traçadas por elas, e da importância de se questionar o meio em que estão inseridas. Notamos que essa fonte se encontra em diálogos sobre sufrágio e o nascimento do feminismo japonês que está próximo de um feminismo liberal do século XX advindo do ocidente, principalmente das perspectivas da teórica feminista Ellen Key, uma autora que se tornou central no ativismo mais maduro de nossa protagonista, nos anos finais que a revista esteve em atividade, de acordo com a tradutora da obra.

A história da vida de Raichô até 1917, como ela própria relatou, é apresentada nesta tradução. Para o resto de sua vida, até 1971, anexe um posfácio da tradução moderadamente detalhado. Com uma exceção [...] A exceção é a fundação da Organização das Mulheres Novas para pedir o sufrágio feminino em 1920. (CRAIG, 2006 p.16)²⁶

A construção autobiográfica apresentada por Raichô, que recebeu pinceladas da tradutora americana Teruko Craig, apesar de trazer uma convencional escrita do gênero iniciada nos primórdios da infância, transmutando em fase da adolescência e vida adulta, a autora não buscou mostrar a construção destinada a ser uma ativista em prol dos direitos das mulheres, com uma predestinação que a acompanhou desde seu nascimento. E inclusive nos fez refletir sobre vê-la como “idealizadora” da revista *Seitô*, apesar de ter sido editora-chefe e ter escrito um livro focando principalmente no desenvolvimento do grupo *Seitô* e seu fechamento, levando uma marca familiar com sua mãe que também financiou nos anos iniciais o projeto e posteriormente manteve um simbólico investimento na imprensa. A protagonista alegou não ter planejado a criação de uma revista literária mensal para mulheres. A *Seitô* foi proposta por um colega e mentor Ikuta Choko (1882-1936) autor de novelas, crítico literário e mais conhecido como tradutor de obras europeias, como por exemplo, *Assim falou Zaratrusta* (1885) de Friedrich Nietzsche. O novelista possuía grande interesse pela escrita das mulheres, pois a literatura era uma moda em voga feminina, logo a *Seitô* não poderia ser dirigida ou escrita por um homem e sua escolha e insistência era direcionada para Raichô orquestrar e ordenar todo o

²⁶ Original: The story of Raichô's life to 1917, as she herself related it, is presented in this translation. For the remainder of her life, until 1971, I have appended a moderately detailed translator's afterword. With one exception, there is no need to discuss her later life here. The exception is her founding of the New Women's organization to call for female suffrage.

projeto. Dessa forma, nossa autora central não caiu nas ilusões biográficas tão criticadas por Pierre Bourdieu (1930-2002).

Como eu disse, não estava nada entusiasmada. Não desejava ser uma escritora profissional. Não tinha temperamento nem talento e, mesmo que tivesse, duvidava que escrever um bom romance me trouxesse o tipo de satisfação emocional e intelectual que procurava. Sem dúvida, as jovens da época sentiram a forte atração à literatura, até um ponto inimaginável hoje. As aspirantes a escritoras enviaram centenas de manuscritos para revistas como *Joshi Bundan*. Mas, eu não tinha essas inclinações, nem ninguém que eu conhecia. A certa altura, posso ter vagamente pensado em escrever sobre minhas experiências e ideias, mas publicar um diário literário era a coisa mais distante da minha mente, então eu dei pouca atenção para a proposta de Choko (HIRATSUKA, 2006, p. 209)²⁷.

Mediante a escrita de Raichô buscamos reconstruir uma possível realidade do passado, de forma científica, para que esse pequeno reavivamento do momento descrito seja feito da forma mais completa, recorreremos a uma pluridisciplinaridade de áreas do conhecimento para averiguação dos fatos pela “operação historiografia”. De acordo com Michel de Certeau (2010), de um lado há o real como resultado de uma análise e do outro o postulado, mas que andam em conjunto, dessa forma existe a ciência histórica, portanto a história é uma construção do discurso do real (CERTEAU, 2010). Nesse aspecto da pesquisa, para compreendermos o início da revista *Seitô* e a resposta do público, tal como a união das escritoras envolvidas nesse projeto, analisamos a trajetória de nossa protagonista pelos campos de possibilidades em que ela esteve inserida, para entender o motivo dela ter sido a escolhida e orientada por Chokô a se tornar a idealizadora do projeto.

Partindo desse princípio recorreremos ao recurso heurístico de reconstruir a realidade narrada e vivida por Raichô Hiratsuka, não a colocando em investigação de veracidade, mas examinando cada informação fornecida por nossa protagonista, dialogando com a sua realidade apresentada por intermédio biográfico e analisando o que foi inicialmente em ativismo pelos direitos humanos das mulheres, no caso por direitos e reconhecimento civil, político, social e cultural, e posteriormente em ativismo feminista que visava aprofundar sobre o papel da mulher na sociedade acolhendo mulheres em diversas situações sociais. Sua própria autobiografia traz

²⁷ As I said, I was less than enthusiastic. I had no wish to be a professional writer. I had neither the temperament nor the talent, and even if I did, I doubted that writing a good novel would bring me the kind of emotional and intellectual satisfaction I sought. To be sure, young women at the time felt the powerful attraction of literature, to an extent unimaginable today. Aspiring writers sent manuscripts by the hundreds to magazines like *Joshi bundan*. But I had no such inclinations, nor did anyone I knew. At one point I may have vaguely thought of writing about my experiences and ideas, but putting out a literary journal was the furthest thing from my mind, so I had turned a deaf ear to Choko’s proposal (HIRATSUKA, 2006, p. 209).

esse apelo por continuidade ao feminismo no Japão, Raichô tornou evidente seu interesse quando o produziu. Ela nos trouxe uma realidade do distrito de Tóquio em que ela viveu, com diálogos, práticas e ideais germânicos, russo-soviético, suecos e ingleses assim como outras leituras de poetisas e romancistas japonesas. Isso nos levou a estudar o problema constitucional do Japão, que excluía as mulheres, e também em discutir e aprofundar uma investigação que se alinha com outros países dentro de um debate em esfera global, e nisso, encontramos outras mulheres que dialogam nesse período, formando uma rede transnacional de direitos humanos para as mulheres que possuía características e denominadas feministas.

Nessa estrada nos deparamos com o feminismo transnacional que assumimos como uma das bases auxiliares para abordarmos a formação do feminismo japonês advindo por Raichô Hiratsuka, e pela revista *Seitô* (1911) e sua liderança na Associação das Novas Mulheres. Essa vertente do feminismo propõe uma discussão de uma globalização não homogênea, percebendo a força que as opiniões públicas exercem sobre as críticas de barreiras e fronteiras territoriais (FRASER, 2005). Retiramos do pensamento ainda predominante categorizado como colonial, de que todas as coisas consideradas moralmente corretas e civilizadas são originalizadas da Europa ou dos Estados Unidos da América, e de um feminismo originário europeu e estadunidense que foi exportado para todo exterior ou para o oriente considerado por defensores das colonizações como “atrasados” como uma cartilha de ensinamento e entramos no feminismo transnacional (CHAISE, 2016).

Pensando no feminismo transnacional passamos para uma análise similar da antropóloga Lila Abu-Lughod fez em seu livro *Do Muslim Women need saving* (2003), em que observou as críticas das mulheres muçulmanas em relação à política vigente e como o estrangeiro passou a associar essas críticas diretamente com a religião do Islamismo de forma depreciativa - como se o islamismo fosse o mecanismo que retirou o poder das mulheres -, elevando um feminismo colonial. A autora faz uma análise diferente, sua abordagem nos proporciona um melhor entendimento da interseccionalidade em âmbito global e pós colonial, a qual analisa as especificidades em classe, cor, país ou mesmo região, e trouxe um olhar sobre as críticas sociais e políticas de mulheres crentes no Islamismo, mostrando que a religião não bloqueou essas protagonistas de obterem uma visão analítica de seu meio. (LUGHOD, 2003).

Pensando nessa mesma linha, nossa protagonista possui uma formação identitária religiosa forte com o *zazen*²⁸ budista, e ainda assim foi uma ativista em prol as mulheres de

²⁸ O *zazen* é uma prática utilizada pela vertente zen budista. Em sua essência o praticante deve “apenas sentar” e se abster de todo o resto por um período de 40 minutos diários. A coluna deve estar ereta e posicionada em algum

liderança inigualável. Retomamos a fonte principal buscando a nossa adequação em um ângulo a fim de compreender os questionamentos de uma sociedade específica e das críticas de nossa protagonista no papel de mulher, mesmo possuindo uma formação diferente da nossa em um país ocidental e colonizado com religião divergente. Os caminhos traçados por ela para chegar ao feminismo não foram por autoras feministas, e sim por dois pontos: primeiro, pelo encontro de si mesma no budismo como uma religião que prega uma evolução vertical, de desenvolvimento de interno até alcançar a iluminação plena, a qual se opõe a um binarismo de certo e errado, mas que busca uma plenitude. E segundo, pelas leituras de Friedrich Nietzsche acerca das questões de vida e questionamento da moral em que se vive. O ponto inicial de Raichô foi então o questionamento do seu papel na sociedade como mulher, como filha, como aluna.

Nossa protagonista era budista e praticante do *zazen*, como afirma em tantas passagens sobre sua rotina diária e fiel do *zazen* budista. Nas leituras observamos que no início de sua carreira na Seitô ela se ligava a um feminismo budista, do qual busca a contemplação das mulheres como indivíduos e dignas de alcançar a iluminação plena. E posteriormente, em conjunto com mulheres contemporâneas formaram um feminismo especificamente japonês, de mulheres predominantemente da classe média burguesa. Identificamos que essa formação engloba diálogos com o feminismo do ocidente de cunho liberal, um feminismo mais ligado às discussões de liberalismo do século XX que defende a igualdade perante a lei, independente de gênero, raça ou cor. A importância de se trabalhar com feminismos de diversas vertentes se faz principalmente pelos diálogos entre eles – como por exemplo, o feminismo negro, o nipo-brasileiro, ou mesmo distintos por classes sociais – em um formato de mostrar que os movimentos feministas são resultados de suas sociedades, são reações ao sistema social e político que essas mulheres enfrentam. E compreender que mesmo na macro diversidade entre os países ainda existem micros diversidades dentro de cada país entre as mulheres. E nossa pesquisa, ao trazer a trajetória de Raichô, contribui para evidenciar esses micros e macros diálogos interseccionais e transnacionais dos feminismos.

Optamos assim por uma discussão de uma temática que não se encontra popular, porém, que dialoga com diversos casos de feminismos ascendentes em outros países e que não devem ser vistos como fruto de um feminismo ocidental, e sim de diálogos trocados dentro de um campo transnacional. Analisamos o elemento filosófico no Japão que foi utilizado como ferramenta para implantar a ideologia do Estado em relação às mulheres: o Confucionismo pela

lugar confortável, ou praticamente não deve se apegar aos pensamentos, permitindo que fluam e nem mesmo julgar ou reprimir o mundo exterior a ele. Por isso a obrigatoriedade é de “apenas sentar” deixando a mente livre.

literatura Clássica Chinesa, como elementos educacionais obrigatórios desde a leitura das obras até a exclusão das mulheres na formação militar e política. Dentro desta interseccionalidade de classes e de cruzamento das três religiões principais que adquiriram características próprias no Japão (o Cristianismo, o Budismo e o Confucionismo), as mulheres japonesas tiveram a especificidade de estudar um Confucionismo que aplicou a importância da hierarquia e da “boa esposa e sábia mãe” reforçando a hierarquização das mulheres em serem obedientes a nação, ao pai e ao marido de forma social e obrigatória pelo Imperador, e o budismo e o cristianismo como opcionais e que disputaram espaço no Japão nos séculos XIX e XX.

2.2 Deus e a Moral

Antes de ser feminista, Raichô é budista, praticante de uma linha chamada *Zazen*. Entre os dezessete e dezoito anos ela iniciou sua busca por “Deus”, um espírito superior. O cristianismo aflorou no Japão que passava por um período de guerra contra a Rússia. Como já mencionado, ela buscou esse Deus na igreja católica cristã, porém, sua busca a levou por mais questionamentos e críticas, das quais ansiava por respostas (HIRATSUKA, 2006).

Mesmo enquanto lia indiscriminadamente, minha mente inquieta fervilhava de perguntas: O que é Deus? O que eu sou? O que é a verdade? Como se deve viver? Achava que era a única pessoa obcecada com as questões fundamentais da existência humana, mas, em maior ou menor grau, outros jovens japoneses também buscavam uma nova filosofia de vida. Na verdade, mais ou menos na época da guerra com a Rússia, uma vibração juvenil e um espírito romântico animaram o mundo do pensamento, à medida que os intelectuais eram cada vez mais atraídos por questões religiosas e éticas. A filosofia de Nietzsche era particularmente popular. Isso se deveu em grande parte a Takayama Chogyu, que escreveu sobre a teoria da estética da vida instintiva de Nietzsche e glorificou o monge budista medieval Nitiren como a personificação do ideal heróico nietzsche. Os ensaios sobre religião de Tsunashima Rvdsen também tiveram seguidores entusiasmados. Os pensadores competiam entre si para apresentar suas ideias sobre religião e ética, e os recentes convertidos ao Cristianismo também traduziram obras como "Minha Confissão de Tolstói e O que Eu Acredito.(HIRATSUKA, 2006, p.127)²⁹

²⁹ Original: Even as I read indiscriminately, my restless mind teemed with questions: What is God? What am I? What is the truth? How should one live? I thought I was the only person obsessed with the ultimate questions of human existence, but to a greater or lesser degree, other young Japanese were also searching for a new philosophy of life. Indeed, from about the time of the war with Russia, a youthful vibrancy and romantic spirit had enlivened the world of thought as intellectuals were increasingly drawn to religious and ethical issues. Nietzsche's philosophy was particularly popular. This was largely due to Takayama Chogyu, who wrote on Nietzsche's theory of the aesthetics of instinctive life and glorified the medieval Buddhist monk Nichiren as the embodiment of the Nietzschean heroic ideal. The essays on religion by Tsunashima Rvdsen also had an enthusiastic following. Thinkers vied with one another to propound their ideas on religion and ethics and recent converts to Christianity also translated works like 'Tolstoy's My Confession and What I Believe.

Raichô encontrou no *zazen* budista o conforto de seu anseio e levou os ensinamentos da religião para toda sua vida. Isso aconteceu por meio de seu contato com Kimura Masako, uma ex-colega de escola (HIRATSUKA, 2006).

Um dia, não muito depois disso, um recado me levou ao meu antigo dormitório e, num impulso repentino, decidi visitar Kimura Masako, uma colega de classe com a qual não era particularmente amigável. Em sua mesa estava uma cópia de *Uma onda no mar zen* (*Zenkai ichiran*), um tratado escrito por Imakita Kdsen, o primeiro kancho de Engakuji em Kamakura. Fiquei intrigada com a impressão em xilogravura antiquada, folheei as páginas. Uma frase chamou minha atenção: “Busque o Grande Caminho dentro de você. Não o busque fora de você. A força maravilhosa que flui dentro de você não é outra senão o próprio Grande Caminho.” À deriva como eu estava no mundo da abstração, as palavras eram como um aviso direto (HIRATSUKA, 2006, p.137)³⁰.

A filosofia budista ensina a busca pelo autoconhecimento em favor da evolução espiritual do ser humano com base nas forças vitais que rodeiam o mundo para alcançar a plenitude da iluminação espiritual, rejeitando a crença de um indivíduo único superior. E era isso que Raichô almejava em uma religião. Algo que a abraçasse em seu sentimento de deslocamento da sociedade em que viveu e que fornecesse um caminho para realizar seu desejo de fazer algo grandioso. Esse caminho pelo budismo acabou indo além da busca pelo autoconhecimento, passou a desenvolver um maior controle sobre seus anseios e um aumento em sua confiança. O ensinamento pelo *zazen* ou *zen* que é a prática da meditação de uma forma mais complexa. Masako levou-a para uma entrevista com o Sokatsu-roshi³¹ na cidade de Nippori. Antes de entrar na sala, ela teve que deixar dinheiro e pertences de valor material fora do local da entrevista com o mestre budista. Raichô passou a praticar a meditação e os encontros budistas, aceitou os ensinamentos e se confortou na religião que proporcionou, não o binarismo do bem e do mal, mas ideia de evolução pelo autoconhecimento (HIRATSUKA, 2006).

Raichô também se confortou nos braços filosóficos de Friedrich Nietzsche em relação a suas duras críticas à moral e à sociedade ocidental. Os questionamentos sobre a moral, a sua perspectiva filosófica sobre a vida trazidas por Nietzsche e suas leituras sobre o budismo a fizeram se encontrar no meio social em que viveu (HIRATSUKA, 2006). Apesar do budismo não ter influenciado diretamente Nietzsche, que por sua vez trouxe ideias, críticas e questionamentos mais gerais sobre budismo, que no início do século XX era recém-chegado na

³⁰ Original: One day, not long after this, an errand took me to my old sleep and on a sudden impulse, I decided to visit Kimura Masako, a classmate with whom I was not particularly friendly. On her desk was a copy of *One Wave in the Sea of Zen* (*Zenkai ichiran*), a tract written by Imakita Kdsen, the first kancho of Engakuji in Kamakura. Im Intrigued by the old-fashioned woodblock printing, I leafed through the pages. A phrase caught my eye: “Seek the Great Way within yourself. Do not seek it outside of yourself. The wondrous force that wells up within you is none other than the Great Way itself.” Adrift as I was in the world of abstraction, the words were like a direct warning.

³¹ Roshi significa “professor mais antigo” ou comumente traduzido como “mestre zen”.

Europa - influência essa advinda por Arthur Schopenhauer antigo colega e mentor-, Freny Mistry (1981) chega a afirmar que Nietzsche se equivocou em várias de suas críticas ao budismo do qual ele teve acesso. O budismo praticado no oriente já havia passado por várias reformulações e adaptações a seu tempo presente. Observamos que o ideal do *Übermensch* (Super Homem) de um humano capaz de ultrapassar todas as barreiras do medo e alcançar a plenitude humana possui características próximas ao budismo moderno (MISTRY, 1981). Raichô levantou esse questionamento de forma breve em sua autobiografia, mas sem afirmar ou chegar a uma resposta mais certa sobre a relação de Nietzsche e o *zazen* budista. Nosso objetivo não foi descobrir se o filósofo se equivocou ou não, mas apenas mostrar uma ponte feita por nossa protagonista no seu caminho para o feminismo.

Depois da faculdade, me esforcei para fazer uma tradução para o inglês e até hoje me lembro da minha empolgação e fascinação. Isso foi logo depois que alcancei o *kensho*, e os pensamentos de Nietzsche sobre a vida e a criatividade pareciam ter muito em comum com os *insights* obtidos com o *zazen*. Fiquei particularmente fascinado por sua negação de todos os valores e por seu ataque à religião e à ética estabelecidas, especialmente ao Cristianismo e sua mentalidade de escravos. Ele defendia a criação de novos valores e via a superficialidade dos humanos de hoje não como seu verdadeiro estado, mas como algo a ser superado para que se tornassem "super-homens", e ao afirmar que estavam em processo de atingir esse estado de ser, ele reconheceu as possibilidades ilimitadas do futuro humano. O que Nietzsche teria escrito, muitas vezes me perguntei, se soubesse do pensamento do Leste Asiático, isto é, do Zen? (HIRATSUKA, 2006, p. 233)³².

Em suas reflexões sobre o Deus do cristianismo nota-se a presença da crítica do budismo sobre o catolicismo. E também são evidentes pequenos traços do Xintoísmo - que é hoje uma religião esquecida, mas muito presente no cotidiano do japonês e na religião liderada pelo imperador o *tennosei* possuindo muito mais um caráter político e de fanatismo pelo regente da nação (LUETCHFORD, 2000) – religião que está até hoje presente nas salas de aulas da primeira fase do ensino formativo japonês, que abraça as questões de valorização da natureza. Raichô buscou alguma crença que explicasse a energia superior que emana de todas as coisas vivas da natureza, dessa forma ela encontrou a resposta de suas questões pelo budismo com significação de uma busca sobre uma constante evolução humana, se afastando do cristianismo que a seu ver amedrontava seus fiéis com o binarismo do bem e mal e pregava uma fé que

³² Original: After college, I struggled through an English translation, and to this day I remember my excitement and fascination. This was soon after I achieved *kensho*, and Nietzsche's thoughts about life and creativity seemed to have much in common with the insights gained from *zazen*. I was particularly fascinated by his negation of all values and by his attack on established religion and ethics, especially on Christianity and its slave mentality. He advocated the creation of new values and saw the superficiality of present-day humans not as their true state but as something to be overcome in order for them to become "overmen," and in asserting that they were in the process of attaining that state of being, he recognized the unlimited possibilities of the human future. What would Nietzsche have written, I often, if he had known about East Asian thought, that is to say, Zen?

deveria ser inquestionável, algo que não a agradou (HIRATSUKA, 2006). Essa construção de identidade, por mais que parecesse comum para o período, resultou em algo profundo para ela, um sentido para sua ambição de fazer algo revolucionário, de se desprender de suas amarras sociais e crenças.

Eu tinha outra objeção à ideia de Deus conforme definida pelo Cristianismo, isto é, sua postura de um ser transcendente bem acima dos céus em oposição ao homem humilde, uma criatura concebida em pecado e a personificação do pecado. Se Deus fosse verdadeiramente Deus, supremo e absoluto, não haveria nada que se opusesse a ele. Eu preferia pensar que Deus não era transcendente, mas imanente ao universo, que ele era a base do ser para toda a natureza, incluindo a humanidade, e que todos nós residimos em Deus, o Ser Absoluto. Finalmente, notei na atitude geral dos membros da igreja um emocionalismo talvez peculiar aos cristãos. Ao tentar conquistar conversos em potencial, eles diriam: "Não há necessidade de entender - apenas acredite. Acredite e seja batizado." Eu só poderia reagir negativamente a tal argumento; Tive de ser persuadida pela lógica e pela razão (HIRATSUKA, 2006, p. 127)³³.

No seu terceiro grau de ensino, as alunas foram proibidas de ler Nietzsche, Leon Tolstoi e outros pensadores que não fortaleciam o objetivo das escolas japonesas voltadas para o ultranacionalismo. Todavia, pela proximidade com o pensamento prussiano de seu pai e a aproximação do período de guerra com a Rússia, autores e pensadores dessas raízes eram muito populares no Japão, não distante nossa protagonista se viu em necessidade de lê-los e compreender o debate sobre a ciência sendo travado no final do século XIX e primórdios do século XX. O positivismo europeu também foi absorvido pelos professores japoneses, o que os aproximou dos pensadores ocidentais, essa forte influência refletiu na graduação de Raichô, porém, seu posicionamento frente a essa onda positivista foi em oposição. Ela se negou ao ápice do pragmatismo científico elevando seu interesse por pensadores contrários ao positivismo encontrando novamente esse conforto nas leituras dos escritos de Friedrich Nietzsche, Baruch Spinoza, Mestre Eckhart, Georg Wilhelm, Friedrich Hegel entre outros que tratavam de assuntos sobre filosofia e ética.

³³ Trecho Original: I had another objection to the idea of God as defined by Christianity, that is, his posture of a transcendent being high above the heavens in opposition to the humble man, a creature conceived in sin and the personification of sin. If God were truly God, supreme and absolute, there would be nothing to oppose him. I preferred to think that God was not transcendent, but immanent to the universe, that he was the basis of being for all nature, including humanity, and that we all resided in God, the Absolute Being. Finally, I noticed in the general attitude of the members of the church an emotionalism perhaps peculiar to Christians. When trying to win over potential converts, they would say, "There is no need to understand - just believe. Believe and be baptized." I could only react negatively to such an argument; I had to be persuaded by logic and reason.

Achei deplorável que o utilitarismo e o pragmatismo no sentido mais estrito tivessem se apoderado da escola. Quando Sensei afirmou que a era da metafísica havia acabado, ele estava dizendo que o dogmatismo impedia o progresso humano e estava alertando seus alunos para não verem tudo de uma perspectiva cristã limitada. (Havia muitos cristãos na faculdade.) Mas suas palavras foram insuficientemente compreendidas e, pior, os alunos do departamento de economia doméstica estavam alegando que aqueles nas ciências humanas, especialmente na literatura japonesa, eram anacronismos desesperadores e inúteis para o avanço da sociedade humana. Em contraste, eles estavam sintonizados com a vida cotidiana, ativamente envolvidos e preocupados com a religião. Em tal atmosfera, uma estudante que se enterrou em livros, especialmente livros não relacionados ao empirismo, foi imediatamente rotulada de apóstata e perigosa subversiva. Éramos proibidos de ler Nietzsche, Tolstói e outros escritores cujas ideias extremas e doentias foram consideradas prejudiciais às mentes jovens suscetíveis. Certa vez, a chefe do dormitório me censurou por ter lido tal livro. Ela era intolerante com qualquer ideia que não viesse direto do Sensei - apesar do fato de que ela mesma era incapaz de compreender, também foi apontada como a líder da turma metafísica e foi admoestada por alunos de nível superior (um foi Inoue Hideko, que, como mencionei, mais tarde se tornou presidente da faculdade) para reconsiderar minhas ideias. Isso não mudou minha resistência a seu pragmatismo tacanho e sua propensão a excluir aqueles que não concordavam com eles. (HIRATSUKA, 2006, p. 124)³⁴

A transnacionalização de pensamentos advindos da Europa e da China com as bases do Confucionismo no Japão, formaram com mais afinco o espaço social de Raichô. Embora muitos vejam o Japão do período como um mundo distante e longínquo, Raichô Hiratsuka é prova de como essas discussões do seu tempo permearam de forma significativa vários países no mundo e chegou a abalar as próprias identidades dentro do Movimento das Mulheres e da primeira onda feminista japonesa. Essa formação intelectual permitiu que Raichô liderasse a revista *Seitô*, e posteriormente, na Segunda Guerra Mundial, a Associação das Novas Mulheres. Porém, esse outro movimento não deu tanta ênfase em sua autobiografia, talvez por sua condição de saúde, ou mesmo por escolha. No entanto, para nós que buscamos o olhar da

³⁴ Trecho Original: I found it deplorable that utilitarianism and pragmatism in the narrowest sense had taken hold of the school. When Sensei claimed the age of metaphysics was over, he was saying that dogmatism prevented human progress, and was warning his students not to see everything from a limited Christian perspective. (There were many Christians at the college.) But his words were insufficiently understood, and worse, the students in the home economics department were claiming that those in the humanities, especially in Japanese literature, were hopeless anachronisms and of no use to the advancement of human society. By contrast, they were attuned to everyday life, actively involved, and concerned with religion. In such an atmosphere, a student who buried herself in books, especially books unrelated to empiricism, was immediately branded an apostate and a dangerous subversive. We were forbidden to read Nietzsche, Tolstoy, and other writers whose extreme, unsound ideas were deemed harmful to susceptible young minds. The dormitory head once took me to task for reading such a book. She was intolerant of any idea that did not come straight from Sensei—in spite of the fact that she herself was incapable of grasping by then also been singled out as the ringleader of the metaphysical clique and had been admonished by upper-level students (one was Inoue Hideko, who, as I mentioned, later became college president) to reconsider my ideas. This did not change my resistance to their narrow-minded pragmatism and their propensity to exclude those who did not agree with them.

História Pública, a revista *Seitô* com a abertura de espaço de publicação e circulação do conhecimento social e histórico deste momento, além do compartilhamento de autoridade no espaço da revista, que abriu espaço para as mulheres enviarem textos e reflexões, teve sua importância ao marcar presença na História do Japão, acabamos por tomar essa fonte, a autobiografia, como uma fonte genuinamente desta área de concentração, por trabalhar com essas conexões públicas e também por tornar público os bastidores deste processo. Segundo Raichô o primeiro exemplar teve em torno de 1000 cópias vendidas, no auge da revista foram vendidas em torno de 3000 cópias, além de ter uma seção inteira de sua autobiografia dedicada aos detalhes iniciais de como a revista foi sendo pensada, com um diário das reuniões, orçamento de preços, processo em que as fundadoras foram sendo convidadas e foram comparecendo à sede, como a sede foi escolhida etc.

A plataforma de pesquisa Google homenageou nossa protagonista em 2009, quando completou 128 anos de seu nascimento, criou um doodle de mulheres lendo a revista *Seitô*.

Figura 4 - Doodle criado em 2009 em homenagem aos 128 Raichô Hiratsuka.



Fonte: <https://www.google.com/doodles/raicho-hiratsukas-128th-birthday> domínio público, acessado dia 10/10/2021.

2.3 Incidente Shiobara

No que se refere a esses campos de possibilidades há também o fator de seu nome ter se tornado público e se tornou amplamente criticada por ter sido amante e pela tentativa de duplo suicídio com o romancista, professor e amigo de Chokô, Morita Sohei (1881-1949). Após se graduar e ter desenvolvido melhor a língua inglesa, Raichô passou a se envolver mais com os estudos do *Zen Budista* e em demais leituras sobre o ocidente, vindo a participar de um grupo

de estudos organizado por Choko, o *Keishu Literary Society*. Sua primeira tarefa foi escrever algum texto de ficção “O último dia de amor” o resultado de seu trabalho atraiu a atenção do professor Morita. Ele era um homem casado, mas que morava já há alguns anos longe da esposa que teve que manter o casamento mesmo ele a abandonando, e era bem conhecido por seus casos com outras mulheres. Ela o descreveu como “desajeitado e cheio de falhas, ele parecia vulnerável, mas tinha seu charme” (HIRATSUKA, 2006, p. 162). Em janeiro de 1908, com 21 anos, Raichô recebeu uma carta do professor, que possuía então 27 anos, fazendo críticas sobre sua ficção, de forma que começaram um diálogo através de troca de cartas dando início ao romance. A autora ainda ressalta que foi um momento de sua vida em que ela se sentia viva e acreditando que o mundo era um lugar sem limites, seu entusiasmo pela vida a permitiu deixar que seu romance se desenvolvesse para saber onde iriam parar (HIRATSUKA, 2006).

Com cinco anos de diferença, certamente o Morita usufruiu de mais liberdade, mesmo se considerando preso a um contrato de casamento. Passaram aos poucos a ter uma relação íntima e sincera permitindo discutirem sobre sexualidade, ética e moral. Por meio da prática e dos estudos do *zazen* ela se descobriu acima da padronização Homem e Mulher, ela não se reconhecia como um nem outro, mas como uma pessoa única, conversavam também sobre suas queixas da falta de independência familiar e os códigos retrógrados de moralidade de seu país, tais reflexões se mantiveram por cartas e encontros casuais e longas caminhadas. Raichô possuía em torno de vinte e um ou vinte e dois anos quando ambos se envolveram e ela ficou entusiasmada com as conversas abertas, com a paixão de Morita pelos romances soviéticos o vendo como um sujeito genial. Não deixa nítido até onde o romance deles avançou em termos de envolvimento físico, apenas o nível de influência que o professor tinha sobre ela (HIRATSUKA, 2006).

A paixão obsessiva de Morita pelo amor é o que levou Raichô a admirá-lo. Porém, sua obsessão pelo amor na literatura tomou por um caminho tortuoso relacionado à morte e ao ideal de que a loucura beira a genialidade - A troca dessa expressão foi feita de maneira intencional, pois Morita acreditou que deveria enlouquecer para enfim se tornar um escritor genial -. Quase como que intoxicado pela literatura de Fiódor Dostoievsky, ele mergulhou em suas leituras de *Crime e Castigo* (1865) se envolvendo pelo tipo de amor que levou o personagem Ródion Ramanovich Raskolnikov, um jovem estudante que vive na miséria e por fim acaba por não conseguir finalizar seus estudos pela situação econômica em que se encontra. Como meio de sobreviver nessa situação acaba por recorrer a uma senhora para empréstimos, a qual cobra altos juros de pessoas miseráveis e que maltrata sua própria irmã mais nova. Ele passa a vê-la como uma pessoa de péssimo caráter e decide matá-la crendo que assim alcançaria algo nobre.

Já convencido de ser o "benfeitor" ao efetivar o plano, a irmã mais nova aparece e no auge das emoções ele acaba por assassiná-la também. A obra perpassa por uma série de questionamentos sobre moralidade e ética do que é crime e do que é castigo. Ao findar da história, Raskolnikov se mantém tentando se convencer mentalmente várias vezes de que não deve ser castigado pelo bem que ele fez ao assassinar a senhora penhorista, mesmo já estando morando em uma prisão. Voltamos então para o mergulho dado por Morita na obra, pela narrativa de Raichô nota-se, nessa fase, que o novelista começou cultivar o questionamento sobre "assassinato" e uma admiração pelas reflexões filosóficas e pela construção psicológica alcançadas pelo personagem por meio de um ato vil. Esse sentimento perpassa pelo desejo supremo do intelectual em alcançar seu auge como escritor, é como se ele percebesse que para alcançar seu objetivo Morita precisasse de uma ruptura forte com seus próprios conceitos de moral de seu tempo.

Embebedados não apenas pelo personagem Raskolnikov, mas por Hipólita de *Il trionfo della morte* (1894), escrito por Gabriele D'Annunzio, o personagem principal Giorgio Aurispa se apaixona por uma mulher casada, Hipólita, que possuía como principais características a submissão e a epilepsia. Giorgio é descrito como um personagem controlador e possessivo, chegando à beira, em diversas passagens, da violência doméstica. Em certo momento, o casal passeia em Roma e acabam por assistir um duplo suicídio o que permanece nos pensamentos de Giorgio um homem mentalmente doente e com desejos por uma mulher submissa que se alimenta de doces poesias, como é o caso da personagem envolvida. O casal resolve então fogir para uma pequena vila em Adriatic. O protagonista paranóico acredita que o amor dos dois ainda não alcançou a plenitude romântica idealizada por ele, mesmo sabendo que ninguém os encontraria ali para julga-los, após muito refletir conclui que seria apenas efetivando o duplo suicídio que eles concretizariam o amor perfeito. Hipólita acatou a decisão e decidiram entrar juntos no mar para eternizar o amor puro e eterno entre os dois. Do fascínio dessa obra, Raichô percebeu que Sohei desejava a personagem, no caso uma mulher submissa e inclusive imaginou diversas vezes que o interesse do novelista era inclusive por Hipólita ter crises de epilepsia. Porém, a personagem criada por Gabriele e Raichô possuíam construção psicológicas bem diferentes, e ambos os admiradores da obra tinham plena consciência dessas diferenças (HIRATSUKA, 2006).

Foi Sohei que introduziu e incentivou Raichô a um aprofundamento emocional nas obras, para que ela se envolvesse pelas obras e adentrou de mente e espírito nos enredos, não que ela não pudesse fazer isso por si só, como ela mesma deixa claro na autobiografia, porém, foi ele quem a introduziu à leitura das obras e passou a conversar apenas sobre as obras por cartas e encontros presenciais. O que pode ser comparado com rotineiras aulas de graduação e

análises profundas de texto por alunos/as envolvidos/as pelo tema, recebeu um tempero maior que uma convencional aula, pois ambos tinham intimidade, um forte envolvimento afetivo e conheciam os desejos e fraquezas um do outro. E foi isso que tornou o relacionamento em comunhão com as obras, perigoso. No dia 21 de março de 1908 foi o início dos preparativos para o *Incidente Shiobara* - a tentativa do duplo suicídio e como posteriormente ficou conhecido pelos jornais. Ela descreveu que a escolha do dia foi algo totalmente escolhido por Morita e que ele parecia ansioso logo de manhã. Porém, apesar das afirmativas de que ela estava eufórica com o plano e que confiava fielmente em seu companheiro, podemos notar em seu relato que houve pequenos momentos de dúvidas (HIRATSUKA, 2006), como por exemplo:

No dia 21 de março, Morita pôs seu plano em execução. Eu estava totalmente despreparada. Mesmo agora, não consigo entender por que ele estava com tanta pressa em resolver as coisas entre nós. Ele estava tentando me testar novamente, me colocando no teste final? Isso tinha algo a ver com sua família? Ou seus impulsos criativos haviam se tornado tão fortes que ele não podia mais esperar? (HIRATSUKA, 2006, p. 171)³⁵

Talvez não estivesse tão preparada o quanto acreditou, mas o que a levou a ir até o fim do plano com entusiasmo era a ideia de grandeza no ato de um duplo suicídio, como um ato de perpetuar o amor completo através da morte como fizeram os personagens Giorgio e Hipólita. Notamos que além da grande influência literária e de Morita em sua decisão, que houve um outro fato, outro tipo de grandeza que fez com que ela desse continuidade ao plano, por fazer algo que ia contra a moralidade instaurada e sua família, sendo um ato de rebeldia em relação ao mundo em que viveu. E constatamos que para Morita poderia haver dois caminhos, um que seria o duplo suicídio induzido por amar uma amante, ou seu fascínio pela eloquência e genialidade de Raskolnikov, poderia ele por fim decidir por um assassinato (HIRATSUKA, 2006).

Essa análise da dupla intenção de Morita vem do relato de nossa protagonista ao nos mostrar o nível de influência que as obras tiveram sobre as decisões e aproximando dos dias do ato final, o professor se via mais envolvido com Raskolnikov do que pelo amor à Hipólita, além da escolha da autora em descrever memórias de conversas com colegas dela que não confiavam em Morita. “Shugaku, Kusahei e Heitsukamei - Ele torceu o nariz quando disse isso, mas eu

³⁵ On the twenty-first of March, Morita put his plan into execution. I was totally unprepared. Even now, I fail to understand why he was in such a hurry to settle things between us. Was he trying to test me again, putting me to the ultimate test? Did this have something to do with his family? Or had his creative urges become so fierce that he could no longer wait?

detectei uma nota de precaução como se ele quisesse me dizer que os autores novelistas não eram confiáveis” (HIRATSUKA, 2006, p.172)³⁶.

Na escolha da arma também supomos que houve esse lapso de dúvida, pois Morita falhou em seu dever de comprar uma arma de fogo, deixou para Raichô a responsabilidade de roubar a arma de fogo com balas de seu pai e em último momento ela optou por uma adaga ao invés da arma. Ela também descreveu não pensar nos pais e nem na avó que a criou desde bebê, mas acabou deixando um bilhete para seu pai: “Eu cumprirei minhas convicções de vida. Cairei por minha própria causa. Ninguém mais tem culpa³⁷” (HIRATSUKA, 2006, p. 172).

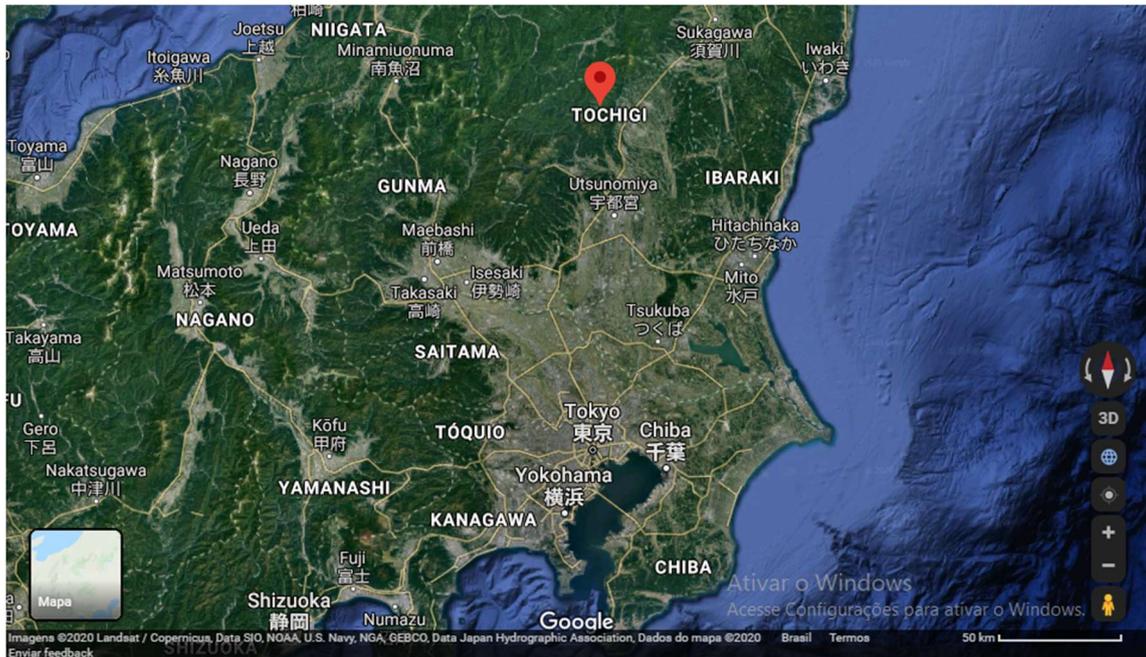
Desde o início, ao findar de sua vida, ela nunca pôs a culpa em Morita. Foram de trem até a estação de Nishinasuno-Shiobara, pararam em uma pousada, na qual foram alertados sobre a forte nevasca e os indícios de avalanches, mesmo assim subiram a montanha Shiobara, porém, o professor não possuía um bom condicionamento físico o que fez com que parassem antes do local planejado e a falha aconteceu nesse momento. Morita percebeu que não era capaz de matar outro ser humano e jogou a adaga pelo penhasco, Raichô descreve que quase pulou junto no escuro precipício na mesma hora, afinal era sua chance de fazer algo que ela considerou ser significativo com sua vida. Com a desistência do plano resolveram retornar a pousada, porém, acabaram por se perder entre a neve e as altas árvores, ficaram dois dias perdidos até dois guardas que estavam à procura dos dois os localizarem (HIRATSUKA, 2006).

Ao chegarem na pousada, uma surpresa, Raichô descreve que de forma calma e fria estava sua mãe junto com Choko que parecia muito mais desapontado do que bravo. A mãe não disse nada, apenas ficaram os quatro na sala, o frio tomava conta do local. Assim que amanheceu, ela acompanhou sua mãe até a estação de trem. A despedida dela com Morita foi silenciosa, sem nenhuma palavra, Chokô se despediu e avisou que logo iria se encontrar com ela. Assim os amantes tomaram caminhos distintos (HIRATSUKA, 2006).

³⁶ Trecho original: Shugaku, Kusahei and Heitsukamei - He pinched his nose when he said this, but I detected a note of caution, as if he were trying to tell me that writers nowadays were not to be trusted.

³⁷ Trecho original: I shall carry through my life convictions. I shall have fallen for my cause. No one else is to blame.

Figura 5: Monte Shiobara



Fonte: Google Maps. Acessado no dia 02 de junho de 2020.

O arrependimento veio dos olhos cheios de lágrimas de sua avó ao chegar em casa. Logo o incidente *Shiobara* tomou forma e público pelo *The Asahi Shimbun*³⁸ - um jornal muito popular até na atualidade, possuindo uma plataforma online em inglês - e a reação foi sentida. Após serem encontrados, os dois ficaram sem conversar e tiveram uma despedida silenciosa. A vergonha estampada no rosto do novelista e o choque por não entender a falha no plano sentida por Raichô foi mais forte do que o amor que eles acreditavam sentir um pelo outro. Em reação pública ao noticiado, Morita foi demitido, Raichô teve seu nome retirado do mural da Universidade, e seu pai passou a sofrer fortes pressões de colegas dentro do departamento público para que ele pedisse exoneração. A solução de Morita foi escrever uma novela sobre o incidente, pedido que foi negado pelo pai de Raichô, mas a novela foi lançada mesmo assim. Para a família Hiratsuka a solução não veio para resolver um problema financeiro, mas esteve muito mais ligado à honra, ela teve que buscar por um isolamento temporário. Passou três meses em total isolamento com as leituras budistas e a meditação.

2.4 A Revista Seitô

Após o incidente, nossa protagonista resolveu mudar seu nome para Raichô. O nome escolhido por seus pais e que carregou até esse momento era Haru. Raichô foi o nome escolhido por ela no nascimento da revista Seitô, o qual ela carregou até sua morte. A repercussão do

³⁸ Tradução livre: Jornal Asahi

incidente em Shiobara tornou seu nome conhecido e ela não queria carregar essa identidade para a revista, afinal sua fama pelo público leitor dos jornais era negativa e o resultado gerou vergonha a ela e a sua família. Logo ela encontrou em “Raichô”³⁹ uma nova identidade, que significa pássaro de raios. Essa influência advém de sua infância que teve forte apelo da avó materna Yae em relação às tradições japonesas e Xintoístas que pregam o poder dos espíritos animais e da natureza. E de sua mãe, Lijima Tsuya e suas irmãs, que durante um período estudaram a língua inglesa e a cultura ocidental, transmitindo certo conhecimento para as filhas. Esse nome pode ter alguma conexão com o pássaro *thunderbird*, mito indígena norte americano, porém, não localizamos nenhuma afirmação sobre tal influência (HIRATSUKA, 2006).

Chokô foi quem propôs a abertura da revista para Raichô ao perceber o potencial de liderança e organização para se tornar cabeça desse projeto. Seu principal objetivo foi analisar a escrita das mulheres visto que haviam poucas escritoras japonesas, e a escrita dos romances e novelas, até aquele momento, era predominantemente de autoria masculina. Mesmo com toda a sensibilidade de um escritor homem em compreender a figura e o papel da mulher, ainda havia falhas, no sentido mais íntimo da construção das personagens. Chokô acreditava que apenas uma mulher poderia trazer elementos mais profundos ao construir uma personagem feminina, e questionamentos como esse fizeram aflorar o seu interesse pela escrita das mulheres. O que compreendemos como uma ação de autoridade compartilhada (FRISCH, 1990), que expõem suas reflexões sobre a situação da mulher e as colocam em circulação tanto no formato material, como no impacto que ela causou aos receptores dessa “novidade”, gerando diversas reações e interpretações sobre essa ação pública que evocou um nome histórico, da deidade Amaterasu. Ele analisava a escrita das fundadoras da revista Seitô, e das leitoras que enviaram cartas, como resposta das publicações, na construção de uma escrita das mulheres em um espaço reservado apenas para elas. O que proporcionou a nós, historiadoras e historiadores, analisarmos esse movimento como sendo do campo da História Pública.

Apesar de não possuir apoio moral dos pais, a mãe de Raichô financiou durante muitos anos boa parte da revista. Inclusive a falta de apoio familiar foi devido ao nome Haru e o nome familiar Hiratsuka ter sido associado ao incidente Shiobara, que por sua vez tomou proporções públicas grandes, influenciou diretamente na vida privada da família. Dessa forma, o meio encontrado por ela e por Chokô para darem início ao projeto foi pela troca de nome.

³⁹ Na tradução direta e mais fiel dos ideogramas japoneses para o Romaji – o formato de letras do abecedário – o nome escolhido por Haru ficaria “Raichô” que significa pássaro de raios. Porém, ao longo da dissertação procuramos manter a tradução feita pela Teruko Craig.

“Raichô” nasceu por uma necessidade pública da editora chefe da Seitô, mais do que um cargo o nome se tornou uma forma pública de se abrir e se apresentar ao público como ela mesma e não personagem de um incidente. E é essa identidade pública que falou com suas contemporâneas por intermédio da revista, do movimento das Novas Mulheres com ativismo e da autobiografia com o discurso político feminista. Nos primeiros passos, Raichô abraçou um discurso mais próximo do Movimento das Mulheres advindo de Ellen Key, um movimento que buscou por áreas já permitidas para as mulheres, para então buscar uma representação pública, de ações mais imediatas. Um dos exemplos de Key é quando ela explica que é possível valorizar o papel das mulheres em eventos beneficentes que causem impacto direto na sociedade em auxílio de crianças carentes (KEY, 1912). Já o movimento das Novas Mulheres situa-se em mulheres que já possuem direito à educação e ao mercado de trabalho e assim podem ser consideradas independentes financeiramente e buscam por melhorias e direitos de igualdade de gênero.

A primeira reunião com as cinco fundadoras – Raichô Hirastsuka, Yasumochi Yoshiko, Mozume Kazuko, Kiuchi Teiko e Nakano Hatsuko – ocorreu no dia 07 de junho de 1911. Sem qualquer experiência elas iniciaram a organização de edições, impressões e planejamentos de vendas, sem qualquer interferência de Chokô nas edições, porém, com a essência da revista advinda dele, suas principais contribuições diretas foram duas: O nome baseado na sociedade literária de mulheres na Inglaterra lideradas por Elizabeth Montagu, *The Bluestocking Society*, uma organização do século XVIII que reuniu mulheres da elite para discutirem literatura e a segunda interferência foi em não permitir homens na revista, nem mesmo ele.

Raichô a princípio não possuía grandes interesses em se tornar editora, porém foi levada por Chokô a se tornar a cabeça do projeto. Yoshiko foi a primeira a entrar com afinco no projeto, colega de quarto de Raichô e recém formada na universidade para mulheres. Mozume abriu as portas de sua casa para os trabalhos e reuniões do grupo Seitô. O apoio da divulgação veio das poetisas mulheres, inclusive de um nome forte Akiko Yosano e de esposas de escritores (BARDSLEY, 2007). O objetivo do grupo Seitô até então não havia sido o discurso político feminista. Em setembro de 1911 a revista foi inaugurada e em uma noite de inverno de 1912, de acordo com Jan Bardsley (1951-), menos de um ano da inauguração da revista, três policiais apareceram no portão do grupo editorial da revista às dez da noite. Após a imponente análise do local e das revistas impressas um dos homens explicou o motivo da visita, alegaram que o conteúdo da revista era ilegal por abalar a “ordem e a paz pública” e o grupo Seitô foi interditado. O ato veio a público através das apoiadoras da revista e o governo teve de liberar o funcionamento da mesma (BARDSLEY, 2007). A proibição efetiva poderia ser sancionada por

um conjunto de policiais, promotor local e um ministro, isso foi posto em prática em dezoito de abril de 1912, mas elas já haviam vendido todas as unidades impressas, a revista daquele mês foram contos e cartas de desabafo de mulheres casadas. Em alegação ao policial sobre o caminho que a revista planejava seguir, Raichô disse que não planejou uma revista de cunho feminista e com embates políticos, até aquele momento (HIRATSUKA, 2006).

Não lançamos o jornal para despertar a consciência social das mulheres ou para contribuir com o movimento feminista. Nossa única conquista especial foi criar um jornal literário que fosse exclusivamente para as mulheres sondarem as profundezas do meu ser e perceberem minha verdadeira identidade. Além disso, ao contrário das mulheres jovens de hoje, não tínhamos uma compreensão teórica das questões sociais ou da Questão da Mulher. Estávamos extremamente infelizes com a condição das mulheres e convenções morais antiquadas, mas isso não era mais do que uma reação instintiva; não tínhamos ideia de como escapar de nossa situação. (HIRATSUKA, 2006, p. 230)⁴⁰

Após a repressão política e a resposta do público que as viu como feministas desde o primeiro momento, não houve outro caminho lógico para a revista se não tomar postura em questionamento sobre a política e a moral social vigentes sobre as mulheres. O projeto Seitô de início visou o despertar das mulheres japonesas para recorrerem aos Direitos Humanos, para serem vistas pela sociedade como pessoas individuais que mereciam ter direitos básicos assegurados de liberdade social e de pensamento. No entanto, por mais que o discurso das integrantes da revista se coadunasse com várias discussões dentro do feminismo *a posteriori* não era esse discurso propagado pelas feministas ocidentais daquele momento – ao menos não discursos feministas que haviam adentrado o Japão no século XIX – que visavam as mulheres despertar socialmente em busca de direitos constitucionais. A Seitô iniciou com objetivo de desenvolver o que havia dentro das japonesas, suas opiniões e críticas sobre a sociedade, sobre a instituição familiar, sobre suas próprias vidas íntimas, quebrar barreiras e refletir o interior no exterior de seus seres pela escrita e leitura. Nesse sentido, podemos entender como a filosofia de Nietzsche, no que diz respeito a questionar a moralidade em que vivemos e criar uma própria moralidade, compreendendo a morte de “Deus” como a resistência de colocar a responsabilidade da moral em terceiros. Sendo assim, Raichô e a Seitô receberam essa perspectiva de questionar e alterar a moralidade implantada e sair do comodismo e buscaram

⁴⁰ Trecho original: We did not launch the journal to awaken the social consciousness of women or to contribute to the feminist movement Our only special achievement was creating a literary journal that was solely for women to plumb the depths of my being and realize my trueself. Also, unlike young women today, we had no theoretical understanding of social issues or of the Woman Question. We were extremely unhappy with women’s condition and outmoded moral conventions, but this was no more than an instinctive reaction; we had no idea how to escape our predicament (HIRATSUKA, 2006, pg. 230).

vencer o medo junto a outras mulheres. Ignoraram a aversão do filósofo em relação às mulheres, pela questão única de que elas já viviam com pais, irmãos, maridos e filhos de pensamentos parecidos. A popularidade das obras de Friedrich no Japão auxiliou a idealização das mulheres pela libertação do sistema moral estabelecido.

Em 1911 ocorreu a introdução de personagens femininas ocidentais por meio do teatro organizado pela *Bungei Kyôkai* (Sociedade Literária) as principais peças de maior repercussão foram pelas protagonistas Nora de Henrik Ibsen em *Et Dukkehjem* traduzido para o português como *Casa de Bonecas (1879)*⁴¹ e Magda de Hermann Sudermann em *Heimat*⁴² (Terra Natal), o que gerou logo no primeiro ano da revista *Seitô* um texto de 110 páginas sobre as personagens em janeiro de 1912 (KAWANA, 2015). Essas discussões ligaram de forma singela e definitiva as discussões *shin'onna* com os objetivos da revista *Seitô*. De forma contemporânea, as *shin'onna* e a *Seitô* “criaram” vozes dentro da sociedade japonesa e não distante a repercussão jornalística, de forma automática associou as duas discussões como uma só.

A série de discussões sobre as mulheres nas peças europeias, junto com a maneira como nos vestimos e nos comportamos - a aparência não ortodoxa de Kokichi em particular - criaram uma imagem pública de *Seitô* como um grupo de Novas Mulheres que discursavam que Nora e Magda eram ipso facto Novas Mulheres que admiravam Nora e tomou Magda como seu ideal. Um jornalista até brincou que *Seitô* era a "escola de treinamento para Noras feitas no Japão" De fato, uma vez que "Mulher Nova" havia se tornado a frase de efeito da época, o *Yomiuri* estava ansioso para explorar isso publicando uma série de artigos sobre o Nova Mulher que começou em 5 de maio. A série contou com Tamura Toshiko, Hayashi Chitose, Naganuma Chieko, Nakano Hatsuko, Senuma Kayo e outros. (HIRATSUKA, 2006, p. 257)⁴³

⁴¹ É uma peça teatral escrita pelo dramaturgo norueguês Henrik Ibsen, dividida em três atos, conta a história de Nora Helmer e sua convivência e o cotidiano com seu marido Torvald Helmer, o cenário principal é a casa do casal. Trata-se em suma de uma peça de denúncia sobre a forma como a mulher é tratada na sociedade em que o escritor viveu, no final do século XIX. Na história o Sr. Helmer sempre a chama com apelidos carinhosos desde “cotovia” até “minha menininha”. Em conversa com uma antiga amiga, Cristina, Nora relata sobre o ano em que eles passaram na Itália em tratamento da saúde do Sr. Helmer, e que todos acreditavam que a ajuda financeira havia vindo de seu pai, mas na verdade ela havia feito um empréstimo e que vinha pagando aos poucos de forma escondida de seu marido, para que esse não se sentisse humilhado. Em constantes desculpas e pequenas quantias de dinheiro escondido, o advogado que havia emprestado o dinheiro passa a ameaçá-la a tornar público a fragilidade de seu marido, depender de um esforço da esposa para tratar a saúde, além de difamá-los como maus pagadores. Ao findar da história o advogado perdoa a dívida, o Sr Helmer descobre tudo e Nora depois de ouvir ofensas e ser perdoada pelo marido, decide por se conhecer melhor e o abandona.

⁴² É uma peça teatral escrita pelo dramaturgo alemão Hermann Sudermann, escrita em quatro atos. Não tivemos acesso à obra na versão traduzida para o inglês.

⁴³ Trecho Original: The series of discussions on women in European plays, along with the way we dresses and behaved - Kokichi's unorthodox appearance in particular - had created a public image of *Seitô* as a group of New Women who discussed Nora and Magda were ipso facto New Women who admired Nora and took Magda as their ideal. One journalist had even joked that *Seitô* was the “training school for made-in- Japan Noras" Indeed, since “New Woman” had become the catchphrase of the day, the *Yomiuri* was eager to exploit this by publishing a series of articles on the New Woman that started on May 5. The series featured Tamura Toshiko, Hayashi Chitose, Naganuma Chieko, Nakano Hatsuko, Senuma Kayo, and others. (HIRATSUKA, 2006, p. 257).

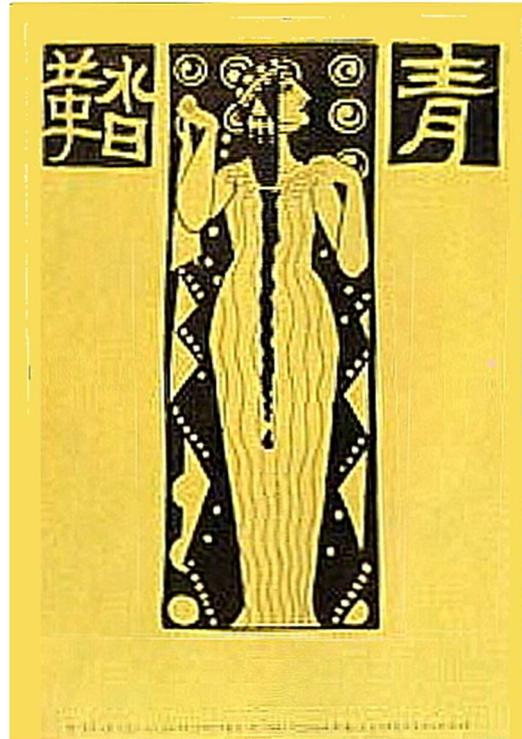
Um mesmo sentimento encontrado em muitas mulheres na atualidade encontramos nas formuladoras da Seitô, o de incompreensão do movimento feminista. Apesar de especificidades do contexto japonês e do feminismo japonês, ainda assim essa sociedade com demasiados cuidados com a abertura ocidental, recebeu o tingimento da Revolução Francesa pela busca de igualdade, liberdade e fraternidade. Por meio de algumas mentes japonesas quase como quando a tinta lentamente tinge filamento por filamento do tecido, inicialmente discreto e que demanda tempo de molho, mesmo com fraco poder de tingimento, acaba alcançando todo o espaço.

Como na análise entregue do capítulo um, demonstramos que o Japão passou na primeira metade do século XIX por uma fase de ultranacionalismo e um acentuado conservadorismo. Mesmo que essas mulheres estivessem mais interessadas em questionar e fazer, de uma certa forma, um serviço público de amparo psicológico as mulheres que sofriam com a sociedade imposta a elas, essa onda conservadora buscou barrar a voz emergente ali e entrou em uma onda comum no mundo, de difamar a revista e qualquer vestígio de movimento feminista político.

O confronto foi marcado pelo questionamento da filosofia “boas esposas e sábias mães” das Novas Mulheres (mulheres que eram conhecidas, por refletirem questões sociais e políticas, mesmo que não consideradas cidadãs.) e pelos conservadores japoneses que haviam saído das últimas três guerras em plena vitória, e se viam como invictos frente aos seus inimigos e pessoas de pensamento diverso do seu. Cientes do contexto em que viveram sabiam que os conservadores seriam oposição ao ideal da revista. Em meio a estruturação do projeto Seitô, estavam ocorrendo as discussões sobre a escolaridade das mulheres, professores de ética de todas as escolas foram convocados pelo ministério da educação a assistir o seminário do Dr. Hozumi Yatsnka sobre “Princípios Fundamentais da Moralidade da Nação” que possuía como esqueleto a moral de que a lealdade ao Imperador deveria ser a mesma lealdade atribuída a família. A Conferência de Mulheres Educadoras havia sido alvo de grandes críticas em relação ao seu teor reacionário, sendo criticado inclusive por jornais ultraconservadores. Dessa forma, o único lugar permitido às mulheres, além da administração da casa, foi a literatura, por meio desta elas se viram independentes dos homens, mesmo que fosse apenas pela fração dos poemas. De acordo com Raichô, a resposta à revista veio pela receptividade das mulheres mais jovens que foi de imediato e de forma ampla. O escritório da Seitô recebia cartas de várias cidades do Japão, embora algumas tivessem um conteúdo frívolo, eram escritas por homens e mulheres e havia grupos de leitura da revista mensal em Osaka, as cartas eram bem recebidas por Raichô, e pelas colaboradoras. Inclusive permitiam que essas mulheres escrevessem textos sobre suas verdades de vida a fim de ser publicado pela Seitô. Um caso especial foi o de Otake Kokichi, estudante de artes, que escrevia mensalmente para o escritório, Raichô quis conhecer

ela pessoalmente e permitiu que criasse uma nova capa para a revista. Kokichi passou a se tornar membro e escrever artigos para a *Seitô*. Infelizmente não localizamos a capa criada por Kokichi para a revista, vale ressaltar que a capa mais difundida até a atualidade, é a criada por Chieko Takamura de 1912 e está disponível em domínio público na Wikimedia Commons.

Figura 6 - Primeira capa da Revista *Seitô*, criada por Chieko Takamura.



Fonte: https://pt.wikipedia.org/wiki/Ficheiro:1st_Issue_of_Seito.jpg imagem de domínio público Acessado em 10 de Outubro de 2021.

Escolhemos por vezes chamar a revista *Seitô* de projeto, como apresentado até o momento, pois em nossa perspectiva se tratou de um projeto de liberdade de voz e letra para as mulheres, de japonesas que se organizaram a fim de ouvir outras mulheres. Uma instituição privada com financiamento inicial da mãe de Raichô, e que tomou proporções de diálogo direto com seu público de tal intimidade que auxiliou essas mulheres a se tornarem conscientes de sua condição e também não isoladas, com a possibilidade de se unirem pelo caminho permitido a elas. No próximo capítulo visamos analisar a relação de Raichô com sua sucessora na revista, Itô Nôe, que veio a se tornar um nome de maior evidência que Hiratsuka, nos movimentos feministas no Japão e sua integração no movimento das *New Woman* segundo maior projeto de vida de Raichô.

CAPÍTULO 3

FEMINISMO LIBERAL: INFLUÊNCIAS NA VIDA DE RAICHÔ HIRATSUKA

A relação entre conceitos e trocas de ideias em nível internacional, nos permitiu analisar o Japão e seu feminismo que ainda é pouco desenvolvido mesmo tendo presenciado a inserção de um Movimento das Mulheres e do Feminismo Liberal em plena exportação e importação de ideias e dos questionamentos das mulheres do início do século XX. Ao voltamos nosso olhar para o Brasil, onde grupos conservadores, inclusive de autoridades religiosas, e dos poderes executivo e legislativo negativam a palavra “feminista”, cabe a nós pesquisadoras dessa temática tornar públicas e acessíveis nossas pesquisas no propósito de mostrar a importância da formação desses movimentos, principalmente em relação ao impacto do desenvolvimento em diversos setores sociais, políticos e privados. Também com o objetivo de construir uma História Pública ao alcance de todas as pessoas, para que tenham acesso a esses resultados em favor de melhoria, conquistados por esses movimentos sociais. É nesse ponto que a História Pública se torna fundamental na construção desta pesquisa.

Aprofundamos neste capítulo sobre a relação entre Raichô e Ellen Key (1849-1926), pedagoga e feminista sueca, que proporcionou à Suécia discussões de desenvolvimento social e político através da reflexão sobre o papel da mãe, da esposa, da professora, das crianças, com discussões e críticas em relação à desigualdade de gênero, tanto no setor da Educação, que foi seu principal foco, como no mercado de trabalho. Ficou conhecida por disseminar reflexões sobre a situação da mulher, principalmente sobre a maternidade, por livros e palestras pela Europa (LÍNDEN, 2002).

Analisamos também de forma mais profunda a relação de Raichô com Ito Nôe, declarada feminista, anarquista, e que foi sua sucessora na revista até a suspensão das publicações. Em janeiro de 1915, Nôe passa a assumir efetivamente a administração da revista e recebe o cargo de editora chefe, o que demonstra uma transformação essencial na *Seitô*. Existem muitos estudos sobre a influência de Ito na formação do feminismo japonês, que veio a ter uma postura mais ativa que nossa protagonista. E pela relação entre as duas, Raichô passou a ter maior acesso sobre os discursos anarquistas, o que pela sua biografia e em suas narrativas finais demonstrou-se ter certa simpatia pela causa, após um longo período de aproximação com o feminismo liberal, através das leituras de Ellen Key. Frente a essas questões e entendendo a importância da Revista *Seitô* como uma ferramenta importante para as mulheres deste período,

se fez necessário compreender como Raichô passou a liderança da revista para Ito Nôe, o que a motivou a dar esse passo. Esse é outro objetivo deste capítulo.

O encontro literário entre Raichô, a editora-chefe, e a escritora sueca, Ellen Key, resultou em uma nova identidade para o grupo Seitô. Com a influência trazida através de livros da Key, Raichô passou a entender melhor o título que havia sido relacionado por jornais e revistas a revista Seitô de Novas Mulheres, isso aconteceu efetivamente no ano de 1913. A editora chefe da revista passou a compreender que esse conceito não como algo negativo, como estava sendo colocado por jornalistas conservadores e sim como algo benéfico e positivo para as mulheres em assumirem um nova identidade de uma nova mulher, e nesse processo ler os livros de Key foi fundamental, por se tratar de uma leitura em construção feminista. Esse termo foi levado ao Japão pelo escritor norueguês, que também havia influenciado o Movimento das mulheres nos países nórdicos e na Holanda, Henrik Ibsen (1828-1906), mais precisamente por sua “casa de bonecas”, a qual a peça baseada em seu livro fez sucesso no Japão nesse mesmo ano. O termo se referia a mulheres de pensamento crítico em relação à sua situação social, as personagens de mulheres fortes e que foram contra qualquer preceito familiar ou religioso, moldaram esse, então, novo conceito de mulheres diferentes, mas não menos mulheres por isso. Esse fator influenciou diretamente na identidade da revista, houve uma grande modificação no conteúdo mensal. O volume 3, nº 1 recebeu o seguinte sumário:

Raicho, "Amor e Casamento"; Itô Nôe, "O Caminho de uma Nova Mulher"; Iwano Kiyoko, "Homens e mulheres são iguais como membros da raça humana"; Kato Midori, "A respeito da nova mulher"; Chosokabe Kikuko (Nishizaki Hanayo), "Explicando a Nova Mulher"; Ueno Yoko, "Transcendendo a Visão Popular"; Miyazaki Mitsu, "Uma Solicitação aos Leitores"; Hori Yasuko, "Eu sou uma mulher antiquada". (HIRATSUKA, 2006, p. 288)⁴⁴.

A partir desse momento emergiu um conteúdo que não trouxe apenas o espírito conscientizador em relação a uma representação política ou literária das mulheres, e sim uma estrutura de pensamento parecido com o que conhecemos hoje, de conteúdo feminista mais próximo do liberal – ressaltamos que esse termo não foi usado naquele momento. Suzanne Marilley (1996) afirmou que no início do século XX, todas essas mulheres que levantaram as pautas por sufrágio, por liberdade sexual, igualdade de gênero, emancipação das mulheres foram o berço do que conhecemos hoje como Feminismo Liberal, e no caso da Seitô ao elevar

⁴⁴ Trecho original: Raicho, “Love and Marriage”; Ito Nôe, “The Path of a New Woman”; Iwano Kiyoko, “Men and Women Are Equal as Members of the Human Race”; Kato Midori, “Concerning the New Woman”; Chosokabe Kikuko (Nishizaki Hanayo), “Explaining the New Woman”; Ueno Yoko, “Transcending the Popular View”; Miyazaki Mitsu, “A Request to Readers”; Hori Yasuko, “I Am an Old-fashioned Woman.”

essas falas, consideramos como participantes desse movimento. Entre os movimentos das mulheres que tinham como perspectiva lutas em favor dos direitos constitucionais, mas com discussões conservadoras em relação ao corpo para o início de um feminismo liberal que lutou com maior afinco pela igualdade entre homens e mulheres e a liberdade em relação à sua sexualidade, por isso o termo Novas Mulheres, seria o termo mais próximo de um movimento feminista que ocorreu no Japão neste início do século XX, mesmo sem usar tal denominação – . Destacamos também a atenção para, neste sumário, o artigo escrito por Raichô “Amor e Casamento”, que se refere à obra em que ela trabalhou na tradução para o japonês, de mesmo nome em 1911, de autoria da escritora sueca Ellen Key.

Essa relação se faz fundamentalmente importante para entendermos esse movimento. Da Suécia para o Japão, quem foi Ellen Key? Essa mulher dentre tantas outras que discursavam não apenas por meio de sua voz física, mas pela escrita também no mundo ocidental. Ela tratou de temáticas como liberdade das mulheres, direitos e leis para mulheres e crianças, como amor e casamento. Como ela chamou a atenção de Raichô no Japão? E por que foi esse nome que nossa protagonista lembrou em seu leito de morte, ao relatar em sua autobiografia como a escritora mais influente em seu caminho de militância?

O acesso a todo um movimento que aconteceu na Suécia somente foi possível pela disseminação de ideias liberais sobre a condição da mulher orquestrado por Ellen Key, esse acesso nos fez retomar a importância dessa ferramenta da História Pública, de disseminação do conhecimento ao público amplo, nesse caso com as mulheres, e sua importância política em um movimento transnacional de diálogo sobre a temática “Direito das Mulheres” teorias e definições. Essa propagação de ideais que foi da Suécia e Japão tornou possível outra ferramenta deste campo de estudos: o compartilhamento de autoridade sobre o assunto. Pois ao chegar até Raichô tais demandas e críticas sociais, levou força ao grupo Seitô que pode, de um ponto inicial de reflexões enviadas por Key, pensar tais questões no contexto do início do século XX no Japão.

3.1 Quem foi Ellen Key?

Figura 7: Foto de Ellen Key retirada em 1885.



Fonte: https://commons.wikimedia.org/wiki/File:Ellen_Key_1885_-_A._Apelgren,_Stockholm.jpg Acessado em 10 de Outubro de 2021.

Raichô teve contato com os textos de Ellen Key por um artigo escrito por Kaneko Chikushi (1870–1937) - crítica literária e escritora da revista *Taiyo* -, sobre a intelectual sueca em setembro de 1911. Apesar de impressionada com a autora, acabou por deixar ela em segundo plano, em algum lugar futuro. Após uma conversa que teve pouco tempo depois com Kawai Suimei, o editor chefe do jornal, *Joshi Bundan*, Raichô recebeu uma proposta de Suimei para escrever um artigo sobre a visão do amor romântico. Ele procurou por algumas pessoas proeminentes na escrita em Tóquio, e nossa editora chefe foi uma delas, no entanto ela se recusou, sem muita explicação. Em conversa entre os dois ele acabou comentando sobre a intelectual Ellen Key, mas sem muitas informações adicionais. Raichô estava interessada no impacto causado pelo artigo de Kaneko sobre essa intelectual feminista, e principalmente na opinião de Mori Ogai - um notório escritor de protagonistas femininas. A falta de interesse do escritor trouxe dúvidas à Raichô, que preferiu postergar sua pesquisa sobre Key, o que nos levou a entender que nossa protagonista, ainda não tinha segurança, e conhecimento sobre temática feminista em formação no ocidente, possuía ideias libertárias sobre as mulheres, porém, ainda não havia tido contato efetivos com escritoras feministas até então.

Eu perguntei se ele tinha visto a edição atual da *Taiyo*. “Há um artigo muito interessante sobre Ellen Key”, eu disse a ele. “Não, não tenho”, respondeu ele, “mas estava apenas conversando com Mori Ogai sobre isso. Ela parece ser uma mulher bastante incomum.” Em seguida, perguntei se ele conhecia os títulos de algum de seus livros. Ele fez que não e com isso, mais ou menos a tirei da cabeça. Então, li por acaso “Dá liberdade ao divórcio”, um artigo de Ishizaka Yohei na edição de dezembro da *Teikoku bungaku*. Nesse artigo, ela apresentou as ideias de Key e se referiu especificamente ao capítulo 8 de “Amor e Casamento”. Como estava coletando materiais para escrever meu ensaio sobre a Nova Mulher, corri para Maruzen para comprar uma cópia. O livro de Key levantou uma ampla gama de questões. Enquanto refletia sobre suas ideias, decidi passar o próximo ano focalizando as questões femininas. Além disso, em vez de escrever um ensaio baseado em minhas ideias superficiais e desinformadas sobre a nova mulher, decidi apresentar uma tradução do livro de Key. Com o melhor de minhas habilidades, tentei ser fiel ao original. (HIRATSUKA, 2006, p.289).⁴⁵

Apenas em dezembro de 1912, quando procurou por artigos relevantes para publicar na *Seitô*, acabou se deparando com outro escrito sobre o livro “Amor e Casamento” da escritora Ellen Key, de Shizaka Yohei na revista *Teikoku Bungaku*, o que iniciou a relação de admiração pela intelectual e uma importação de ideias feministas.

Ellen Karolina Sofia Key (1849 – 1926) foi uma escritora oriunda de uma família de ricos fazendeiros próximos à Västervik, na Suécia. Formada em pedagogia, teve uma excelente educação comparada, em qualidade, com a educação normatizada oferecida aos homens contemporâneos (LINDEN, 2002). O que lhe deu acesso para se tornar uma importante intelectual formadora de opinião pública. Em suas obras, Key assumiu um tom liberal, herdado de sua família e ambiente formador em que esteve inserido. De acordo com a pesquisadora sueca, Claudia Lín den (2002), a pedagoga se aproximou dos ideais socialistas gradualmente ao longo de sua vida, embora não tenha se assumido com tal posicionamento em suas obras, Lín den encontrou elementos socialistas nas últimas obras publicadas por Key (LÍNDEN, 2002).

Entre 1880 e 1900 ocorreu a ascensão de uma nova perspectiva liberal no ocidente (EUA e Europa) retomando alguns pontos do liberalismo clássico. Essas ideias se expandiram do centro econômico e político inglês, para os arredores. Foi nessa nova onda de desenvolvimento

⁴⁵ Texto Original: I asked if he had seen the current issue of *Taiyo*. “There’s a very interesting article about Ellen Key,” I told him. “No, I haven’t,” he replied, “but I was just talking to Mori Ogai about it. She seems to be quite an unusual woman.” I next asked whether he knew the titles of any of her books. He did not, and with that, I more or less put her out of my mind. I then happened to read “On the Freedom to Divorce,” an article by Ishizaka Yohei in the December issue of *Teikoku bungaku*. In this article, he introduced Key’s ideas and referred specifically to chapter 8 in her *Love and Marriage*. Since I was collecting materials to write my essay on the New Woman, I hastened to Maruzen to buy a copy.... Key’s book raised a broad range of issues. While I was mulling over her ideas, I decided to spend the coming year focusing on women’s issues. Also, rather than write an essay based on my shallow and uninformed ideas on the New Woman, I decided to present a translation of Key’s book. To the best of my abilities, I have tried to be faithful to the original.

da vertente econômica liberal que encontramos os ideais em que Ellen Key cresceu e se moldou. Em um liberalismo específico que promovia a justiça social e o desejo de substituir a economia do *laissez-faire* (MERQUIOR, 2011). No entanto, não podemos esquecer do número crescente de adeptos ao comunismo do início do século XX. Ideias essas que resultaram logo no começo do século nas Revoluções Russa e Mexicana, de maior impacto mundial e na América Latina. Ao lermos sobre essas trajetórias ideológicas, desenvolvidas nesse período na Europa, podemos entender como elementos socialistas estão presentes nos últimos livros de Key, por se tratar de um movimento jovem, que buscou nas críticas ao liberalismo existente soluções com pautas muito mais sociais do que econômicas.

Partindo do país de berço da escritora mudamos nosso ângulo brevemente para a Suécia, para que o/a leitor/a possa compreender um pouco mais sobre como os livros de Key puderam chegar até no Japão.

Voltamos brevemente para o movimento das mulheres na Suécia, com a intenção de contextualizar o país no final do século XIX e início do XX. Em meados do século XIX já haviam mulheres que possuíam visões críticas sobre sua falta de representatividade no parlamento. Em 1848, a ativista Fredrika Bremer (1801-1865) com o apoio de Sophie Adlersparre (1823-1895) instituiu a primeira revista escandinava para mulheres, estabeleceu uma Fundação para que essas mulheres pudessem se reunir e se organizarem sob sua liderança, e ficou conhecida como Fundação Fredrika Bremer. A organização possuía como modelo de comportamento a mulher cristã, visto que Bremer foi uma religiosa ativa, e foi formada principalmente por mulheres e homens da classe média liberal. É considerado o primeiro movimento em favor de promover a condição da mulher no geral. Mesmo que em Estocolmo já houvesse um grupo que defendia o Direito à propriedade da mulher casada, o movimento tinha como foco a emancipação da mulher, isso é: “promover o avanço das mulheres moral, intelectual, socialmente e economicamente” (MANNNS, 2004, p. 154). No entanto, a Fundação tinha características de um Feminismo Liberal, embora não tenha se autodenominado desta forma.

Ellen Key, nascida em 1849, participou de encontros da fundação, porém, possuía duras críticas à Fundação de Fredrika Bremer. Em 1896, ela tornou público seu descontentamento em relação aos fundamentos da emancipação das mulheres, o que veio a se tornar uma discussão acalorada. Key afirmou que a Fundação estava indo por um caminho equivocado ao negligenciar as diferenças biológicas entre os sexos, e por não se preocuparem de forma mais ativa com questões sociais. De acordo com Manns (2004), a organização passou a acatar as

questões levantadas por Key, mesmo sem assumir tal ato e sem aceitar as ideias liberais sobre sexualidade (MANNNS, 2004).

Na Suécia, o movimento das mulheres e os feminismos são considerados como algo que deu certo, visto que o movimento sufragista iniciou em 1903 e conquistou o direito de voto em menos de 20 anos, em 1921. Recentemente, essa longa trajetória ainda tem produzido excelentes colocações no ranking do Fórum Econômico Mundial. O relatório de março de 2021 avaliou o país em 5º lugar em relação à igualdade de gênero, mas sem mulher como chefe de Estado, por ainda se tratar de uma monarquia constitucional, com um rei no poder Carlos XVI (WEF, 2021). Além de contar com a principal pauta feminista em 4 de seus 5 partidos políticos, apenas o partido de extrema direita não aderiu a essa pauta. Nesta pauta se encontram garantidos os direitos das mulheres ao voto e à licença maternidade, garantida pelo Estado de acordo com a revista Exame (EXAME, 2021).

Key era abertamente leitora e apoiadora dos trabalhos e ideias de Hebert Spencer (1820-1903) – filósofo liberal evolucionista, mas sem tendências democráticas – que aplicava a teoria da evolução de Charles Darwin a todos os níveis de atividade humana. Spencer foi muito utilizado pelas feministas desse período, principalmente por desafiar as questões impostas pelo cristianismo em relação ao corpo, sexualidade e direito das mulheres. A autora teve influência darwinista desde sua infância, conseqüentemente Spencer foi uma das leituras de maior impacto na formação de Key, devido aos escritos definitivamente eurocêntricos quesito histórico da moral sexual, porém, tal como outras feministas não seguiu a parte em que os evolucionistas acreditavam na busca pela pureza e superioridade de raças (LOWY, 2004). Ela também recebeu influência de Nietzsche por volta da década de 1890, o que introduziu um grande impacto na sua visão de corpo, sexualidade e moral (LINDÉN, 2002). Notadamente, os ideais característicos do filósofo, bem como críticas estão presentes nas obras de Key, o que pode ter tornado os escritos da intelectual ainda mais sedutores à Raichô, que teve boa parte de sua formação filosófica influenciada por uma onda "nietzschiana" no Japão do início do século XX, como já abordada no segundo capítulo.

Como pedagoga, a intelectual também avançou sobre a educação feminina na Europa. Houve significativo aumento na qualidade de ensino logo no início do século XX, permitindo que mulheres pudessem concorrer a cargos, antes considerados masculinos. No entanto, havia uma série de dificuldades aplicadas a elas, uma questão social ainda emperra o avanço das mulheres no mercado de trabalho, aos olhares de muitos homens e algumas mulheres o emprego era “impróprio” para que elas atuassem. Todavia, muitas europeias atravessaram as dificuldades pertinentes e inclusive Key relata que no período situado a publicação do livro já haviam

mulheres juízas, delegadas, médicas entre outras profissões em países do ocidente. Key frisa que apesar da grande abertura no mercado de trabalho para as mulheres europeias e estadunidenses, ainda não haviam mulheres padres, ou ministras casadas (KEY, 1909 p.). A questão do ateísmo para a autora foi muito forte, chegando a ser contra os preceitos da Igreja Cristã Católica, elemento vindo da influência direta que Nietzsche exercia sobre ela. Outra ponte que poderíamos analisar entre Raichô e Key, porém, não abordamos neste trabalho.

A questão da inserção da mulher no mercado de trabalho ia além de uma igualdade de força de trabalho com os homens, mas uma conquista empregatícia da mulher de ocupar lugares de liderança ou cargos de grande impacto na sociedade ou qualquer cargo que fosse de vocação e agrado da mesma. Na visão de Key essa busca por igualdade no espaço de trabalho, poderia resultar em uma ferramenta para a elite direcionar a força de trabalho feminino para trabalhos considerados desagradáveis e tarefas ingratas (KEY, 1909).

De acordo com Lidén (2002), Key se considerava uma feminista liberal, porém, foi fortemente atacada por mulheres intelectuais de seu círculo, por ser considerada uma “*särartsfeminist*” uma feminista diferente. Ela questionou a falta de notoriedade das mulheres na História sobre “o que elas fizeram e o que iriam fazer” cobrando mais empenho delas para serem lembradas na historiografia. A visão de Ellen Key, se justificava na ideia de que as mulheres de classe alta possuíam possibilidades de fazer mais pelo Movimento das Mulheres e pelo Feminismo recém-formado, não culpando as trabalhadoras, camponesas analfabetas em geral no caso dessas que não haviam se mobilizado. No início do século XX, Key viajou palestrando por toda a Europa e tornou-se figura pública muito conhecida na Europa, Estados Unidos, Japão e Coréia, faleceu em 26 de abril de 1926 (LINDÉN, 2002). E é reconhecida no Japão como uma mulher intelectual, liberal no mesmo pé de igualdade de Mary Wollstonecraft, John Stuart Mill, Friedrich Engels e August Bebel (DAHLGREN, 1996).

3.2 O século das crianças, Amor e Casamento e Movimento das Mulheres influências em Raichô.

Defendemos que Raichô neste movimento transnacional de ideias feministas, indicou um caminho de diálogo em nível internacional de História Pública de duas mulheres intelectuais que tornaram públicos seus escritos, permitindo leitoras e leitores considerados leigos sobre pedagogia, literatura e discussões sobre a Constituição de seu país, tivessem maior acesso a um debate acadêmico, e principalmente leitoras que foram colocadas às margens da sociedade, na questão que se referia à cidadania. Levando para uma dimensão pública esses questionamentos

no formato de livros, revistas, encontros literários, palestras. Elas fizeram trabalho de alto nível de dimensões da História Pública, considerando a produção e a disseminação do conhecimento histórico e crítico literário para diversas mulheres que durante muitos séculos não foram consideradas um grupo de consumidoras deste conteúdo político e social. Por vez, tomamos essa circularidade de livros e revistas que viajaram por longos quilômetros, não apenas como um movimento, mas sim como a circulação de conhecimento histórico a fim de influenciar em novas abordagens, ressignificando todo o aparato de ideias de Key, para o contexto japonês (CHARTIER, 1990). Neste sentido, Sara Albieri (2011) reafirma a importância dessa circularidade para a prática da História Pública, tanto no sentido da disseminação escolar, como para o público em geral. E aqui analisamos esse movimento e praticamos esse método (ALBIERI, 2011).

Ao abrirem seus escritos a diálogos pertinentes em suas respectivas atualidades por cartas, ou mesmo palestras com abertura de falas para ouvintes, elas passaram a praticar um compartilhamento da autoridade. Em suas posições de apresentadoras das situações das mulheres e reflexões em busca de melhoria, talvez da forma mais evolucionista que Key pode encontrar, por ter sido fortemente adepta ao darwinismo. Nessa concepção, nota-se que a intelectual acreditava na propagação de suas reflexões para que as novas gerações pudessem ter acesso a elas e “evoluir” em sua reflexão a fim de melhorar a condição da mulher.

Constatamos nos escritos de Raichô que ela teve acesso aos livros *O século das crianças* (1900), *Amor e Casamento* (1911) e *Movimento das Mulheres* (1912) da autora, pois suas idéias se assemelham às de Key, nos seguintes aspectos: O primeiro remete até mesmo a um fragmento da História da infância e juventude, Key, que foi também uma ativista firme em relação aos direitos das mulheres, mães e crianças, escreveu nesta obra sobre a escolha da mulher em ser mãe e a importância do Estado reconhecer a mulher neste papel, inclusive na constituição. Key, lutou pelo direito à licença maternidade para as mulheres que dentro de sua escolha, possam dar os cuidados iniciais à educação, defendido por ela, essenciais para a criança, esse ideal mais detalhado na obra “Movimento das Mulheres”. De acordo com Raichô, os livros de Key chegaram a ter um impacto profundo ao longo de toda sua vida por encontrar no mundo outra intelectual feminista que fez nossa protagonista se permitir casar e ter filhos e aproveitar de ambos, como uma real defensora dos Direitos das Mulheres.

Key, uma mulher sueca que viveu até final dos anos 1800, nunca se casou ou teve filhos. Isso me intrigou muito, pois ela escreveu com tanta sensibilidade sobre o amor e a maternidade. No meu caso, sem ler Key, duvido que teria vivido com um homem, quanto mais com filhos, mesmo se estivesse apaixonada. Eu teria escolhido permanecer solteira por toda a minha vida e meu amor por Okumura não teria feito diferença. Nesse sentido, meu encontro

com Key teve um impacto profundo. O efeito não foi tão fundamentalmente transformador quanto kenshō, mas mesmo assim foi profundo. Mais tarde, depois que comecei a morar com Okumura e me tornei mãe, fiquei ainda mais grata por seu apelo pela proteção da maternidade e pelo reconhecimento do significado social de gerar e educar filhos (HIRATSUKA, 2006, p. 233)⁴⁶.

Além do trecho citado acima, vale ressaltar que Hiratsuka teve a opção de escolher ser mãe e continuar com sua militância, o que a aproxima intimamente dos escritos de Key, em relação às questões de maternidade e liberdade dessas mães. Relembramos também o que a motivou a escrever a autobiografia, para mostrar a luta das feministas no Japão do início do século XX, e principalmente deixou o escrito para que a geração de sua filha continuasse com os questionamentos sobre as mulheres japonesas. Novamente, a intenção da escrita e publicação da autobiografia vai ao encontro das práticas da História Pública, ao escrever como pontuado por Rabello (2011), feita para o público amplo para que o conhecimento histórico chegue e seja repensado por suas leitoras e leitores de acordo com seu contexto, por mais diversos que sejam. Key demonstrou preferência por um feminismo liberal – lembremos que o liberalismo do início do século XX, é divergente do liberalismo conservador que vem ganhando força no Brasil do século XXI. Ellen Key esteve vinculada a uma concepção do liberalismo clássico ou antigo, nascente na Inglaterra da luta política que levou a Revolução Gloriosa de 1688, sendo posteriormente desenvolvida pelos pensadores do iluminismo escocês como Adam Smith, David Hume e Adam Ferguson. Essas concepções estavam ligadas a princípios de funcionamento institucional como liberdade de imprensa, parlamentarismo, governos constitucionais e liberdade religiosa. A partir de 1870, ocorreu o advento da democracia ocidental em países industrializados, a Escandinávia, como na Suécia de Key, segue por esse caminho. No entanto, de nenhuma forma o Estado democrático é apenas obra do liberalismo. Tanto conservadores quanto socialistas endossaram o pluralismo político, muitas vezes contra os preconceitos e interesses dos liberais. (MERQUIOR, 2017). Quando propomos diferenciar essas concepções antigas do liberalismo novo ou neoliberalismo, a tentativa é se distanciar do conservadorismo liberal que hoje impera em setores das elites e da classe média no Brasil. Resumidos pelo slogan “liberal na economia e conservador nos costumes”, esse tipo de

⁴⁶ Trecho original: Key, a Swedish woman who came of age during the late 1800s, never married or had children. This greatly puzzled me, since she wrote with such sensitivity about love and motherhood. In my own case, without reading Key, I doubt the I would have lived with a man, let alone had children, even if I had been in love. I would have chosen to remain single all my life and my love for Okumura would have made no difference. In this respect, my encounter with Key had a profound impact. The effect was not as fundamentally transforming as kenshō, but was profound nevertheless. Later, after I began living with Okumura and became a mother, I was even more appreciative of her plea for protection of motherhood and recognition of the social significance of bearing and educating children.

liberalismo condena parte das liberdades individuais e dos aspectos de justiça social, presentes nos primeiros teóricos liberais, em nome de uma ordem de costumes e de autoridade. No Brasil, esse movimento é fortemente vinculado às décadas de 1950 e 1960, no sentimento anticomunista e uma aversão à inclusão de camadas pobres no universo das políticas públicas. (CAVALCANTE, 2015)

Raichô viu nos livros de Key, muitas reflexões parecidas com as suas próprias. Em análise sobre o liberalismo em Key e o envolvimento pelas obras por nossa protagonista, compreendemos que os anos iniciais do ativismo de Raichô foi similar ao movimento feminista liberal. *Amor e Casamento*, de 1911, foi a primeira obra de Ellen Key que Raichô teve acesso na versão traduzida para o inglês em 1913 e se tornou responsável pela tradução de *Amor e Casamento* do inglês para o *nihongo*⁴⁷ em 1914. Como já afirmado antes, os escritos se encontravam de fácil acesso na língua inglesa em vários países orientais. Ela se concentrou amplamente em fazer propostas que viessem a melhorar a condição das mulheres na sociedade, embora o seu objetivo final tenha sido o aprimoramento da sociedade como um todo (nas áreas da política, da educação, no âmbito jurídico) (LOWY, 2006).

A tese central do livro foi pensada no público alvo das mulheres que desejavam ser mães em tempo integral, a fim de garantir uma melhor educação e desenvolvimento das crianças. Podemos notar a prática da História Pública neste momento da leitura, uma autora que buscou responder a uma necessidade social, deu voz a um grupo específico de mulheres e consumidoras de sua leitura que procuraram por ferramentas de reflexão sobre a temática, ela foi responsável não apenas por uma disseminação de conteúdo histórico – referente à situação das mulheres contemporâneas a ela –, mas também atuou em conjunto com essas nipônicas, em construção desse campo de estudo voltado para o público antes de tudo que são dois dos pontos fundamentais levantados por Rabello (2011), para a História Pública no Brasil. Key cobrou, neste escrito, que o governo acreditasse mais na importância da relação mãe-filho, e disponibilizasse um recurso financeiro digno para que essas mulheres pudessem ter independência financeira e não depender de cônjuges. Seria a liberdade com relação a se casar e amar de forma mais livre e como desejada por elas. Defendeu o projeto Fundação Capuz, que seria um primeiro passo importante para a defesa da maternidade. Dessa forma, as mulheres poderiam gradualmente mudar suas opiniões sobre casamento e amor, refletindo sobre a necessidade e a real transcendendo do ideal predominante, em algo novo (KEY, 1911).

⁴⁷ Língua japonesa.

A base fundamental dessa nova moralidade seria a união perfeita entre o amor e o casamento. A instituição do casamento não garante a natureza moral de um relacionamento. Key defendia que o casamento sem amor era prejudicial à saúde e debilitante para a espécie. Ela lamentou o fato de os casamentos serem “abençoados”, provável influência da filosofia nietzschiana em deixar de lado o brilho da religião e focar no lado prático do desenvolvimento humano. “Mesmo que pelos motivos mais baixos, sob as circunstâncias mais anormais: entre um doente e um saudável, um velho e um jovem, um voluntário e um relutante ou dois relutantes, unidos por suas famílias” (KEY, 1911 p. 14).

Sua concepção de união humana para o bem da espécie era a definição de casamento ideal, e não um matrimônio religioso de “unir duas pessoas até que a morte os separasse”, mas sim de estado que em um homem e mulher tivessem amor acontecendo com a finalidade de criar uma vida, e em desenvolvimento individual e social de cada um como um casal: “Deste ponto de vista, então, não podemos estender a proposição de que o amor é um fim em si mesmo a ponto de dizer que pode permanecer infrutífero. Deve dar vida; senão novos seres vivos, novos valores; deve enriquecer os próprios amantes e, por meio deles, a humanidade” (KEY, 1911, p. 47). É um livro que diz respeito a uma sociedade igualitária e justa com as mulheres que a intelectual defendia, defendendo o amor e a união, como o casamento seria apenas como resultado desse sentimento. Algo que Raichô já defendia, até mesmo antes de ler esse livro em um amor mais forte e complexo do que um casamento, no caso a união seria apenas um capricho do casal. Ela inclusive narrou vários eventos de relacionamentos em que o sentimento e o desejo em comum, foram mais fortes que qualquer união civil ou religiosa um dos exemplos foi o seu antigo amante e novelista, em que a emoção quase a levou a um suicídio.

Quase um ano após a abertura da *Seitô* Raichô fez a tradução de *Amor e Casamento*. A escrita de Key a influenciou em dar uma nova direção para a revista. A nova pauta foi sobre as “Novas Mulheres”. Já haviam recebido esse título por outros jornalistas, que viam essa “nova tendência” como algo ruim para a sociedade, essa percepção se deu principalmente por escritores conservadores, que defendiam o lema confuciano “boa esposa e sábia mãe” (HIRASTSUKA, 2006). O segundo manifesto escrito por Raichô nasceu sob essa inspiração em dezembro de 1912.

Eu sou uma Nova Mulher.

Pelo menos, eu espero e me esforço a cada dia para ser verdadeiramente uma Nova Mulher. O sol sozinho é verdadeiro e para sempre novo. Eu sou o sol pelo menos. Espero e me esforço cada dia para ser o sol. “O sol é novo a cada dia, na verdade, ele se renova a cada dia, de novo e de novo”. É o que se lê na inscrição na pia de um governante da China antiga. De fato, gloriosa é a

virtude, a virtude celestial do sol sempre renovador. A nova mulher rejeita o "ontem". Ela não mais trilhará em silêncio submisso o caminho percorrido pelas mulheres oprimidas do passado. Ela não será mais mantida na ignorância, escravizada ou reduzida a uma massa fresca pelo egoísmo do homem. A nova mulher está determinada a destruir a velha moralidade e as leis estabelecidas pelos homens para sua própria conveniência. Mas a miríade de fantasmas das mulheres do passado persegue implacavelmente a Nova Mulher. Quando "hoje" está ocioso, "ontem" aparece rapidamente. A Mulher Nova lida com os fantasmas a cada dia. No momento em que ela baixa a guarda, a "Nova Mulher" volta ao que era. Eu sou uma Nova Mulher. Eu sou o sol, eu sou sozinha. Pelo menos, me esforço a cada dia (HIRATSUKA, 1912)⁴⁸.

Sob essa inspiração, nesse mesmo ano, Raichô conheceu Okumura Hiroshi (1876-1950) um gravurista japonês que havia estudado nos EUA, e já tinha feito algumas viagens para outras partes do mundo. Em 1914 eles assumiram o relacionamento aberto, no qual o que importou foi o sentimento de ambos e não o matrimônio. Com o relacionamento aberto, Raichô teve outros parceiros sexuais e uma parceira emocional. Kokichi, foi apaixonada durante alguns anos por nossa protagonista e não soube aceitar bem o término da relação delas, enquanto Okumura continuava a permanecer como parceiro principal. Raichô descreveu o amor que teve pela parceria com bases em admiração, sensibilidade e leveza, porém, a relação ficou apenas no campo sentimental e ela afirmou que não houve consumação sexual (HIRATSUKA, 2006). Okumura também teve relação sexual e afetiva com outras mulheres e mesmo sem ter se relacionado com homens. Foi acusado de ser também um amante homossexual por ter relacionamento fixo com Raichô no momento em que ela se envolveu com Kokichi. De acordo com sua narrativa, ele pouco se importou com a acusação. Com o término, Kokichi chegou a prometer se vingar de Okumura.

Segundo a tradutora Teruko Craig (2006) em notas finais sobre a obra, em 1915 Raichô engravidou, porém, ela narrou ter ficado doente em janeiro do mesmo ano, o que nos levou a crer que essa “doença” tenha sido uma gravidez de risco, sendo o principal motivo pelo qual ela teve que se afastar da chefia da revista e passar o controle para Itô Nôe. Ao escrever o livro

⁴⁸ Texto original: I am a New Woman. At least, I hope and strive each day to be truly a New Woman. The sun alone is truly and forever new. I am the sun. At least. I hope and strive each day to be the sun. "The sun is new each day, verily, does it renew itself each day, again and again". So reads the inscription on the washbasin of a ruler of ancient China. Glorious indeed is the virtue, the celestial virtue of the ever-renewing sun. The New Woman rejects "yesterday". No longer will she tread in submissive silence the path taken by oppressed women of the past. No longer will she be kept in ignorance, enslaved, or reduced to a lump of fresh by man's egotism. The New Woman is determined to destroy the old morality and laws established by men for their own convenience. But the myriad ghost the women of the past relentlessly pursue the new Woman. When "today" is idle, "yesterday" rushes in. The New Woman does beetle with the ghosts each day. The moment she lets her guard down, the "New Woman" reverts to her former self. I am a New Woman. I am the sun, I am myself alone. At least. I hope and strive each day.

em 1970, Raichô descreve com carinho o falecido marido, sobre a lembrança de quando se conheceram. Ele faleceu duas décadas antes dela, em 1950.

Okumura tinha ossos grandes, excepcionalmente alto e bastante impressionante com seu rosto oval e pálido e longos cabelos negros repartidos ao meio. Ele também era taciturno. Enquanto o resto de nós conversava, ele parecia contente em sentar e ouvir. Havia um toque de inocência infantil em seu lábio superior enrugado, que parecia ter sido delicadamente beliscado. Gostei dele imediatamente. [...]No mesmo momento, também fui atraída por aquele jovem nada comum - que era inocente e como um bebê crescido - com uma intensidade que nunca antes sentira pelo sexo oposto (HIRATSUKA, 2006, p. 422)⁴⁹.

Ainda pensando na influência de Key sobre Raichô, podemos afirmar, além da própria protagonista, que “Amor e Casamento” foi fundamental para o longo relacionamento com Okumura, que decidiram formalizar a união pelo casamento monogâmico em 1941. Esse episódio se tornou uma outra fase para ela, de uma consolidação de um casamento construído sobre fortes bases de amor e não como régia aos preceitos sociais com bases confucianas, de um casamento por obrigação em função a uma organização familiar funcional e não sentimental.

Acreditamos também que Raichô teve acesso a outro livro de repercussão da escritora, “*O século das crianças*” de 1900, e nos baseamos no teor das discussões desenvolvidas sobre educação infantil e educação superior para as mulheres, visto que a autobiografia foi escrita em 1970, é possível que a influência da autora possa ter sido internalizada e desenvolvida paralelamente - de acordo com as especificidades japonesas - em relação à temática de educação infantil em Raichô. Em nenhum momento da autobiografia ela chegou a afirmar o desejo de não ser mãe, - ao lembrarmos que em sua fase jovem ela estava decidida em não se casar - inclusive essa relação entre o movimento e a maternidade apenas se torna um lugar íntimo para ela, quando ela se tornou mãe. Algo que na época nossa protagonista teve que se levantar em defesa de uma mãe feminista, muitos a acusaram de ter virado as costas para o movimento. Após sua segunda gravidez em 1917 esses conflitos se tornam ainda mais fortes, e em 1918 foi quando aconteceu o conflito de maior impacto, e marco no movimento entre ela e Yosano Akiko - uma poetisa pós-clássica, a mais importante do período no Japão, e pioneira no feminismo assim como Raichô:

O debate começou em março de 1918, quando Yosano Akiko escreveu em sua coluna mensal no *Fujin Koront* que se opunha às feministas ocidentais que

⁴⁹ Texto Original: Okumura was big boned, exceptionally tall, and quite striking with his pale, oval face and long black hair parted in the middle. He was also taciturn. While the rest of us talked, he seemed content to sit back and listen. There was a touch of childish innocence around his puckered upper lip, which looked as if it had been gently pinched. I liked him at once. [...]At the very same moment I also was attracted to this far from ordinary young man — who was innocent and like an overgrown baby—with an intensity I had never before felt for the opposite sex.

pediam ajuda financeira estatal para jovens mães. Para ela, isso fomentava a dependência e não era diferente do apoio estatal aos deficientes e idosos. “Raicho não pode ficar calada. Na verdade, a divergência de opinião sobre o assunto já havia se manifestado dois anos antes, quando ela repreendeu Yosano por alegar que Ellen Key afirmou a "centralidade absoluta da maternidade.". Acusou Yosano, em *Bunsho sekai*, de não entender Key, defendeu que a maternidade não era um imperativo, mas uma escolha livre (CRAIG, 2002)⁵⁰.

Considerada umas das obras de maior importância da pedagoga, *O século das crianças* é um livro relativamente pequeno. Porém, o que elucidou a importância do escrito na carreira de Key foi a frase “o século das crianças” e o desdobramento de sua análise. Alguns estudiosos alegam que Key fez uma “previsão” de que o século XX seria focado no desenvolvimento da formação infantil. De fato, porém, afirmamos que o objetivo do livro não tenha sido de uma previsão. A obra tem como principal objetivo criticar o sistema contemporâneo a ela, visto que em 1900 ela já possuía uma ampla plateia de ouvintes e leitores, é possível entender que essa frase e seu livro tenha sido um passo de autoridade, muito mais do que um passo de previsão, palavra que de alguma forma a colocar em um patamar de misticismo e não crítica, analítica e científica como foi.

Na Europa, de onde Key se originou, já haviam “descoberto” a infância desde o período demarcado como Idade Média. Através de análise iconográfica Philippe Ariès propôs na década de 1960 um campo de estudos voltado para a infância dentro da historiografia, a infância foi percebida como uma fase que demanda atenção entre os séculos XV e XVIII com a aristocracia, através de quadros que traziam traços mais leves nas representações dos “pequenos”, e se desenvolveu até o século XVIII alcançar a todas as camadas sociais. Dentro dessa linha de raciocínio, Key criticou educadores contemporâneos a ela que ainda evocavam a maldade nascida com homens, ou como cita “o pecado original”, como se tivessem esquecido que a criança não era um adulto pequeno, como acreditavam até meados do período delimitado como idade média séculos V-XV, considerando isso como algo retrógrado. Compreendemos que esses educadores elucidaram a educação como forma de disciplinar os pequenos adultos a fim de eliminar a maldade nascida nos humanos pecadores. Como um manifesto ela clamou para que esses profissionais remetessem aos ensinamentos com base na psicologia e nos sonhos

⁵⁰ Trecho Original: The debate began in March 1918, when Yosano Akiko wrote in her monthly column in Fujin koron that she was opposed to Western feminists who called for state financial aid to young mothers. In her view, this fostered dependence and was no different from state support of the disabled and elderly." Raicho could not remain silent. In fact, their difference of opinion on the subject had already become apparent two years earlier, when she rebuked Yosano for claiming that Ellen Key asserted the “absolute centrality of motherhood.” Writing in *Bunsho sekai*, Raicho had accused Yosano of misunderstanding Key, for whom motherhood was not an imperative but a free choice.

individuais de cada infante. Seu clamor era para que deixassem de lado a hierarquia dos "antigos", e dessem abertura e ferramentas para que os jovens pudessem em sua fase adulta, desenvolver e evoluir o que havia sido criado pelas gerações passadas (KEY, 1900).

Voltando para nossa protagonista, Raichô. Consumindo ou não essa leitura, podemos notar que ao longo de nossa explanação, e análise, de que ela esteve muito envolvida nessa discussão sobre a educação infantil, e educação feminina. Além de em outros pontos mais ao final de sua autobiografia, demonstrar valorização nos ideais de desenvolvimento das crianças e nos jovens de forma geral - quase um "o futuro é das crianças" em língua japonesa -. Sua trajetória de luta em conquistar direitos básicos para as mulheres, para que desde pequenas pudessem ter a liberdade de escolhas e de desenvolverem sonhos para o futuro de forma individual, e não na unidade familiar como regia os costumes tradicionais. E esse entusiasmo em relação ao foco das crianças se deu, como já dito, com o desenvolvimento da maternidade de nossa protagonista, que foi algo íntimo e profundo para ela, algo que a "tornou inteira" (HIRATSUKA, 2006, p. 422).

No livro *O movimento das mulheres* escrito por Ellen Key em 1909 - traduzido para o inglês também de forma simultânea à publicação, - a autora sueca expôs questões para além do sufrágio universal (principal pauta do movimento das mulheres no período) pontuou a importância da inserção da mulher em áreas de grande importância como na liderança política, na educação, e nos cuidados com as crianças e na sexualidade. A obra percorre os diversos estágios do feminismo socialista e liberal, construindo um panorama de suas lutas e conquistas. A autora ainda afirma não acreditar em uma homogeneidade do movimento. Key defendeu que o voto era apenas um fragmento do que as mulheres poderiam alcançar dentro do movimento. Boa parte da autobiografia de Raichô nos apresentou visão análoga à Key, em relação ao objetivo das mulheres de não apenas votar e sim representar e ser representada em todos os âmbitos da sociedade. A essência da intelectual se assemelha bastante com os ideais de nossa protagonista o que, porventura, fortaleceu nossa análise em relação a um movimento transnacional feminista entre Raichô e Key. O diálogo entre essas intelectuais, mesmo que por intermédio de leitura dos livros, resultou na disseminação sobre esse debate nos artigos publicados na revista *Seitô*.

A escritora sueca afirmou que se concentrou nos aspectos do desenvolvimento psicológico das mulheres nos anos anteriores a 1909. Key reconhecia que a Suécia esteve à frente no desenvolvimento das lutas pelos direitos das mulheres, no entanto, o avanço já teria se espalhado para muitas outras regiões, para além de seu país. Até mesmo povos que há dez

anos antes aparentemente não tinham sido atingidos por essas ideias já estavam progredindo, como a Turquia e a China (KEY, 1909).

A autora traçou um caminho central para discutir sobre os resultados externos do Movimento das Mulheres no capítulo “*O Resultado Externo do Movimento das Mulheres*”. Tomou como base de sua explanação a Declaração dos Sentimentos de 1848, liderada por Elizabeth Cady Stanton. A Declaração foi assinada por homens e mulheres através de uma convenção que reunia apoiadores dos Direitos das Mulheres. Porém, a organização do evento preferiu se manter afastada do movimento das sufragistas, por medo de perder apoio de demais políticos. Key aponta outro movimento contrário, o “*Allgemein Frauenverein*” 1905, um programa alemão conservador e radical em relação às mulheres no congresso, o que mostrava o quão longe a Europa e os Estados Unidos estavam de realizar os desejos da declaração de 1848. (KEY, 1909). Vale ressaltar que tanto o ano da publicação da obra, quanto o movimento alemão remetem a um período em que o Japão, além de ser conservador, era próximo politicamente do império prussiano. Relembrando o primeiro capítulo, a Constituição Meiji, teve como base a Constituição prussiana.

Pode-se dizer que Ellen Key é um exemplo de voz silenciada pela historiografia, visto a enorme dificuldade em se encontrar artigos sobre a autora em língua portuguesa ou inglesa. Afinal, Key foi uma forte formadora de opinião e figura pública que disseminou suas ideias por toda a Europa e Ásia. Porém, no que diz respeito de mulheres com forte poder retórico sobre problemáticas de seu tempo vemos essas mesmas sendo esquecidas por acadêmicos por não considerarem parte de assuntos políticos e econômicos, que na concepção de muitos pesquisadores seria o que realmente importava. Inclusive lembrada apenas por sua “previsão” sobre o século XX ser o século das crianças. Possivelmente, Key foi mais uma excluída no que se refere a escolhas por intelectuais do sexo masculino, mais uma integrante do silenciamento, concepção utilizada por Michelle Perrot.

Evidentemente, a irrupção de uma presença e de uma fala feminina em locais que lhes eram até então proibidos, ou pouco familiares, é uma inovação do século XIX que muda o horizonte sonoro. Subsistem, no entanto, muitas zonas mudas e, no que se refere ao passado, um oceano de silêncio, ligado à partilha desigual dos traços, da memória e, ainda mais, da História, este relato que, por muito tempo, “esqueceu” as mulheres, como se, por serem destinadas à obscuridade da reprodução, inenarrável, elas estivessem fora do tempo, ou ao menos fora do acontecimento (PERROT, 2005, p. 9).

Key também prezava pela educação das crianças, que precisam do apoio da mãe para que a família se desenvolva de forma saudável, novamente questionando a exploração da força de trabalho feminina nas classes baixas. Em contrapartida, as mulheres e crianças de classe

média recebem um apoio maior para a inserção no mercado de trabalho, o que possibilita que essas se tornem concorrentes diretas dos homens em cargos superiores. A autora destaca as más condições de saúde enfrentadas por essas mulheres como uma condição a ser criticada, como pauta principal do movimento das mulheres na Europa. Outro grande ponto de debate feito por Key no início do século XX é em relação às mulheres das classes mais altas não se solidarizarem com as classes mais baixas. As conquistas das mulheres de classe baixa e média se deu por intermédio de organizações de trabalho feminino e sindicatos. E claro, Key não deixa de mencionar sobre a dominação masculina no formato de marido, a crítica ao patriarcado, chegou a afirmar que esse é o pior tipo de escravização feminina.

Em explanação sobre os feminismos dentro de cada classe social, a baixa, a média e a alta, Key fez um breve panorama. As classes baixa e a alta em grande medida se uniam em favor da busca por uma liberdade de escolha da mulher assegurada juntamente com a segurança e direito de seus filhos e filhas e essa segurança deveria vir do Estado. Enquanto a classe média estava presa ao velho liberalismo que acreditava na meritocracia para alcançar uma alta posição dentro da sociedade, as mulheres de classe baixa buscavam suporte no ideal socialista. Essa ideia defendia que a libertação do trabalho no campo e na vida privada doméstica, para às fábricas iria dar melhores condições financeiras e sociais para elas, as colocando em uma posição igualdade e encontrando suporte outras de mesmas condições, afim de se unirem para reconhecimento social e estatal (KEY, 1909, p103). Toda essa rede de conquistas das novas mulheres se interligou por meio da palavra escrita, assim como fizeram Key e Raichô, um movimento que entendemos como um diálogo transnacional e de disseminação do conhecimento das ciências humanas para com as leitoras contemporâneas a elas, formando também um entrelaço da história pública entre leitoras de conteúdo feminista do início do século XX até a atualidade. entre a Suécia para o Japão, sem um retorno de fato, porém com ressignificação dos conhecimentos históricos e críticos de Key. Neste processo, os livros da intelectual sueca fizeram um movimento de História Pública ao disseminar não apenas a escrita materializada nos livros, mas sim uma circularização de ideais para o contexto conservador japonês.

3.3 Itô Nôe

Figura 8: Foto de Iô Nôe retirada entre 1910-1923



Fonte: https://upload.wikimedia.org/wikipedia/commons/a/a2/Ito_No_e_2.jpg Acessado em 10 de Outubro de 2021.

Ao refletirmos sobre a voz de Raichô representando o feminismo japonês, em sua autobiografia, em diálogo com fortes tendências de discussões sobre os direitos das mulheres no ocidente, observamos que além da equipe de escritoras, houve outros nomes de mulheres com um grande poder de representação deste feminismo. Uma delas, como já citado, foi Itô Nôe (1895-1923), que veio a assumir a revista *Seitô* como editora chefe em 1915-1916.

Assumidamente anarquista, seu primeiro contato com a ideologia foi através das obras de Emma Goldman (1869-1940). Em 1913, Nôe publicou diversas traduções da escritora como “*Sobre a tragédia da Emancipação das Mulheres*”, “*Minoria e Maioria*”, “*Sonhos de Olive Schreiner*”, “*Presentes de Deus para os Homens*” inclusive a autobiografia da intelectual “*Vivendo Minha Vida*” (1931). Goldman nasceu em Kovno, na Lituânia, até então parte do império russo. Emigrou para os Estados Unidos em 1885, foi uma ativista estadunidense do anarquismo de maior representação até no início do século XX e responsável pela incorporação da pauta feminista nos movimentos anarquistas. Ela e seu marido, o escritor anarquista Alexander Berkman (1860-1936) moraram na Inglaterra, Canadá e na Espanha, onde o casal participou da Guerra Civil Espanhola de 1936 e da consequente Revolução Anarquista do país (GOLDMAN, 1931).

Em sua autobiografia, Raichô afirmou que Emma Goldman foi para Nôe o que Ellen Key foi para si mesma. Tamanha influência fez da jovem uma figura pública – por ser escritora da revista *Seitô* – única no sentido de que o movimento anarquista no Japão não teve muitas mulheres como representantes e defensoras da ideologia. Sua relação com o ideal foi profunda aplicando nos seus discursos, escrita, vida amorosa e estilo de vida, se absteve de tudo que foi obrigada a ser como japonesa conservadora e viveu da forma mais livre que encontrou, inclusive dando prioridade à escrita e ao movimento ao invés dos cuidados da casa e na maternidade.

A relação entre Itô Nôe e Raichô começou de uma forma similar à de Otake Kokichi, criadora de uma nova capa da revista *Seitô*. Ela se tornou oficialmente um novo membro do grupo em setembro de 1912. Nossa protagonista recebeu a primeira carta de Nôe, no inverno anterior à inclusão dela no grupo *Seitô*. Sua carta chamou muita atenção, dentre tantas outras enviadas por leitores/as, pela forma simples de escrita e pelo teor de suas reflexões e posicionamento de luta. Descreveu sobre seu casamento forçado pela família, com um estadunidense que possui terras na Kyushu, criticou duramente sua família por questões morais e convencionais e assumiu que possuía posição de resistência frente a esses preceitos. Por fim, na carta, informou que planejava enfrentar seus pais e parentes com relação a esse casamento forçado e no momento em questão estava de partida para Tóquio para se encontrar com Raichô.

A carta demonstrou grande ressentimento em relação à moralidade e às convenções antiquadas. Incapaz de suportar a dor por mais um minuto, ela pretendia desafiar sua família com sua última gama de sua força para viver de acordo com suas convicções. Para atingir esse objetivo, ela estava vindo para Tóquio e esperava nos conhecer. O tom da longa carta, repleta de suas letras minúsculas, era arrogante e cheio de suas próprias suposições, mas não havia dúvida de que a carta de Nôe causou uma impressão mais distinta do que as outras centenas de cartas que passaram ao escritório (HIRATSUKA, 2006, p. 192).⁵¹

Neste trecho notamos a importância dessa construção de História Pública que Raichô nos presenteou. Em outros escritos ou recortes tal importância poderia ter sido deixada de lado, e introduzido tais personagens históricas como Kokichi e Nôe, apenas como dados ou não ter focado em todo esse desenvolvimento entre escritoras da revista e leitoras que enviaram suas cartas como mecanismo de retorno a seus conteúdos. Além de nossa protagonista sempre frisar a importância das cartas recebidas e desse diálogo, sabendo das minúcias de comunicação e da

⁵¹ Texto Original: The letter literally churned with fierce resentment of outmoded morality and convention. Unable to bear the pain a minute longer, she intended to defy her family with the last ounce of her strength and live according to her convictions. In order to achieve this goal, she was coming to Tokyo and hoped meet us. The tone of the long letter, crammed with her tiny writing, was arrogant and full of her own assumptions, but there was no question that Noe's letter made a more distinct impression than the hundreds of others came to the office (HIRATSUKA, 2006).

disseminação do conhecimento histórico, sem sequer imaginar que construiu uma História Pública e que posteriormente seria posta em debate.

Logo após essa carta, Raichô escreveu em sua autobiografia, que Nôe chegou em seu escritório, e seu interesse pela história dessa jovem apenas aumentou ao vê-la pessoalmente. Aos olhos de nossa protagonista, a jovem não passava de uma criança casada, e justamente revoltada com sua situação, ao mesmo tempo que a impressionou por tão pouca idade e já ter tanta consciência e desejo por ocupar um lugar diferente na sociedade. Ouviu atentamente sua consumidora, que trouxe algo poderoso, a certeza que o projeto Seitô funcionou, estava ajudando mulheres na condição de Nôe, ou parecidas, a terem um espaço de autoafirmação de suas queixas. Retirando-as por breves momentos de uma sociedade que as invalidaram. Após a conversa, a jovem explicou que havia sido acolhida por um antigo professor Tsuji Jun em Tóquio, mas que precisava retornar para a casa em Kyushu. Voltou decidida a resolver as coisas e ser ouvida por seus parentes. Porém, na carta recebida por Raichô um mês após seu retorno, ela demonstrou desespero. Nada havia sido resolvido com a família, não como planejado por ela, o pensamento suicida se tornou algo recorrente, juntamente com as crises incessantes de choro. Por fim pediu dinheiro para Raichô, para que ela pudesse fugir (HIRATSUKA, 2006).

Preocupada com Nôe, foi em busca de Tsuji Jun para conversarem sobre a situação da amiga, pouco sabia ela nesse momento do real teor da relação entre os dois. Jun se prontificou a se responsabilizar pela jovem, alegando que era uma “menina muito inteligente”. Raichô não viu perigo em suas palavras, em vista que Nôe também se referia a ele como “professor” apenas. Apenas após a gravidez, nossa protagonista descobriu sobre a demissão de Jun da escola em que lecionou para a jovem e o motivo foi a relação dos dois (HIRATSUKA, 2006).

Ao se instalar com Jun, Nôe já iniciou seus trabalhos na Seitô, mesmo durante a gravidez demonstrou grande eficiência e energia. Tanto Kokichi como a jovem apresentaram um alto nível de sensibilidade para a escrita, diferente de outras de suas respectivas idades. Aos olhos de nossa protagonista, as duas foram as grandes estrelas da Seitô. De acordo com Raichô, Nôe desenvolveu mais seu empenho e escritos sobre as novas mulheres do que Kokichi. Ela fez uma pequena análise sobre o impacto da jovem no grupo Seitô. Ela observou que mesmo as integrantes do projeto possuindo duras críticas à estrutura social japonesa, ainda assim levaram certas heranças conservadoras sobre o que era ser mulher, tendo por base o confucionismo, alguém que nasceu exclusivamente para cuidar do marido, dos filhos e da casa. Essa observação se torna ainda mais rica com a afirmação de Simone de Beauvoir de que não se nasce mulher, e não remetemos isso a uma pluralidade de construções de mulheres e sim de um construto específico de feminino.

Retornemos ao Japão com esse olhar, essa formação de mulher estava diretamente ligada e enraizada mesmo nas mais rebeldes e críticas de sua sociedade. Essa feminilidade salientada por Raichô, firmada em pilares Confucianos, remete à discussão que houve dentro da revista em relação aos desleixos à limpeza no ambiente de trabalho e na casa da jovem. Esse fluxo de discussão entre as colaboradoras foi tão intenso que chegou a surgir comentários como “a casa de Nôe é um verdadeiro lixo” (HIRATSUKA, 2006, p. 288) essa na verdade foi outra característica de como a jovem assimilou o anarquismo em sua vida. Porém, em exposição, Raichô afirmou não ter julgado os desleixos da jovem, por ter julgado o relacionamento dela com Jun de uma dinâmica interessante. Ele provia tempo e cuidava do filho, para que Nôe pudesse continuar com seu ritmo acelerado de produção de artigos para a Seitô (HIRATSUKA, 2006).

Os principais assuntos marcados nas páginas da revista produzidos por Nôe foram sobre o real valor da virgindade, houve também manifestos em favor da Nova Mulher e várias traduções e análises sobre os livros de Emma Goldman, um fator, já citado, de relevância na formação identitária de Nôe. (HIRATSUKA, 2006). Defendia o amor livre com todos e de todas as formas, e não se submeter a qualquer homem, apenas àqueles que lhe atraíssem. Diversas vezes escreveu sobre a necessidade de destruir a noção de virgindade, e de não depender financeiramente de ninguém. Inclusive foi considerada como uma mulher imprópria para casar pela sociedade conservadora, e até mesmo para adeptos do anarquismo (ARAÚJO, 2019).

No começo de 1915 Raichô precisou se afastar do comando da revista por questões de saúde, e escolheu Itô Nôe para dar continuidade ao seu trabalho na chefia da Seitô. Essa transição teve forte impacto na identidade do projeto, que passou a ser chamado de Seitô da Itô. Em primórdios de julho de 1915, a nova editora chefe publicou “Pensamentos aleatórios” na revista do mês. O artigo teve um significativo impacto, considerando que se tratava de algo estritamente pessoal. No mesmo, ela desabafou sobre a traição de Tsuji Jun com sua prima, e o desenrolar emocional que isso acarretou a ela. Por fim, informou pelo escrito que estava deixando Tóquio com seu marido e seu filho para dar à luz a seu segundo filho em sua cidade natal. Isso deixou Raichô muito abalada e chocada e escreveu para suas leitoras e leitores que a revista não estava chegando ao fim e que ela estava muito animada para retornar a escrita. Porém, as especulações e fofocas perduraram até novembro de 1915. Muitos questionamentos se davam em torno do motivo da volta da escritora para sua cidade natal, sendo que era de conhecimento público a relação nada receptiva de Nôe com sua família e vice e versa. A tentativa de salvar o relacionamento não foi bem sucedida, deixando o casal Nôe e Jun

finalizarem sua história ainda em 1915 e deram início a fase crítica, e o final da revista (HIRATSUKA, 2006).

Em fevereiro de 1916 foi publicado o último exemplar da revista “Seitô”. Segundo nossa protagonista, o projeto nunca havia sido pensado para almejar o lucro. Porém, a empreitada também não foi barata, sobreviveu por um bom período com financiamento de sua mãe e outra parte com o lucro das vendas dos impressos. A Seitô foi uma revista feita totalmente para as leitoras, para seu público, acima de qualquer outra coisa, então sem Raichô disponível para o comando e com Nôe em notável situação crítica às novas produções foram suspensas, e da mesma forma que a jovem havia deixado seu primeiro marido para ficar com Tsuji, ela dessa vez deixou seu filho mais velho e sua revista para que pudesse ficar com Ôsugi Sakae (HIRATSUKA, 2006). Mesmo sendo uma ativista ávida e uma mulher de forte representação social, Nôe não foi bem aceita como companheira de Ôsugi por seus companheiros anarquistas. O relacionamento começou a três, com o casal anarquista e com outra integrante da revista Seitô, Kamichika Ichiko. Ôsugi ainda estava casado com Hori Yasuko, uma mulher que viveu dentro dos costumes. No entanto, quando começou a se relacionar com as duas escritoras reconhecidas, os participantes da organização se voltaram contra ele (ARAÚJO, 2019).

Entre os anarquistas, Ôsugi nunca foi bem quisto. Não era alvo de questionamentos quando casado com Hori Yasuko e mantinha os costumes japoneses com a subserviência da mulher. Entretanto, em seu relacionamento com Kamichika Ichiko e Itô Nôe, ambas mulheres radicais vinculadas à revista Seitô, seu nome passou a estampar os jornais do Japão a partir de denúncias de anarquistas que o acusavam de infidelidade. Tinham com elas relações livres. Todos seguiam três condições: cada pessoa deveria ser economicamente independente; morar separada da outra e agir livremente em todas as questões, inclusive relações sexuais. Kamichika, entretanto, apesar de ter corroborado com o combinado, não soube lidar com a situação e acabou tentando matar Ôsugi a facadas em 1916 (ARAÚJO, 2019 p.134).

Além disso, seus compatriotas não a deram méritos nem mesmo por seus feitos em relação à ideologia anarquista e sua propagação por mulheres no Japão.

Entre os anarquistas, Itô Nôe era comumente colocada à sombra de Ôsugi. Era relegada ao papel de simples companheira de um dos libertários de maior expressão na Ásia e de tradutora das obras de Emma Goldman para o japonês. [...] Itô jamais ocupou uma posição de simples companheira. Quando conheceu Ôsugi, tinha certo destaque nos movimentos feministas por sua radicalidade (ARAÚJO, 2019, p.141).

A aproximação entre Itô Nôe e Ôsugi Sakae (1885-1923), editor chefe da revista Pensamento Moderno (Kindai Shiso) foi quase inevitável. O amor dos dois pela ideologia

anarquista, e as posições de escritores de artigos para revistas que ocuparam, os levou cada vez mais para perto um do outro. Se conheceram em 1914 nas reuniões entre os círculos de amizade tanto anarquistas, como de escritores. Ôsugi foi considerado um grande líder anarquista no Japão, por seus artigos de manifestos publicados em revistas, traduções de livros sobre a temática e escrita com bases nesse ideal. Quando Nôe começou a publicar sobre Emma Goldman em meses finais de 1914 e a fazer traduções de seus livros, foi o período em que houve uma real aproximação entre os dois, pois além do assumido amor pelo anarquismo, Nôe deixou demonstrar a influência de Goldman, que por sua vez defendia o amor livre, sem amarras e rótulos. Ôsugi também acreditava na mesma forma de amor livre, anarquista. Foi com ele que ela se casou novamente após o casamento forçado pela família, eles tiveram um relacionamento marcado por muita paixão e militância anarquista. E foi também através desse caminho que Nôe encontrou sua morte precoce (HIRATSUKA, 2006).

A jovem foi autora da breve união entre os conservadores e os anarquistas ao ser uma figura tão radical. Em livros produzidos no início do século XX, sobre a temática feminista no Japão, seu nome foi ocultado e apenas mencionado como tradutora dos livros de Emma Goldman. Outras vezes seu nome é mencionado como o responsável pelo fechamento da revista Seitô, mesmo que o grupo tenha feito seu encerramento com o apoio público de Raichô (MACKIE, 2003).

Dia primeiro de setembro de 1923 aconteceu o maior terremoto da Era Moderna no Japão, ficou conhecido como “Grande terremoto Kantô”⁵² de 7.9 de magnitude, destruindo mais de 63% das edificações da cidade. Conforme mencionado por Raichô foi anunciado em torno de 106.000 mortos e desaparecidos, hoje temos um número que ultrapassa 140.000 mortos. Para entendermos um pouco do nível da situação, em 2011 houve outro grande abalo sísmico na região do anel do fogo no extremo oriente, na mesma região foi registrado 7.3 e além do terremoto houve também tsunamis em outras partes do Japão. Com tamanho desastre a capital foi posta em lei marcial, se tratava de um momento de guerra contra a Coréia e com o desastre o Japão se tornou tanto politicamente, como geograficamente vulnerável.

Figura 9 - Foto de uma das regiões atingidas pelo terremoto Kantô

⁵² <http://g1.globo.com/mundo/noticia/2012/01/grande-sismo-em-toquio-e-mais-provavel-do-que-diz-governo-estudo-1.html>



Fonte: Imagem:Kanto-daishinsai.jpg|thumb|180px retirada do Wikimedia Commons, acessado em 10 de outubro de 2021

A população diante do pavor tornou-se ainda mais suscetível à formação de grupos vigilantes assassinando coreanos inocentes e organizações anarquistas e comunistas se levantando em tom de ordem, de revolução. Foi então que o fatídico dia chegou, 16 de abril de 1923 poucos dias após todo o caos se instaurar, Raichô recebeu a notícia de que Itô Nôe que tinha 28 anos no momento, Ôsugi Sakae e seu sobrinho, de apenas 6 anos de idade, haviam sido levados por policiais e assassinados a pauladas em suas celas. Podemos afirmar que esse foi um dos muitos momentos históricos em que um desastre, seja de qualquer for a natureza, tornou parte dos sobreviventes insensíveis em relação a perda de vidas alheias e perigosamente confusos em relação ao número de mortos.

Em entrevista para o Fujin Kôron Raichô enviou um pequeno texto sobre o impacto da perda de Itô Nôe e quem foi essa jovem.

Ela era uma pessoa de profundas contradições. Por um lado, ela era como uma doce menina - honesta, pura, natural, inocente - e por outro lado arrogante, teimosa, egocêntrica, irresponsável, atrevida e rancorosa Ela deu rédea solta às suas emoções, mas, no final das contas, não havia originalidade em seu pensamento ... Incapaz de pensar, estudar ou examinar a si mesma, ela compreendia com sensibilidade e lucidez incomuns apenas as coisas e pessoas de que gostava. Ela cresceu e se alimentou entendendo, simpatizando e

assimilando os pensamentos de quem ela amava no momento, ... Nôe era um tipo raro no Japão, uma verdadeira filha da natureza, que passou a vida exibindo o melhor e o pior nas mulheres (CRAIG, 2006, p. 421)⁵³

Sobre a Reforma Social ela enfatizou:

A simples ideia de um chamado movimento social feminino me fez estremecer, pois ainda não tinha me recuperado dos golpes mentais, físicos e financeiros do ano anterior. [...] Mesmo assim, o sufrágio feminino nunca esteve longe de sua mente. Incentivada pela aprovação da Lei do Sufrágio Universal da Humanidade em maio de 1925 e pela formação de partidos proletários em 1926, ela expressou sua esperança de que as mulheres dessem seu apoio aos novos partidos, que estavam "todos preocupados com as questões femininas, em particular o sufrágio feminino, e assumiram posições radicalmente diferentes das dos partidos estabelecidos (CRAIG, 2006, p. 241)⁵⁴

Em suma, Raichô encontrou em um movimento transnacional com livros da escritora sueca Ellen Key um novo tipo de liberdade para as mulheres. O movimento das Novas Mulheres trouxe essa dinâmica que hoje buscamos dar à História Pública no Brasil, um lugar de diálogo entre públicos, principalmente para aqueles considerados às margens, e com isso abrir espaços para outras, como Ellen Key, com novas visões sobre liberdade que possam alcançar o cotidiano de outras, como Raichô. Novidade encabeçada pelo grupo Seitô foi tudo, menos fraco. E deixou vestígios, tal como deve ser toda ação histórica, mesmo quando silenciada.

A revista sem sombras de dúvidas foi o projeto de maior valor para nossa protagonista, mesmo tendo durado menos de uma década, assim como para a História do Feminismo no Japão. A revista foi um espaço de fala, de escrita de mulheres acima de qualquer coisa, isso atraiu jovens com sede de mudanças e força na militância, assim como a jovem Ito Nôe que teve sua carreira interrompida aos 28 anos. Essa jovem que se foi tão cedo, deixou marcas profundas em Raichô, que no pós Segunda Guerra Mundial se aproximou dos escritos anarquistas como os livros de Piotr Alexeyevich Kropotkin (1842-1921) chegando a trabalhar

⁵³ Texto Original: She was a person of deep contradictions. On one hand she was like a sweet young girl —honest, pure, natural, innocent—and on the other hand arrogant, stubborn, self-centered, irresponsible, brazen, and spiteful... She gave full rein to her emotions, but to the end there was no originality in her thinking... Incapable of quiet thought, study, or self-examination, she understood with unusual sensitivity and lucidity only the things and people that she was fond of. She grew and nurtured herself by understanding, sympathizing with, and assimilating the thoughts of whomever she loved at the moment,... Nôe was a type rare in Japan, a true daughter of nature, who went through life, flaunting the best and the worst in women.

⁵⁴ Texto Original: The very thought of a so-called women's social movement made me shudder, for I had yet to recover from the mental, physical, and financial blows of the previous year." 1 " 1Even so, women's suffrage was never far from her mind. Heartened by the passage of the Universal Manhood Suffrage Act in May 1925 and the formation of proletarian parties in 1926, she expressed her hope that women would lend their support to the new parties, which were "all concerned with women's issues, in particular female suffrage, and took positions radically different from those of the established parties."

neste período em sindicatos e movimentos de mesmo teor e se reconhecer como feminista de cunho anarquista (HIRATSUKA, 2006).

Ao longo de sua vida, Raichô continuou seu trabalho de luta sobre os direitos das mulheres, em críticas e questionamentos para suas leitoras refletirem, em outros jornais e revistas, sobre seus estados sociais e políticos. Até mesmo em momentos finais de sua vida, enquanto lutava contra o câncer, ela se manteve escrevendo sobre a temática, inclusive a autobiografia foi sua última obra, e ela precisou do auxílio de colegas e amigos para finalizar. Todavia, o brilho de sua obra, como autobiográfica, não se perdeu com escritos biográficos de amigos de Raichô, na verdade ganhou ainda mais uma dimensão de História Pública ao ter colaboradoras e colaboradores entrelaçando histórias sobre ela, em um livro escrito por nossa protagonista, mas encerramos por aqui nossa análise que abrange o desabrochar dessa *persona* pública japonesa de tanto impacto social, e que teve papel fundamental para entendermos o movimento das mulheres do início do século XX em um formato transnacional.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Diante das questões levantadas na introdução, organizamos esta pesquisa em três capítulos. Partimos da contextualização da década de 1970, especificamente o ano de 1971, quando da publicação da primeira parte da autobiografia de Raichô, e retrocedemos nossa análise para o século XIX. Nossa protagonista escreveu nos anos finais da década de 1960, enquanto passava por um tratamento de câncer. Era um momento da “década de ouro”, o Japão começava a colher os frutos dos esforços de reconstruir o país após a derrota na segunda guerra mundial (1945). Em um olhar um pouco mais geral, o mundo passava por um grande aumento dos movimentos feministas, formando a segunda onda feminista (1960-1980). A ativista que em vida havia feito muito pelos direitos das mulheres e por um Japão melhor, acreditou que a melhor forma de continuar a propagar o questionamento do papel da mulher na sociedade seria deixando por escrito sua história de vida. Então, de início temos dois cenários colocados em nosso trabalho, o fim de sua vida e o relembrar de sua juventude.

Por se tratar do Japão um país tão distante em vários aspectos, fizemos esse retorno para que a leitora e o leitor pudessem conhecer quem foi essa protagonista, resultado de uma História do Japão. Desde as crenças básicas japonesas descritas na primeira fonte escrita conhecida, o Kojiki, sobre a criação do Japão pelos deuses e como a linhagem do imperador era sagrada, até a Constituição de 1889 e a abertura da Revista Seitô. Buscamos apontar os principais elementos entre esses anos e os motivos que levaram a sociedade japonesa da Era do Regime *Bakufu*, – sob liderança de fortes *Shoguns* – a entrar em decadência, e a crise que colocou o imperador Meiji, com 16 anos, no poder. Percorremos analisando o nível de força política e econômica que foi a Era Meiji (1868-1912) atrelada ao xintoísmo, como forma de garantir o poder nas mãos do imperador de linhagem sagrada, advindo de Amaterasu. Em contraposição às décadas finais desta era, foi o acordar de uma nova geração com sede de conhecimento e desenvolvimento. De forma controlada, o imperador permitiu a entrada do conhecimento em pleno vapor, que estava sendo produzido na Europa, o que gerou um maior descontentamento principalmente para as mulheres. Como Raichô que queria engolir o mundo não se importando com o tamanho da “escalada”.

Ela queria escalar a montanha mais alta que conhecia, o monte Fuji, se não de forma física, que fosse mental. E então as primeiras barreiras que teve foram impostas pela filosofia confuciana e pelo imperador. A regra social e constitucional era que a mulher não existia como cidadã e deveria ser uma “boa esposa e sábia mãe”, portanto, não havia necessidade de estudar se não o básico para comandar uma casa e cuidar dos filhos. No entanto, já havia uma geração

anterior à ela ativa nas cobranças por educação igualitária e de qualidade, mesmo que ainda muito discreta, com alguns intelectuais do sexo masculino elevando suas vozes em clamor à educação, porém, poucos perto dos muitos que já possuíam essa dádiva. Raichô estudou o máximo que pode, pagou escondido e fez aulas avançadas de inglês. Ainda em fase de educação descreveu os impactos causados pelas guerras contra a China (1894-1895), a Rússia (1904-1905) e a Coreia (1910-1945). A tão sonhada Constituição dos japoneses demorou para ser moldada, sendo cobrada por seus cidadãos desde o início da Era Meiji, porém, a Constituição de 1889 não resolveu os problemas dos nipônicos causando uma crise com várias reformulações até a Constituição de 1945, quando finalmente as mulheres passaram a existir aos olhos do legislativo.

Nossa análise seguiu traçando os caminhos da formação intelectual de Raichô, no incidente Shiobara e na criação da revista Seitô. Ela passou por um momento religioso muito importante para sua formação como líder. Nossa protagonista questionou todas as religiões em voga e acessíveis a ela, ouviu os ensinamentos e realmente começou a crer. As duas religiões pontuadas na autobiografia como sendo as que ela mais teve interesse foram o cristianismo e o budismo. Levantou seus prós e contras. E se encontrou na linha *zazen* do budismo, sendo praticante até os anos finais de sua vida. Ao longo de sua autobiografia descreveu que em vários momentos críticos era aos monastérios budistas que ela se resguardava em meditações.

Na formação intelectual, em um contexto de proximidade do governo japonês com a Prússia, e com a paixão de seu pai pela língua germânica, Raichô teve bastante influência e passou a se interessar pela filosofia positivista e questões relacionadas à Ética e à Moral, principalmente por nomes como Spinoza, Georg Wilhelm, Hegel e Nietzsche. Este último teve uma especial influência por seus questionamentos em relação à moral e críticas à sociedade em que viveu. Chegou a afirmar, em sua autobiografia, que viu várias similaridades dos pensamentos de Nietzsche com os preceitos do *zazen* budista. No entanto, isso foi algo específico da Raichô, visto que paralelamente neste período o Japão passava por uma guerra contra a Rússia e as escolas japonesas passaram a apenas permitir leituras que enriquecem o ultranacionalismo.

Em meio ao curso superior de língua inglesa, e sua fome por conhecimento, Raichô fez laços importantes de amizade com professores. O principal deles foi Chokô, que com o tempo se tornou admirador do intelecto de nossa protagonista. Através dos grupos de estudo ministrados por ele, Raichô conheceu o Morita, um jovem professor. O interesse amoroso começou de ambos os lados, as conversas eram fluidas e livres, algo que foi marcante para Raichô e sua história de vida, resultando no Incidente Shiobara.

O incidente em si daria outras ótimas pesquisas, que precisaria da fluência na língua como premissa. Em conclusão a esse acontecimento, de um quase duplo suicídio, constatamos que para uma jovem mulher em um contexto de domínio do conservadorismo e o patriarcado, a ideia de um suicídio em manifestar sua existência e sua dor é muito mais certo e decidido do que para um homem – não desrespeitando aquele independente do sexo, que se decida por tal destino –, por mais desconstruído e sensível que este seja. Ainda que o Japão tenha uma tradição do *Seppuku*, que é o suicídio honroso praticado pelos samurais, associando a morte ao louvor, a autoquiria no íntimo humano é a perda de tudo, o desespero em mostrar o “eu” para o mundo. Em um mundo de pressões diversas, o conservadorismo nada mais é do que uma montanha sobre as mulheres muito mais pesada do que para os homens. Dito isso, ainda relembro Itô Nôe que também chegou a tal conclusão e Raichô conhecendo esse caminho a convidou a outro caminho, tal como havia feito Choko com ela.

O quase duplo suicídio e toda a tensão gerada com a tentativa, chamou a atenção de Choko que pouco tempo depois foi ao encontro de Raichô, e motivado por uma curiosidade em analisar a escrita das mulheres, deu a ela a ideia de liderar uma revista com esse propósito. O projeto inicial levantado pelo amigo, era de uma organização de mulheres proeminentes na escrita, jovens com interesse em divulgar seus trabalhos sob a liderança de Raichô. Com o incidente, Choko pode ter um pouco de noção do tamanho da vontade que existia em nossa protagonista, a viu como grande, e com medo que Raichô repetisse a dose na tentativa de suicídio, sua mãe aceitou financiar o projeto. Sem muito entusiasmo ela concordou, porém, conforme ela foi encontrando as mulheres, tendo reuniões para falar sobre a inauguração da revista, da escrita, da voz das mulheres, dos direitos inexistentes a elas, ela começou a desabrochar para a organização. A primeira reunião com as cinco fundadoras – Raichô Hiratsuka, Yasumochi Yoshiko, Mozume Kazuko, Kiuchi Teiko e Nakano Hatsuko – ocorreu no dia 07 de junho de 1911. Pouco tempo depois lançaram a revista inaugural com o manifesto escrito por Raichô.

O entusiasmo das leitoras apoiando, e as críticas dos conservadores em tentativas de sabotar o editorial foi grande. Então, se a História Pública é feita com conjunto e com objetivo primordial em foco no público, de acordo com vários/as historiadores/as como Rabello, Rovai, Malerba, Santiago, aqui a praticamos em duas frentes ao abrir esta pesquisa ao público amplo, e em analisar um movimento que foi de História Pública. Pois essas mulheres além de compartilharem a autoridade da Revista em expor escritos enviados por cartas, elas também tinham retorno de todos os lados dessa sociedade. Houve reações e resistência dos conservadores e do governo e mesmo assim, elas não fecharam suas portas por conta disso, isso

é o que Frischer explicou com autoridade compartilhada e disseminamento de uma real História Pública em construção.

E por fim, apresentamos as influências em Raichô, a partir da abertura da revista. Como uma mulher que organizou o grupo Seitô não tinha pretensões de abrir um periódico feminista e como esse processo aconteceu. Além do sucesso que foi a peça do norueguês Ibsen “*A casa de Bonecas*” e da busca por existir na Constituição, ela não se via como uma sufragista, como teve conhecimento na época. Sua intenção ia para além do Direito de voto, ia para uma questão sensível da escrita, para uma posição social, em críticas ao confucionismo.

Em anos iniciais da revista, Raichô conheceu os livros de Ellen Key, dos quais ela tomou quase como um guia por encontrar nessas palavras o conforto de alguém de pensamentos similares aos seus. As especificidades da vida e contexto de Key foram muito diversas das de Raichô, e ainda assim cruzou uma distância enorme até outra mulher que precisava desse conforto para firmar sua identidade como ativista. Essa circularidade de pensamento transnacional é um dos pontos fundamentais para entendermos essa pesquisa como de História Pública, pois, essa disseminação de conhecimento histórico de mulheres escandinavas deu força para um movimento de mulheres japonesas e criou uma nova identidade no Japão, foi ressignificada.

Os principais livros de Ellen Key que Raichô demonstrou em sua autobiografia de pensamentos paralelos foram *O século das crianças*, *Amor e Casamento* e o *Movimento das Mulheres*, e nossa análise perpassou por cada obra percebendo o pensamento crítico de cada escrito, e conseqüentemente de Ellen Key, e em seguida os impactos desses escritos na vida de nossa protagonista.

Outro encontro importante que abordamos foi de Raichô com Itô Nôe. Ela foi uma jovem importante tanto para a revista quanto para a editora-chefe. Por se tratar de um lugar de abertura para envio de cartas, publicação de situações e história de vidas de mulheres leitoras, Nôe foi uma dessas que entrou no grupo ao enviar uma carta. A escrita e o conteúdo mexeram muito com Raichô, que iniciou um diálogo com a jovem. Em algumas viagens e trocas de correspondências, Nôe acabou resolvendo sua situação, de um casamento arranjado pela família, abandonou seu marido e foi viver com seu antigo professor Tsuji Jun com quem teve dois filhos.

Já na revista seu empenho com a escrita e em trazer conteúdo foi enérgico, de acordo com nossa protagonista. Foi responsável por publicar traduções dos livros de Emma Goldman, uma importante ativista do feminismo e do anarquismo contemporâneo. Diferente de Raichô e Nôe, Goldman morou em vários países, o que a permitiu mesclar conhecimentos e a escrever

sobre uma gama maior de assuntos. Partir dessas leituras seu interesse pelo anarquismo, escreveu sobre o amor livre, o fim da valorização da virgindade e a independência econômica para as mulheres.

Em 1915 Raichô precisou se afastar da revista deixando Nôe na chefia. Na vida pessoal, conheceu Ôsugi Sakae, editor chefe de outra revista e outro energético anarquista. E neste mesmo ano Tsuji e ela passaram por uma crise no relacionamento que resultou em Nôe optar por abandonar ele com os dois filhos. Todo esse movimento acabou influenciando para o fechamento da revista Seitô, Raichô distante, Nôe chegou a abandonar a revista por uns meses e expor toda sua situação com Tsuji para os leitores, a falta de investidores e de dinheiro para dar continuidade ao grupo. Infelizmente foi essa jovem que esteve à frente neste momento, mas de forma alguma ela foi a causadora do encerramento de produção dos exemplares, foi apenas uma série de fatores unidos em um mesmo ano.

Com o fim iminente do relacionamento dela com Tsuji, Nôe e Ôsugi passaram a se aproximar, e assumiram o relacionamento aberto há pouco menos de um ano da separação dela com Tsuji – nunca foram efetivamente casados –. Ela se casou novamente com Ôsugi e tiveram mais quatro filhos e com ele, ela passou por um aborto. Os companheiros anarquistas não apoiavam o relacionamento dos dois. O primeiro motivo por ela ser uma integrante da revista Seitô e uma feminista radical, da mesma forma como era em relação ao anarquismo, a segunda por ela não acreditar na união monogâmica. Houve várias denúncias sobre a relação, vindas de anarquistas, e tanto conservadores quanto alguns defensores da causa anarquista escolheram ocultar seu nome e seus feitos, mantendo apenas a informação de tradutora dos escritos de Emma Goldman em produções de livros do início do século XX.

Foi a partir de suas crenças que Nôe acabou encontrando a morte precocemente, com 28 anos de idade. Dias após o “Grande terremoto Kantô” em 1923, Tókyo estava tomado pelo medo e desespero, antes das bombas atômicas essa foi a catástrofe de maior impacto que o Japão havia passado no século XX. Mesmo vitorioso nas últimas guerras, o sentimento não foi de segurança pelos ganhos e sim de vulnerabilidade por se tratar de um período entre guerras. Desconfiavam dos coreanos, chineses, comunistas e anarquistas que ali viviam. Em contrapartida os movimentos anarquistas e comunistas saíam às ruas em protesto a favor de suas ideologias. Em um desses dias Nôe, Ôsugi e um sobrinho deles foram presos, e os guardas ao reconhecerem os dois e saberem de suas famas, mataram os três a pauladas.

Ao final do livro, Raichô afirma sua posição anarquista após a morte de Nôe. De acordo com a tradutora, ela chegou a participar de sindicatos com base na ideologia, em protestos, e em auxílio aos trabalhadores que lhe procuravam auxílio. Para ela, a morte de Nôe foi uma

grande perda para o Japão, para o feminismo e para os movimentos anarquistas, o que a influenciou profundamente na escolha de seu caminho pós Seitô.

Em 1930, no mesmo ano em que Raichô se tornou chefe da cooperativa, ela se juntou à Aliança das Artes das Mulheres Proletárias (*Musan Fujin Geijutsu Domei*). Fundada por Takamure Itsue em janeiro, a organização anarquista tinha objetivos que ressoavam nos seus: como afirmado na edição inaugural da Frente Feminina (*Fujin sensen*, março de 1930), a organização se oporia a todas as formas de autoritarismo e trabalhava para a realização de uma sociedade autônoma; expor e extirpar todas as formas de tirania masculina na vida cotidiana e usar esse processo para despertar a consciência social das mulheres; e apresentar novas idéias e questões da perspectiva de uma mulher, a fim de criar uma nova sociedade e civilização(CRAIG,2006, p. 424)⁵⁵.

Em conclusão, a hipótese que levantamos no início das leituras é que Raichô Hiratsuka havia sido alicerce para a abertura do mercado de trabalho para as mulheres, e representante de um feminismo liberal nascente no início do século XX. No entanto, não podemos afirmar que ela foi apenas representante de um movimento com similaridades ao movimento feminista liberal. Raichô para uma intelectual do início do século XX, com tantas travas para as mulheres de seu país, foi feminista sim, liberal, anarquista, budista, nietzschiana, escritora, mãe, esposa e líder acima de tudo. Compreendê-la apenas de uma perspectiva seria minimizar os vários papéis sociais que ela desempenhou. Em sua autobiografia ela não assume apenas uma identidade ideológica e sim múltiplas.

Dentro dessa linha de pensamento podemos afirmar que Raichô foi representante das mulheres japonesas, pois esteve à frente da revista Seitô e leu todas as queixas e situações de vida dessas nipônicas que não possuíam mais ninguém para tal desabafo. Incentivou e encorajou essas mulheres a poder dar uma perspectiva de vida diferente.

Nesse sentido, se confirma a importância de analisarmos diferentes desenvolvimentos em cada país, de seus feminismos e a abordagem dada a esses. O Japão por ser considerado um país desenvolvido que se encontra em termos de violência doméstica e desigualdade entre mulheres e homens análogo ao Brasil, ou pior. Hoje, o Japão se encontra pelo Fórum Econômico Mundial em 121º lugar em Igualdade de gênero, uma colocação considerada pior que a do Brasil que se encontra em 92º. Em uma perspectiva liberal e econômica essa colocação

⁵⁵ Original: In 1930, the same year Raicho became head of the cooperative, she joined the Proletarian Women's Arts Alliance (*Musan Fujin Geijutsu Domei*). Founded by Takamure Itsue in January, the anarchist organization had goals that resonated with her own: as stated in the inaugural issue of Women's Front (*Fujin sensen*, March 1930), the organization would oppose all forms of authoritarianism and work toward the realization of an autonomous society; expose and extirpate all forms of male tyranny in everyday life and use this process to awaken women's social consciousness; and present new ideas and issues from a woman's perspective in order to create a new society and civilization.

demonstra duas coisas: a importância dada por instituições internacionais sobre a desigualdade de gênero, e que essa desigualdade influencia diretamente no desenvolvimento de um país, visto que em relação ao bem estar social para uma mulher o Japão não é o país ideal.

Em um ângulo humanista, a violência doméstica – registrada –, de acordo com a revista *Exame*, já chega a um terço sofrida por mulheres casadas. Nesse parâmetro, se fazem necessárias as comunicações entre os países para que possamos mostrar a importância de se discutir os feminismos e combater as interpretações equivocadas sobre o movimento feminista.

Nesse ponto, a abordagem da temática neste trabalho proporcionou compreendermos um contexto conservador, que mesmo emergindo mulheres que deram suporte a outras por meio de uma revista, sanar alguns problemas que tinham naquele momento, contudo, sem a manutenção do discurso e da frequente conscientização o desenvolvimento para a igualdade de gênero naquela sociedade, pode ficar estagnada.

Em conclusão a prática da História Pública, aqui fizemos uma análise da autobiografia que por si já poderia ser considerada uma fonte especificamente deste campo. Pois a autora buscou como objetivo principal a escrita para que seja reinterpretada por gerações futuras e por movimentos das mulheres de outros países, assim como Ellen Key fez com ela, não apenas uma circulação de conteúdo historiográfico sem qualquer impacto. Sua história de vida na revista *Seitô* e manifestos foram em ação de compartilhar a autoridade com suas leitoras. De uma forma quase maternal, ela se abriu numa intimidade para ensinar e ser compreendida, criou a *Seitô* e sua autobiografia não para ela, mas para o mundo. Ela deixou seu legado das formas mais públicas que conheceu.

REFERÊNCIAS

- ABU-LUGHOD, Lila. *Do Muslim Women Need Saving?* Massachusetts: Harvard Press, 2013.
- ALBIERI, Sara. História pública e consciência histórica. In.: ALMEIDA, Juniele Rabêlo de; ROVAI, Marta Gouveia de Oliveira (Org). *Introdução à história pública*. São Paulo: Letra e voz, 2011.
- ARAÚJO, Luíza Uehara. *Um anarquismo menor: práticas libertárias no Japão Imperial*. Tese de Doutorado em Ciências Sociais, defendida na Pontifícia Universidade Católica de São Paulo. 346 páginas. 2019.
- BARDSLEY, Jane. *The Bluestockings of Japan: New Women Essays and Fiction from Seito, 1911-16*, Michigan: Editora U of M Center For Japanese Studies, 2007.
- BEFU, Harumi. *Globalizing Japan, Ethnography of the Japanese presence in Asia, Europe, and America*, Nova York: Routledge, 1971.
- BEIJAMIN, Walter. *Obras Escolhidas: Magia e técnica, arte e política*. São Paulo: Editora brasiliense Vol I, 1985.
- BENEDICT, Ruth. *O Crisântemo e a Espada: Padrões da cultura japonesa*, São Paulo: Editora Perspectiva, 1972.
- BHABHA, Home K. A questão do “outro” diferença, discriminação e o discurso do colonialismo. In: HOLLANDA, Heloisa Buarque (org.), *Pós-Modernismo e Política*. 1. Ed. São Paulo: Rocco, 2003. p. 177-203.
- BOURDIEU, Pierre. Ilusão Biográfica. In: FERREIRA, Marieta De. *Usos e Abusos da História Oral*, 8 ed. São Paulo: Ed. FGV. 1986.
- BREEN, John; TEEUWEN, Mark. *A New History of Shinto*, 1 ed. Cambridge: Wiley-Blackwell, 2010.
- CERTEAU, Michel. *A Escrita da História*. Rio de Janeiro: Editora Forense Universitária. 1982.
- CHAISE, Mariana Falcão. "Feminismo transnacional: uma lente para o anti-orientalismo." In: Revista Estudos Feministas, vol. 24, no. 3, 2016, p. 1027-1040.
- CHALHOUB, Sidney; FONTES, Paulo. *História Social do Trabalho, História Pública*. Perseu, São Paulo: Perseu Abramo, n.4, ano 3, p.219-228, 2009.
- CHARTIER, Roger. *A história cultural entre práticas e representações*. Lisboa: Difel, 1990.
- D'ANNUNZIO, Gabriele. *Il trionfo della morte*. Ed. Createspace Independent Publishing Platform. 2014.
- DOSTOIEVSKI, Fiodor, *Crime e Castigo*. Ed. Martin Claret. 2013
- EDWARDS, Linda N; PASQUALE, Margaret. Women's Higher Education in Japan: Family background, economic factors, and the equal employment opportunity law. In *Journal of the Japanese and International Economies*, Vol 17, N° 1, páginas 1-32, 2002.

- FRASER, Nancy. *Mapeando a imaginação feminista: da redistribuição ao reconhecimento e à representação*, In: *Constellations*, Oxford: Blackwell Publishing Ltd., v. 12, n. 3, 2005. p. 295-307
- FRISCH, Michael. *A shared Authority: Essays on the Craft and Meaning of Oral and Public History*, Nova York: State University of New York Press, 1990.
- HANE, Mikiso. *Eastern Phoenix: Japan Since 1945*. Boulder: Westview Press, 1996.
- HARDING, Sandra. A instabilidade das categorias analíticas na teoria feminista. In: HOLLANDA, Heloisa Buarque (org.). *Pensamentos feministas conceitos fundamentais*. Ed Bazar Moderno. 2019, p. (95-120).
- HARDACRE, Hellen. *Shinto: A History*, 1 ed., Nova York: Oxford Press. 2017
- HIRATSUKA, Raichô. *In the Beginning Woman Was The Sun*. Translator by Tekugo Craig. New York: Columbia University Press, 2006.
- HUFFMAN, James L. *Japan in World History*. Oxford University Press. New York, 2010.
- IBSEN, Henrik. *The Doll's House*, San Diego: ICON Group International, 2005.
- ISOTANI, Mina. *A representação do feminino: a construção da mulher japonesa moderna*. Tese de Doutorado apresentada na Universidade de São Paulo. Departamento de teoria literária e literatura comparada. 2016.
- KAZUHIRO, Takii. *The Meiji Constitution, The Japanese experience of the West and the shaping of the modern state*. International House of Japan. Tokyo: 2007
- KEY, Ellen Karoline Sophia. *Woman Moviments*. New York: Original Works by Heath D. Alberts. 1909.
- KEY, Ellen Karoline Sophie. *O Século das Crianças*, Nova York e Londres: The Knickerbocker Press, 1911.
- KEY, Ellen Karoline Sophie. *The Woman Movement*, Nova York e Londres: The Knickerbocker Press, 1912.
- KOSAKU, Yoshino. *Cultural Nationalism: A sociological Enquiry*, Nova York: Routledge, 1992.
- LIDDINGTON, Jill. "O que é história pública?". In: ALMEIDA, Juniele Rabêlo de; ROVAI, Marta Gouveia de Oliveira (orgs.). *Introdução à história pública*. São Paulo: Letra e Voz, 2011.
- LINDÉN, Claudia. *Om kärlek: litteratur, sexualitet och politik hos Ellen Key. B. Östlings bokförl. Symposium*, Diss. Stockholm : Univ., 2002, Eslöv, 2002. Acesso em 25 de janeiro de 2019: <https://www.skbl.se/en/article/EllenKey>
- LOWY, Dina. *Love and Marriage: Ellen Key and Hiratsuka Raichô Explore Alternatives*. Gettysburg College, Gettysburg, Pennsylvania. 2004
- LUETCHFORD, Eido Michael. *Introduction to Buddhism and the Practice of Zazen: The teachings of Gudo Nishijima Roshi*, Bristol: Windbell Publications, 2000.

- MACKIE, Vera. *Feminism in Modern Japan: Citizenship, Embodiment and Sexuality*. Cambridge: CAMBRIDGE UNIVERSITY PRESS. 2003.
- MANNS, Ulla. Gender and Feminism in Sweden: The Fredrika Bremer Association. In: PALETSCHEK, Sylvia; PIETROW-ENNKER, Bianka. *Women's Emancipation Movements in the Nineteenth Century*. Stanford, California: Stanford University Press, 2004.
- MAUAD, Ana Maria; ALMEIDA, Juliene Rabêlo de; SANTHIAGO, Ricardo. *História pública no Brasil: Sentidos e itinerários*, Editora Letra e Voz, SÃO PAULO: 2016
- MEHL, Margaret. *Miwada Masako and Atomi Kakei*. In: *Journal Women's History Review*, Cambridge, Vol. 10, nº 4, Páginas 579 – 602, Setembro 2007
- MISTRY, Freny. *Nietzsche and Buddhism*. Nova York: de Gruyter, 1981.
- NIETZSCHE, Friedrich. *Assim Falou Zaratustra*. 3 ed. São Paulo: Vozes de bolso, 1885
- ORTIZ, Renato. *O Próximo e o Distante: Japão e Modernidade – Mundo*, São Paulo: Editora Brasiliense, 2000.
- PANOFSKY, Dora; PANOFSKY, Erwin. *Pandora's Box: The changing aspects of a mythical symbol*, 2 ed. Nova York: Bollingen Foundation, 1953.
- PRIORI, Claudia; PEREIRA, Márcio José. *Estudos de Gênero e seus percursos: intersecções possíveis com a História Pública*. Ed Brazil Publishing. 2021.
- SAID, Edward W. *Orientalismo: O oriente como invenção do ocidente*. São Paulo, 1990.
- SAKURAI, Célia. *Os Japoneses*. 2ª ed. São Paulo: Contexto, 2016.
- SCOTT, Joan. Gênero: uma categoria útil para análise histórica. In: HOLLANDA, Heloisa Buarque (org.). *Pensamentos feministas conceitos fundamentais*. Ed Bazar Moderno. 2019, p. (49-83).
- SWALE, Alistair. *The Meiji Restoration: Monarchism communication and conservative Revolution*, Hampshire: Palgrave Press, 2009.
- VÁZQUEZ, Georgiane Garabely Heil. Gênero, Sexualidade e Divulgação científica: Reflexões sobre uma experiência de História Pública. In: PRIORI, Claudia; PEREIRA, Márcio José. *Estudos de Gênero e seus percursos: intersecções possíveis com a História Pública*. Ed Brazil Publishing. 2021 p.16-33.
- VELHO, Gilberto. Ciências Sociais e Biografia Individual. In: *Estudos Históricos*, Rio de Janeiro, nº 38, julho-dezembro de 2006, p. 3-9.
- YAMASHIRO, José. *Japão: Passado e Presente*, São Paulo: HUCITEC, 1978.